



Babilônia: a Religião dos Mistérios

* ANTIGA E MODERNA *



RALPH

WOODROW



Babilônia: a Religião dos Mistérios

Ralph Woodrow

Traduzido por Paulo de Aragão Lins

Direitos autorais reservados (c) 1966
Ralph Woodrow Evangelistic Association, Inc. (USA)

Pedidos deste livro à representação brasileira da Associação
Evangelística

Ralph Woodrow, Inc.:

Caixa Postal 1467

50.001 Recife, PE

PREFÁCIO

Este livro não é mais um livro erudito, enfadonho e repetitivo que nos deixa cansados desde a leitura das primeiras páginas! Não! Trata-se de uma série de revelações, fatos insólitos, curiosos, iluminados pelo Espírito Santo, que desvelam completamente a face oculta do mistério da Babilônia antiga e da moderna.

É incrível como vemos, pouco a pouco, desfilar em frente aos nossos olhos as mil maneiras como a Igreja romana astuciosamente misturou rituais, dias, festas e símbolos pagãos com o cristianismo da qual ela se arroga o direito de ser a única defensora.

O irmão Ralph Woodrow de maneira sábia, erudita, porém agradável e séria mostra-nos como este fato terrível foi acontecendo século após século. É incrível, porém verdadeiro, que houve períodos em que um título de bispo ou cardeal podia ser comprado por qualquer ninharia e concedido até a crianças!

É quase inacreditável, prezado leitor, mas você mesmo constatará, ao olhar para sua igreja, após a leitura deste livro, que nela existem muitos símbolos e cerimônias pagãos. Você verá também que muitas dessas misturas foram feitas conscientemente, com a única finalidade de aumentar o número de membros da igreja e não para glorificar a Deus.

Finalmente, após a leitura deste livro, você irá apegar-se mais à Bíblia, nossa única regra de fé e de prática. Verá como a tradição romanista pode, com engenhosidade levar tantos ao erro e à perdição.

Nossos votos é que a leitura de “Babilônia: A Religião dos Mistérios”, venha a aproximá-lo mais de Jesus, aquele que é o mesmo ontem, hoje e eternamente!

Pr. Paulo de Aragão Lins
O Editor Brasileiro

ÍNDICE

1. BABILÔNIA - FONTE DA RELIGIÃO FALSA.

Princípio da Babilônia Nimrode. Seu primeiro rei um poderoso caçador um rebelde contra Deus sua esposa Semiramis seu filho Tamuz falsificações. Um relato bíblico e histórico de como o paganismo babilônico espalhou-se entre as nações, foi absorvido pelo Império Romano, e foi finalmente mesclado com o cristianismo em Roma.....07

2. A ADORAÇÃO DA MÃE E DO FILHO.

A rainha Semiramis e seu filho-deus. Tamuz como o culto deles se desenvolveu sob diferente nomes e formas em vários países como isto se misturou com as doutrinas da igreja caída Títulos pagãos aplicados a Maria.....13

3. ADORAÇÃO A MARIA.

Proeminência indevida prestada a Maria na igreja da apostasia. A imaculada concepção, a virgindade perpetua, e a Assunção de Maria, teorias consideradas à luz das Escrituras, O Rosário sua origem e história.....21

4. SANTOS, DIAS SANTOS E SÍMBOLOS.

Quem são os santos? Devemos orar a eles? A adoração aos santos mostrada como sendo uma continuação de devoção pagã aos deuses e deusas do paganismo. O uso dos ídolos, imagens e figuras como objetos de adoração. A auréola.....30

5. OBELISCOS, TEMPLOS E TORRES.

Significado dos antigos obeliscos o uso deles a frente dos templos pagãos o obelisco da Catedral de São Pedro, em Roma. A história do Monte do Vaticano. Construções elaboradas e dispendiosas de igrejas. A torre de Babel torres religiosas.....40

6. A CRUZ É UM SÍMBOLO CRISTÃO?

O uso generalizado do símbolo da cruz sua antiga origem sua história entre as tribos pagãs suas várias formas e seus significados.....49

7. CONSTANTINO E A CRUZ.

A visão da cruz na Ponte de Milvian. A "conversão" de Constantino mostrada como sendo um embuste. Examinada a história da descoberta de Helena da "verdadeira" cruz.....58

8. AS RELÍQUIAS DO ROMANISMO.

Pedaços da verdadeira cruz e outras relíquias examinadas muitas mostraram ser falsificações. O uso de relíquias para "consagrarem" uma igreja uma superstição pagã. A origem da idéia.....63

9. FRAUDE RELIGIOSA.

Peregrinações venda de indulgências as vendas de Tetzal na Alemanha Lutero a Reforma. O purgatório sua origem e suas lendas pagamento de orações. Adoração de Moloque.....68

10. PEDRO FOI O PRIMEIRO PAPA?

Igualdade enfatizada por Cristo. "Sobre esta rocha edificarei a minha igreja". Pedro e os papas comparados. O ministério de Pedro comparado com o de Paulo Pedro foi a Roma?77

11. A ORIGEM PAGÃ DO OFÍCIO PAPAL.

Os supremos pontífices do paganismo o sumo sacerdote dos mistérios as "chaves" místicas Janus a tiara a mitra do deus-Peixe adoração a Dagon o púlpito a "cadeira" de Pedro a estátua de Júpiter com o nome mudado para o de Pedro beijos a um ídolo carregando um ídolo procissões papais os "abanadores" Fabelli.....82

12. IMORALIDADE PAPAL.

A história nada santa do ofício papal. A visita de Lutero a Roma. A papisa.....95

13. OS PAPAS SÃO INFALÍVEIS?

O Concílio de 1870. O julgamento de Formosus e Estevão. Contradições apresentadas a teoria da "infalibilidade". Cristo e os papas comparados. O número místico 666.....105

14. A DESUMANA INQUISIÇÃO.

Perseguição de protestantes. O cavalo-de-pau, a virgem-de-ferro e outros instrumentos de tortura descritos. Perseguições em Beziers, Lavour. Orange. Paris, etc.....110

15. "DOMINADORES SOBRE A HERANÇA DE DEUS".

Os cardeais a origem do seu ofício suas vestimentas vermelhas. Os bispos pontos-de-vista escriturísticos e tradicionais colocados lado a lado. O "clero" o governo da igreja o ministério dos presbíteros na igreja local. Títulos religiosos.....116

16. UM SACERDÓCIO SOLTEIRO.

A doutrina do celibato da Babilônia sua história e imoralidade O confessorário sua origem e propósito. Padres vestidos de vestimentas negras. A tonsura, símbolo do sol.....122

17. A MISA.

A transubstanciação seu significado, origem e história. A obra "consumada" no Calvário constatado com a missa. O ostensório, a "hóstia" redonda, uma descrição dos símbolos redondos do sol e seu uso no paganismo, as ledas místicas I.H.S, o drama-Misterio. A Ceia do Senhor e a missa comparadas.....129

18. TRÊS DIAS E TRÊS NOITES.

O sinal de Jonas. Cristo foi crucificado em uma sexta-feira? Em que dia foi a ressurreição?.....142

19. PEIXE, SEXTA-FEIRA E O FESTIVAL DA PRIMAVERA.

O peixe, um símbolo de fertilidade sua associação com a Deusa-Mãe e a Sexta-Feira. A festa da Páscoa ovos, coelhos e pãezinhos marcados com uma cruz. Cultos ao nascer do sol "a lamentação por Tamuz" a Quaresma.....143

20. O FESTIVAL DE INVERNO.

Em que Estação Cristo nasceu? A Saturnália presentes, árvores e costumes. O dia de São João. O dia da Assunção. Dia da Missa das Velas. Como os dias pagãos continuaram na igreja. com nomes mudados, e recebendo a aparência exterior de cristianismo.....155

21. O MISTÉRIO DA MISTURA.

Um breve resumo da mistura como foi escondida misturas no Velho testamento comparadas. O verdadeiro cristianismo deve ser baseado na Bíblia e não na tradição. Salvação somente através de Cristo.....163

Notas de Rodapé.....169

Bibliografia.....180

Acerca do Autor.....185



O PAPA CELEBRANDO MISSA NO ALTAR-MÓR DA IGREJA DE SÃO PEDRO, EM ROMA. Os papas e os bispos tem realmente poder de transformar o pão e o vinho no corpo e no sangue de Cristo, durante o misterioso ritual da missa? Veja a resposta no Capítulo Dezesete.

CAPÍTULO UM

Babilônia *Fonte Da Religião Falsa*

A RELIGIÃO MISTÉRIOS da Babilônia tem sido simbolicamente descrita no último livro da Bíblia como uma mulher “vestida” de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição; e na sua testa estava escrito o nome: **“MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA”** (Apocalipse 17:1-6).

Quando a Bíblia usa linguagem simbólica, uma “mulher” pode simbolizar uma igreja. A verdadeira igreja, por exemplo, é comparada com uma noiva, uma virgem casta, uma mulher sem mácula nem ruga (Ef. 5:27; Ap. 19:7,8). Mas. Em gritante contraste com a verdadeira igreja, a mulher do nosso texto é descrita como uma mulher impura, uma mulher envilecida, uma prostituta. Se for correto aplicar este simbolismo a um sistema eclesiástico, está claro que somente uma igreja envilecida e caída poderia ter tal significado! Em grandes letras maiúsculas, a Bíblia chama-a de **“MISTÉRIO BABILÔNIA”**.



Quando João escreveu o livro de Apocalipse, a Babilônia – como uma cidade – já havia sido destruída e deixada em ruínas, como os profetas do Velho Testamento haviam predito (Isaías 13:19-22; Jer. 51-52). Mas, embora a cidade de Babilônia tenha sido destruída, os conceitos religiosos e costumes que se originaram na Babilônia continuaram e foram bem representados em muitas nações do mundo. Então, qual foi a religião da antiga Babilônia? Como começou tudo isto? Que significado ela traz para os tempos modernos? Como tudo isto se encaixa com o que João escreveu no livro de Apocalipse?

Voltando as páginas do tempo para o período um pouco antes do dilúvio, os homens começaram a migrar desde o Oriente, “e aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali” (Gn. 11:2). Foi nesta terra de Sinar que a cidade de Babilônia foi edificada e esta terra tornou-se conhecida como Babilônia ou mais tarde como Mesopotâmia.

Aqui o Eufrates e o Tigre depositaram ricas porções de terra que podia produzir safras em abundância. Mas, havia certos problemas que o povo encarava. Uma deles era o fato que a terra era percorrida constantemente por animais selvagens que eram uma ameaça constante para a segurança e a paz dos habitantes (cf. Êxodo 23:29,30). Obviamente qualquer um que pudesse, com sucesso, fornecer proteção desses animais selvagens, receberia grande aclamação por parte do povo.

Foi a esta altura dos acontecimentos, que um homem enorme, poderoso, chamado Nimrode, apareceu em cena. Ele se tornou poderoso, um poderoso caçador contra os animais selvagens. A Bíblia nos diz: “E Cusi gerou a Nimrode; este começou a ser poderoso na terra. E este foi poderoso CAÇADOR diante do Senhor” (Gn. 10:8,9).

Aparentemente o sucesso de Nimrode como poderoso caçador fez com que ele se tornasse famoso entre aquelas pessoas primitivas. Ele se tornou “um poderoso” na terra – um líder famoso nos negócios do mundo. Ganhando este prestígio, esquematizou um melhor meio de proteção. Em lugar de combater constantemente os animais selvagens, por que não organizar as pessoas em cidades e circundá-las com paredes de proteção? Em seguida, por que não organizar estas cidades em um reino? Evidentemente este foi o pensamento de Nimrode, pois a Bíblia nos diz que ele organizou tal reino. “E o princípio do seu reino foi Babel, e Ereque, e Acade, e Calne, na terra de Sinar” (Gn.10:10). O reino de Nimrode é o primeiro mencionado na Bíblia.

Sejam quais forem os melhoramentos que tenham sido feitos por Nimrode. devem ter sido bons e corretos, mas Nimrode foi um governante iníquo.

O nome Nimrode vem de marad e significa, "ele se rebelou." A expressão que ele foi um poderoso "diante do Senhor pode trazer um significado hostil a palavra "diante" sendo algumas vezes utilizada como significando "contra" o Senhor.¹ A *Jewish Encyclopedia* diz que Nimrode foi "aquele que fez todo o povo rebelar-se contra Deus."²

O notável historiador Josefo escreveu: "Agora, foi Nimrode que os excitou a tal afronta e contenda contra Deus... Ele também gradualmente mudou o governo, levando-o à tirania, não vendo qualquer outra maneira de desviar os homens do temor de Deus... as multidões estavam muito prontas a seguir as determinações de Nimrode... e eles construíram uma torre, não medindo sofrimentos, nem sendo em nenhum grau negligentes a respeito da obra: e, por razão da multidão de mãos empregadas nela, ela cresceu, ficando muito alta ... O lugar onde eles edificaram a torre é agora chamado Babilônia."³

Baseando suas conclusões em informações que nos tem vindo através da História, das lendas e da mitologia, Alexander Hislop tem descrito com detalhes como a religião babilônica desenvolveu-se em torno de tradições concernentes a Nimrode, sua esposa Semíramis, e seu filho Tamuz.⁴ Quando Nimrode morreu, de acordo com as antigas narrativas, seu corpo foi cortado em pedaços, queimado, e enviado a várias áreas.



Tamuz

Práticas semelhantes são mencionadas até mesmo na Bíblia (Juizes 19:29; I Samuel 11:7). Após a sua morte, que foi grandemente pranteada pelo povo da Babilônia, sua esposa Semiramis reivindicou que ele agora era o deus-sol. Mais tarde, quando deu à luz a seu filho Tamuz reivindicou que este filho Tamuz era seu herói Nimrode renascido. (A gravura ao lado mostra a maneira como Tamuz veio a ser representado na arte clássica.) A mãe de Tamuz havia provavelmente escutado a profecia do Messias que viria a ser nascido de uma mulher, pois esta verdade era conhecida desde os tempos mais primevos (Gn. 3:15). Ela reivindicou que seu filho fôra concebido de maneira sobrenatural e que era a semente prometida, o "salvador". Na religião que se originou daí, contudo, não somente o filho foi adorado, mas a mãe também passou a ser adorada!

A maior parte do culto babilônico era levado a efeito através de símbolos misteriosos - era uma religião de "mistérios". O bezerro de ouro, por exemplo, era um símbolo de Tamuz, filho do deus-sol. Uma vez que Nimrode era acreditado ser o deus-sol ou Baal, o fogo era considerado como sua representação terrestre. Assim sendo, como veremos, velas e fogos rituais eram acesos em sua honra. Em outras formas, Nimrode era simbolizado por imagens do sol, peixes, árvores, obeliscos e animais.

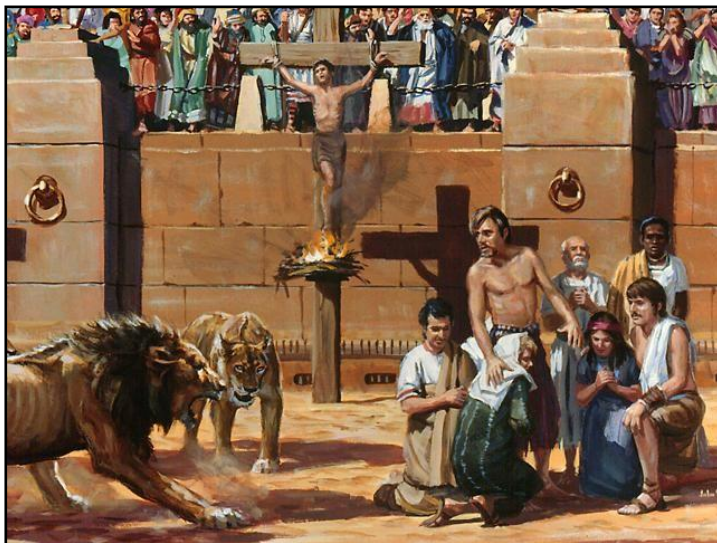
Séculos mais tarde, Paulo deu uma descrição que se adapta perfeitamente ao que o povo da Babilônia seguiu: "Quando conheceram a Deus, não o glorificaram como Deus ... mas tornaram-se vãos em suas imaginações, e seu coração enlouquecido se obscureceu. Professando ser sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em uma IMAGEM feita à semelhança do homem corruptível, e a aves, e a bestas quadrúpedes, e coisas que se arrastam... mudaram a verdade de Deus em mentira, e adoraram e serviram a CRIATURA mais do que ao CRIADOR ... por esta causa Deus os entregou a vis afeições." (Rm. 1:21-26).

Este sistema de idolatria espalhou-se da Babilônia para as nações. Pois foi desta localização que os homens foram espalhados por sobre a face da terra (Gn. 11:9). Enquanto saíam da Babilônia, levavam consigo seu culto da mãe e do filho, e os vários símbolos misteriosos com ele. Heródoto, o corre-mundo e historiador da antiguidade, testemunhou a religião misteriosa e seus rituais em numerosos países e menciona como a Babilônia foi a fonte primitiva de onde todos os sistemas de idolatria floresceram. Bunsen diz que o sistema religioso do Egito derivou-se da Ásia e do "primitivo império de Babel". Em seu notável trabalho *Ninive e Seus Remanescentes*. Layard declara que temos o testemunho conjunto da história sacra e profana que a idolatria originou-se na área da Babilônia - o mais antigo dos sistemas religiosos.

Todos estes historiadores foram citados por Hislop.⁵ Quando Roma tornou-se império mundial, é fato conhecido que ela assimilou dentro do seu sistema os deuses e religiões dos vários países pagãos que dominava.⁶ Desde que a Babilônia era a fonte de paganismo desses países, podemos ver como a religião primitiva da Roma pagã não era outra senão o culto babilônico que havia se desenvolvido e tomado várias formas e nomes diferentes nos países para os quais foram.

Conservando isto em mente, notamos que foi durante este tempo – quando Roma dominava o mundo – que o verdadeiro Salvador, Jesus Cristo, nasceu, viveu entre os homens, morreu e ressuscitou. Ele subiu aos céus, enviou o Espírito Santo, e a igreja do Novo Testamento foi estabelecida na terra. Que dias gloriosos! A pessoa só tem que ler o livro de Atos para ver como Deus abençoou seu povo naqueles dias. Multidões foram acrescentadas à igreja – a verdadeira igreja. Grandes sinais e maravilhas foram realizados, enquanto Deus confirmava sua Palavra com sinais que se seguiam. O verdadeiro Cristianismo, ungido pelo Espírito Santo, varreu o mundo como um fogo na pradaria. Ele circundou as montanhas e cruzou os oceanos. Fez reis tremerem e tiranos temerem. Foi dito daqueles cristãos primitivos que eles haviam transtornado o mundo! – tão poderosos foram sua mensagem e seu espírito.

Antes de anos demais terem passado, contudo, os homens começaram a se estabelecer a si mesmos como “senhores” sobre o povo de Deus no lugar do Espírito Santo.



Cristãos martirizados

Em lugar de conquistar por meios espirituais e pela verdade – como nos dias primitivos os homens começaram a substituir suas idéias e seus métodos. Tentativas de fundirem o paganismo com o cristianismo estavam sendo feitas até mesmo nos dias quando nosso Novo Testamento estava sendo escrito, pois Paulo mencionou que “o mistério da iniquidade” já estava operando, avisou que viria uma “apostasia” e alguns “deixariam a fé, dando ouvidos a espíritos sedutores e doutrinas de demônios” – as doutrinas camufladas dos pagãos (II Ts. 2:3,7; I Tm. 4:2). Pelo tempo que Judas escreveu o livro que traz seu nome, foi necessário para ele exortar o povo a “contender diligentemente pela fé que Uma VEZ foi entregue aos santos”, pois certos homens haviam se introduzido que estavam tentando substituir coisas que não eram de forma alguma parte da fé original (Judas 1:3,4).

O cristianismo ficou face a face com o paganismo babilônico nas suas várias formas as quais tinham sido estabelecidas no Império Romano. Os cristãos primitivos recusavam-se a ter algo a ver com seus costumes e crenças. Resultou muita perseguição. Muitos cristãos foram falsamente acusados, atirados aos leões, queimados em estacas e torturados e martirizados de outras maneiras.

Foi quando grandes mudanças começaram a ser feitas. O imperador de Roma professou conversão ao cristianismo. Ordens imperiais saíram por todo o império que as perseguições deveriam cessar. Os bispos receberam grandes honrarias. A igreja começou a receber reconhecimento e poderes mundanos. Mas, por tudo isto um grande preço teve que ser pago! Muitos compromissos foram feitos com o paganismo. Em lugar da igreja ser separada do mundo, ela se tornou uma parte deste sistema mundano. O imperador mostrando favor, exigiu um lugar de liderança na igreja; pois no paganismo os imperadores eram tidos como deuses. Dai em diante, misturas por atacado foram feitas do paganismo com o cristianismo, especialmente em Roma. Acreditamos que as páginas que se seguem provam que foi esta mistura que produziu aquele sistema que é conhecido hoje como a Igreja Católica Romana. Não duvidamos que existem muitos católicos excelentes, sinceros e devotos. Não é nossa intenção tratar com leviandade ou ridicularizar qualquer pessoa de cujas crenças possamos discordar. Em vez disto, desejariamos que este livro pudesse inspirar pessoas – a despeito de sua afiliação religiosa – a abandonar as doutrinas babilônicas e seus conceitos, e buscar um retorno à fé que uma vez foi entregue aos santos.

CAPÍTULO DOIS

A Adoração Da Mãe E Do Filho

UM DOS EXEMPLOS MAIS destacados de como o paganismo babilônico tem continuado até nossos dias pode ser visto na maneira como a igreja romanista inventou a adoração a Maria para substituir a antiga adoração à deusa-mãe.

A história da mãe e do filho foi largamente conhecida na antiga Babilônia e desenvolveu-se até ser uma adoração estabelecida. Numerosos monumentos da Babilônia mostram a deusa-mãe Semíramis com seu filho Tamuz nos braços.¹ Quando o povo da Babilônia foi espalhado para as várias partes da terra, levaram consigo a adoração da mãe divina e de seu filho.



Semíramis e Tamuz

Isto explica porque muitas nações adoravam uma mãe e um filho – de uma forma ou de outra – séculos antes do verdadeiro Salvador, Jesus Cristo, ter nascido neste mundo! Nos vários países onde este culto se espalhou, a mãe e o filho foram chamados por diferentes nomes pois, relembramos, a linguagem foi confundida em Babel.

Os chineses tinham uma deusa-mãe chamada Shingmoo ou “Santa Mãe”. Ela é representada com um filho nos braços e raios de glória ao redor da cabeça.²

Os antigos germanos adoravam a virgem Hertha com o filho nos braços. Os escandinavos a chamavam de Disa, que também era representada com um filho. Os etruscos chamavam-na de Nutria, e entre os druidas a Virgo-Patitura era adorada como a “Mãe de Deus.” Na Índia, era conhecida como Indrani, que também era representada com o filho nos braços, conforme é mostrado na ilustração que se segue.



Indrani e seu filho

Devaki e Krishna

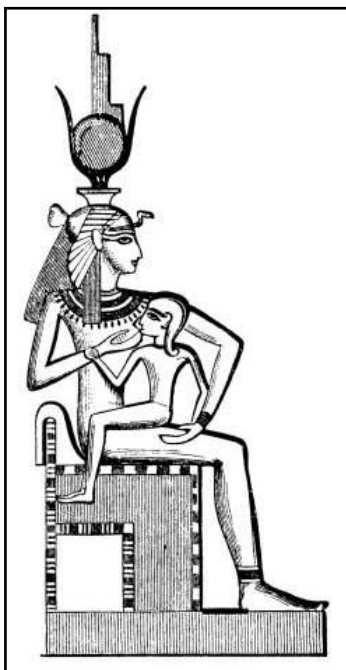
A deusa-mãe era conhecida como Afrodite ou Ceres pelos gregos; Nana. Pelos sumérios; e como Venus ou Fortuna, pelos seus devotos nos velhos dias de Roma, e seu filho como Júpiter.³ A ilustração acima mostra a mãe e o filho como Devaki e Krishna. Por várias eras, Ísis, a “Grande Deusa” e seu filho Iswara, tem sido adorados na Índia, onde templos foram erigidos para sua adoração.⁴

Na Ásia, a mãe era conhecida como Cibele e o filho como Deíus. "Mas, a despeito de seu nome ou lugar", diz um escritor, "ela foi a esposa de Baal, a virgem rainha dos céus, que ficou grávida, sem jamais ter concebido de varão."⁵

Quando os filhos de Israel caíram em apostasia, eles também foram enganados por esta adoração da deusa-mãe. Como lemos em Juízes 2:13: "Eles deixaram ao Senhor: e serviram a Baal e a Astarote." Astarote ou Astarte era o nome pelo qual a deusa era conhecida pelos filhos de Israel. É penoso pensar que aqueles que haviam conhecido o verdadeiro Deus, o abandonassem e adorassem a mãe pagã. Ainda assim era exatamente o que faziam repetidamente (Juízes 10:6; I Samuel 7:3,4; 12:10; I Reis 11:5; 11 Reis 23:13). Um dos títulos pelos quais a deusa era conhecida entre eles era o de "rainha dos céus" (Jeremias 44:17-19). O profeta Jeremias repreendeu-os por a adorarem, mas eles se rebelaram contra sua advertência.

Em Éfeso, a grande mãe era conhecida como Diana. O templo dedicado a ela, naquela cidade, era uma das sete maravilhas do mundo antigo! Não somente em Éfeso, mas em toda a Ásia e em todo o mundo a deusa era adorada (Atos 19:27).

No Egito, a mãe era conhecida como Ísis e seu filho como Hórus. É muito comum os monumentos religiosos do Egito mostrarem o infante Hórus sentado no colo de sua mãe.



Ísis e Hórus

Esta falsa adoração, tendo se espalhado da Babilônia para as diversas nações, com diferentes nomes e formas, finalmente estabeleceu-se em Roma e em todo o Império Romano. Diz um notável escritor com relação a este período: À adoração da Grande Mãe foi muito popular sob o Império Romano. Insccrições provam que os dois (a mãe e o filho) recebiam honras divinas não somente na Itália e especialmente em Roma, mas também nas províncias, especialmente na África, Espanha, Portugal, França, Alemanha, e Bulgária.”⁶

Foi durante esse período quando o culto da mãe divina foi muito destacado, que o Salvador, Jesus Cristo, fundou a verdadeira Igreja do Novo Testamento. Que gloriosa Igreja ela foi naqueles dias primitivos! Pelo terceiro e quarto século, contudo, o que era conhecido como a “igreja” havia, em muitas maneiras abandonado a fé original, caindo em apostasia a respeito do que os apóstolos haviam avisado. Quando essa “queda” veio, muito paganismo foi misturado com o cristianismo. Pagãos não convertidos eram tomados como professores na igreja e em numerosas ocasiões tinham a permissão de continuar muitos dos seus rituais e costumes pagãos – usualmente com umas poucas reservas ou mudanças, para fazer suas crenças parecerem mais semelhantes à doutrina cristã.

Um dos melhores exemplos de tal transferência do paganismo pode ser visto na maneira como a igreja professada permitiu que o culto da grande mãe continuasse – somente um pouquinho diferente na forma e com um novo nome! Veja você, muitos pagãos tinham sido trazidos para o cristianismo, mas tão forte era sua adoração pela deusa-mãe, que não a queriam esquecer. Líderes da igreja comprometidos viram que, se pudessem encontrar alguma semelhança no cristianismo com a adoração da deusa-mãe, poderiam aumentar consideravelmente o seu número. Mas, quem podia substituir a grande mãe do paganismo? É claro que Maria, a mãe de Jesus, pois era a pessoa mais lógica para eles escolherem. Ora, não podiam eles permitir que as pessoas continuassem suas orações e devoções a uma deusa-mãe, apenas chamando-a pelo nome de Maria. em lugar dos nomes anteriores pelos quais era conhecida? Aparentemente foi este o raciocínio empregado, pois foi exatamente o que aconteceu! Pouco a pouco, a adoração que tinha sido associada com a mãe pagã foi transferida para Maria.

Mas a adoração a Maria não fazia parte da fé cristã original.

É evidente que Maria, a mãe de Jesus, foi uma mulher excelente, dedicada e piedosa – especialmente escolhida para levar em seu ventre o corpo de nosso Salvador – mesmo assim nenhum dos apóstolos nem mesmo o próprio Jesus jamais insinuaram a idéia da adoração a Maria. Como afirma a Enciclopédia Britânica, durante os primeiros séculos da igreja, nenhuma ênfase, fosse qual fosse, era colocada sobre Maria.⁷ Este ponto é admitido pela *The Catholic Encyclopedia* também: A devoção a Nossa Bendita Senhora, em última análise, deve ser olhada como uma aplicação prática da doutrina da Comunhão dos Santos. Vendo que esta doutrina não está contida, pelo menos explicitamente, nas formas primitivas do Credo dos Apóstolos, não há talvez qualquer campo para surpresa de não descobrirmos quaisquer traços claros do “culto da Bendita Virgem nos primeiros séculos cristãos”, sendo o culto de Maria um desenvolvimento posterior.⁸



Diana de Éfeso

Não foi até o tempo de Constantino – a primeira parte do quarto século – que qualquer um começou a olhar para Maria como uma deusa. Mesmo neste período, tal adoração foi combatida pela igreja, como é evidente pelas palavras de Epifânio (403 d.C.) que denunciou alguns da Trácia, Arábia, e qualquer outro lugar, por adorarem a Maria como uma deusa e oferecerem bolos em seu santuário. Ela deve ser honrada, disse ele, “mas que ninguém adore Maria.”⁹ Ainda assim, dentro de apenas uns poucos anos mais, o culto a Maria foi não apenas ratificado pela que conhecemos hoje como Igreja Católica, mas tornou-se uma doutrina oficial no Concílio de Éfeso em 431!

Em Éfeso? Foi nessa cidade que Diana tinha sido adorada como a deusa da virgindade e da fertilidade desde os tempos primitivos!¹⁰ Dizia-se que ela representava os primitivos poderes da natureza e foi assim esculpida com muitos seios. Uma coroa em forma de torre, símbolo da torre de Babel, adornava sua cabeça.

Quando as crenças são por séculos conservadas por um povo, elas não são facilmente esquecidas. Assim sendo, os líderes da igreja em Éfeso – quando veio a apostasia – também raciocinaram que se fosse permitido às pessoas conservarem suas idéias a respeito de uma deusa-mãe, se isto fosse misturado com o cristianismo e o nome de Maria fosse colocado no lugar, eles poderiam ganhar mais convertidos. Mas este não era o método de Deus. Quando Paulo veio para Éfeso nos dias primitivos, nenhum compromisso foi feito com o paganismo. As pessoas eram realmente convertidas e destruíram seus ídolos da deusa (Atos 19:24-27). Quão trágico que a igreja em Éfeso, em séculos posteriores, se compromettesse e adotasse uma forma de adoração da deusa-mãe, tendo o Concílio de Éfeso finalmente transformado isto em uma doutrina oficial!

Uma posterior indicação que o culto a Maria passou a existir partindo do antigo culto à deusa-mãe, pode ser visto nos títulos que são atribuídos a ela. Maria é frequentemente chamada “A Madona.” De acordo com Hislop, esta expressão é a tradução de um dos títulos pelos quais a deusa babilônica era conhecida. Em forma deificada. Nimrode veio a ser conhecido como Baal. O título de sua esposa, a divindade feminina, seria o equivalente a Baalti. Em Português, esta palavra significa “minha Senhora”; em Latim, “Mea Domina”, e em Italiano, foi corrompida para a bem conhecida “Madonna”!¹¹ Entre os fenícios, a deusa-mãe era conhecida como “A Senhora do Mar”¹², e até mesmo este título é aplicado a Maria – embora não exista qualquer conexão entre Maria e o mar! As Escrituras tornam claro que existe apenas um mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem (1 Tm. 2:5). Ainda assim o catolicismo romano ensina que Maria também é uma “mediadora”. As orações para ela formam uma parte muito importante do culto católico.

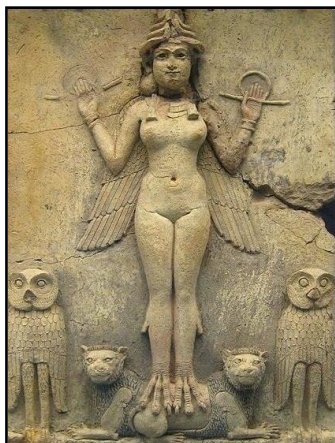
Não existe base escriturística para esta idéia, embora este conceito não fosse estranho às idéias ligadas à deusa-mãe. Ela trazia como um dos seus títulos "Milita", que é a "Mediatrix", "Medianeira", ou "Mediadora".

Maria é frequentemente chamada "rainha dos céus". Mas Maria, a mãe de Jesus, não é a rainha dos céus. "A rainha dos céus" foi um título da deusa-mãe que foi adorada séculos antes de Maria ter ao menos nascido. Bem antes, nos dias de Jeremias, o povo estava adorando a "rainha dos céus" e praticando rituais que eram sagrados para ela. Como lemos em Jeremias 7:18-20: "Os filhos apanham a lenha, os pais acendem o fogo, e as mulheres amassam a farinha, para se fazerem bolos à rainha dos céus."

Um dos títulos pelos quais Ísis era conhecida era a "mãe de Deus." Mais tarde este mesmo título foi aplicado a Maria pelos teólogos de Alexandria. Maria era, é claro, a mãe de Jesus, mas somente no sentido de sua natureza humana, sua humanidade. O significado original de "mãe de Deus" ia além disto; acrescentava uma posição glorificada à MÃE e a igreja católica da mesma maneira foi muito ensinada a pensar assim a respeito de Maria!

A imagem da deusa-mãe com o filho nos braços estava tão firmemente gravada na mente pagã quando vieram os dias da apostasia que, de acordo com um escritor, á antiga imagem de Isis e do filho Horus foi finalmente aceita, não somente na opinião popular, trias, por sanção episcopal formal, foi aceita como a imagem da Virgem e do seu filho."¹³ Representações de ísis e do seu filho foram frequentemente colocadas em uma moldura de flores. Esta prática também foi aplicada a Maria, como aqueles que tem estudado arte medieval bem o sabem.

Astarte, a deusa fenícia da fertilidade, era associada com a lua crescente, como é visto em uma antiga medalha.



Astarote

A deusa egípcia da fertilidade, Ísis, era representada como estando de pé sobre a lua crescente com estrelas rodeando sua cabeça.¹⁴ Nas igrejas católicas romanas por toda a Europa podem ser vistas pinturas de Maria exatamente da mesma maneira! A ilustração que segue (conforme é vista nos catecismos católicos) apresenta Maria com doze estrelas circundando sua cabeça e a lua crescente debaixo dos pés!

De numerosas maneiras, líderes da apostasia tentaram fazer Maria parecer semelhante às deusas do paganismo e exaltá-la a um plano divino. Uma vez que os pagãos tinham estátuas da deusa, assim também estátuas eram feitas de "Maria". Diz-se que em alguns casos, as mesmas estátuas que tinham sido adoradas como Ísis (com seu filho) simplesmente ganharam outro nome, como de Maria e Cristo menino. "Quando o cristianismo triunfou" diz um escritor, "estas pinturas e figuras tornaram-se as figuras da madona e do filho sem qualquer quebra da continuidade: nenhum arqueólogo, de fato, pode agora dizer se alguns desses objetos representam uma ou outra."¹⁵

Muitas dessas figuras renomeadas foram coroadas e adornadas com jóias – exatamente da mesma maneira das imagens das virgens hindus e egípcias. Mas Maria, a mãe de Jesus, não era rica (Lucas 2:24; Lev. 12:8). De onde, então, vieram essas jóias e coroas que são vistas nestas estátuas que supostamente são dela?

Através de compromissos – alguns muito óbvios, outros mais ocultos – a adoração da antiga mãe continuou dentro da "igreja" da apostasia, misturada, com o nome de Maria sendo substituto dos antigos nomes.



CAPÍTULO TRÊS

Adoração A Maria

Talvez a PROVA MAIS destacada que a adoração a Maria foi decorrente do velho culto da deusa-mãe pagã, possa ser vista no fato que na religião pagã a mãe era tão (ou mais) adorada do que seu filho! Isto fornece uma chave importante para ajudar-nos a resolver o mistério da Babilônia hoje! O verdadeiro cristianismo ensina que o Senhor Jesus – e somente ELE – é o caminho, a verdade, e a vida; que somente ELE pode perdoar pecados; que somente ELE de todas as criaturas da terra, jamais viveu uma vida sem qualquer mancha de pecado; e ELE é que tem que ser adorado – nunca sua mãe. Mas, o catolicismo romano – mostrando a influência que o paganismo tem tido em seu desenvolvimento – de muitas maneiras também exalta a MÃE.

Alguém pode viajar o mundo inteiro, e seja numa imponente catedral seja na capela de um vilarejo, a estátua de Maria sempre ocupará posição de destaque. Recitando-se o Rosário, a “Ave Maria” é repetida nove vezes mais do que a “Oração do Senhor”. Os católicos são ensinados que a razão para rezarem para Maria é que ela pode levar a petição para seu filho, Jesus; e desde que ela é sua mãe, ele responderá ao pedido por causa dela. A inferência é que Maria é mais compassiva, compreensiva e misericordiosa do que seu filho Jesus. Certamente isto é contrário às Escrituras! Ainda assim, esta idéia tem sido frequentemente repetida nos escritos católicos.

Um notável escritor, Alfonso de Liguori, católico, escreveu extensamente, dizendo quão mais eficiente são as orações dirigidas a Maria do que as que são dirigidas a Jesus Cristo. Liguori, incidentalmente, foi canonizado como um “santo” pelo papa Gregório XIV em 1839 e foi declarado “doutor” da igreja católica pelo papa Pio IV. Em uma porção dos seus escritos, ele descreveu uma cena imaginária na qual um homem pecador viu duas escadas suspensas do céu. Maria estava no topo de uma; Jesus no topo da outra. Quando o pecador tentou subir por uma das escadas, viu o rosto irado de Cristo e caiu vencido.



***"Jacopone de Todi diante da Bendita Virgem."
Tirado de uma gravura em madeira (1490)***

Mas, quando subiu a escada de Maria, subiu com facilidade e foi abertamente recebido por Maria que o levou ao céu e apresentou-o a Cristo! Daí em diante tudo estava bem. A história tinha a intenção de mostrar quão mais fácil e mais eficiente é ir a Cristo através de Maria.¹

O mesmo escritor disse que o pecador que se aventurar a ir diretamente a Cristo poderá enfrentar o terror de sua ira. Mas, se ele rezar para a Virgem, ela terá apenas de "mostrar" ao filho "os peitos que o amamentaram" e sua ira será imediatamente amenizada!² Tal raciocínio está em conflito direto com um exemplo escriturístico. "Bem-aventurado o ventre que te trouxe", disse uma mulher a Jesus, "e os peitos em que mamaste!" Mas Jesus respondeu, "Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam" (Lc. 11:27,28).

Tais idéias a respeito dos seios, por outro lado, não são estranhas aos adoradores da deusa-mãe pagã. Imagens dela têm sido pintadas ou esculpidas mostrando frequentemente seus seios extremamente fora de proporção em relação ao corpo. No caso de Diana, para simbolizar sua fertilidade, ela é pintada com nada menos do que cem peitos!

Tentativas posteriores de exaltar Maria a uma posição glorificada dentro do catolicismo podem ser observadas na doutrina da "imaculada concepção".

Esta doutrina foi pronunciada e definida por Pio IX em 1854 — que a Bendita Virgem Maria “no primeiro instante de sua concepção...foi preservada isenta de toda mancha do pecado original.”³ Este ensinamento pode parecer que é apenas um esforço posterior de fazer Maria parecer ainda mais com a deusa do paganismo, pois nos antigos mitos, a deusa foi criada como tendo uma concepção sobrenatural! As histórias variam, mas todas falam de acontecimentos sobrenaturais em conexão com sua entrada no mundo, que ela era superior aos demais mortais, que era divina. Pouco a pouco, de modo que os ensinamentos a respeito de Maria não parecessem inferiores aos da deusa-mãe, foi necessário ensinar que a entrada de Maria neste mundo envolveu também um elemento sobrenatural!

A doutrina de que Maria nasceu sem a mancha do pecado original é escriturística? Responderemos a isto nas palavras da própria *The Catholic Encyclopedia*: “Nenhuma prova direta, ou categórica e estrita do dogma pode ser encontrada nas Escrituras.” É indicado, antes, que estas idéias foram um desenvolvimento gradual dentro da igreja.⁴

Bem aqui deveria ser explicado que esta é uma talvez a única diferença básica entre o entendimento que a Igreja Católica tem do cristianismo e o que revela a posição geral do protestantismo. A Igreja Católica Romana, como ela mesma afirma, tem há muito crescido e se desenvolvido ao redor de um grande número de tradições e idéias manipuladas por padres da igreja através dos séculos, até mesmo crenças trazidas do paganismo, se cias pudessem ser “cristianizadas” e também das Escrituras. Conceitos de todas estas fontes tem sido misturados e desenvolvidos, para finalmente tornarem-se dogmas em vários concílios da igreja. Por outro lado, o ponto de vista que a Reforma Protestante procurou reviver, foi um retorno às verdadeiras Escrituras como uma base mais sólida para a doutrina, com pouca ou nenhuma ênfase sobre as idéias que se desenvolveram nos séculos seguintes.

Indo diretamente às Escrituras, não somente não existe qualquer prova para a idéia da imaculada conceição de Maria, como existe evidência do contrário. Apesar de ter sido um vaso escolhido do Senhor, uma mulher virtuosa e piedosa — uma virgem — ela foi tão humana como qualquer outro membro da família de Adão. “Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3:23), sendo a única exceção o próprio Jesus Cristo. Como qual quer outra pessoa, Maria precisou de um salvador e admitiu isto plenamente quando disse: “E o meu espírito se alegra em Deus meu SALVADOR” (Lc. 1:47).

Se Maria necessitou de um salvador, ela não era em si mesma uma salvadora.

Se necessitou de um salvador, então precisou ser salva, perdoada, e redimida – assim como os outros. O fato é que a divindade de nosso Senhor não dependia de sua mãe ser algum tipo de pessoa exaltada ou divina. Em lugar disto. Ele foi divino porque foi o unigénito filho de Deus. Sua divindade veio de Seu Pai celestial.

A idéia que Maria era superior aos outros seres humanos não foi o ensinamento de Jesus. Certa vez alguém mencionou sua mãe e seus irmãos. Jesus perguntou: "Quem é minha mãe? e quem são meus irmãos?" Em seguida, estendendo sua mão na direção dos seus discípulos, disse: "Eis minha mãe e meus irmãos! Pois QUALQUER UM que fizer a vontade do meu Pai que está nos céus, o mesmo é meu irmão, e irmã, e MÃE" (Mt. 12:46-50). Plenamente o bastante, qualquer um que fizer a vontade de Deus está, em um sentido definido, no mesmo nível de Maria.

Cada dia católicos no mundo inteiro recitam a Ave Maria, o Rosário, o Angelus, as Litanias da Bendita Virgem, e outras rezas semelhantes. Multiplicando o número dessas orações, vezes o número de católicos que as recitam cada dia, alguém tem calculado que Maria teria que escutar 46.296 petições por segundo! Obviamente ninguém a não ser Deus mesmo poderia fazer isto. Não obstante, os católicos acreditam que Maria escuta todas essas orações; e assim sendo, por uma questão de necessidade, tiveram que exaltá-la ao nível divino – seja escriturístico ou não!

Tentando justificar a maneira pela qual Maria tem sido exaltada, alguns tem citado as palavras de Gabriel a Maria, "Bendita sois entre as mulheres" (Lc. 1:28). Porém Maria sendo "bendita entre as mulheres" não podem fazer dela uma pessoa divina, pois muitos séculos antes disto, uma bênção semelhante foi pronunciada sobre Jael. de quem foi dito: "Bendita acima das mulheres será Jael, esposa de Héber, o Quenita..." (Juizes 5:24).



Antes do Pentecostes, Maria reuniu-se com os outros discípulos esperando pela promessa do Espírito Santo, lemos que os apóstolos "todos continuaram de um só acordo em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria, a mãe de Jesus, e seus irmãos" (Atos 1:14). Típicos das idéias católicas concernentes a Maria, a ilustração abaixo (conforme é vista no Catecismo Oficial de Baltimore⁵) tenta dar a Maria uma posição central. Mas, como todos os estudantes da Bíblia o sabem, os discípulos não estavam olhando para Maria naquela ocasião. Eles estavam olhando para seu CRISTO ressuscitado e elevado aos céus, esperando que ele derramasse sobre eles o dom do Espírito Santo. Notamos também, no desenho, que o Espírito Santo (como uma pomba) é visto pairando sobre ela! Ainda assim, até onde o relato bíblico se refere, o único sobre quem o Espírito desceu como uma pomba foi o próprio Jesus - não sua mãe! Por outro lado, a virgem deusa pagã sob o nome de Juno foi frequentemente representada com uma pomba sobre a cabeça. Assim também o foram Astarote, Cibele, e Ísis!⁶

Tentativas posteriores para glorificar Maria podem ser vistas na doutrina católica romana da virgindade perpétua. Este é o ensinamento que Maria permaneceu virgem por toda a sua Vida. Mas, como o explica a *The Encyclopedia Britannica*, a doutrina da virgindade perpétua de Maria não foi ensinada até uns trezentos anos após a ascensão de Cristo. Não foi antes do Concílio de Calcedónia em 451 que esta fabulosa qualidade ganhou o reconhecimento oficial de Roma.⁷

De acordo com as Escrituras, o nascimento de Jesus foi o resultado de concepção sobrenatural (Mt. 1:23), sem um pai terrenal. Mas, após Jesus ter nascido, Maria deu à luz a outros filhos

— os rebentos naturais de sua união com José, seu marido. Jesus foi o "primogênito" filho de Maria (Mt. 1:25); não diz que ele foi seu único filho. Jesus sendo seu filho primogênito pode inferir que mais tarde ela teve um segundo filho, possivelmente um terceiro, etc. Que tal foi o caso parece aparente, pois os nomes dos quatro irmãos são mencionados: Tiago, José, Simão e Judas (Mt. 13:55). Irmãs também são mencionadas. As pessoas de Nazaré disseram: "...e suas irmãs, não estão todas entre nós?" (versículo 56). A palavra "irmãs" é plural, é claro, assim sendo sabemos que Jesus teve pelo menos duas irmãs e provavelmente mais, pois este versículo fala de "todas" as suas irmãs. Usualmente se estamos nos referindo a somente duas pessoas, diríamos ambas", não "todas" elas. A implicação é que pelo menos três irmãs são referidas. Se figurarmos três irmãs e quatro irmãos, meio-irmãos e meio-irmãs de Jesus, isto faria de Maria a mãe de oito filhos.

As Escrituras dizem: "José...não a conheceu até que ela deu a luz ao seu filho primogênito: e ele chamou seu nome JESUS" (Mt. 1:25). José "não a conheceu" até que Jesus nasceu, mas depois disto, Maria e José uniram-se como marido e mulher e filhos foram nascidos deles. A idéia que José conservou Maria como uma virgem toda a sua vida é claramente não escriturística.

Durante os tempos da apostasia, como se para mais intimamente identificar Maria com a deusa-mãe, alguns ensinaram que o corpo de Maria jamais viu corrupção, que ela ascendeu corporalmente aos céus e é agora a "Rainha dos céus." Não foi até este presente século, contudo, que a doutrina da "assunção" de Maria foi oficialmente proclamada como doutrina da igreja católica romana. Foi em 1951 que o papa Pio XII proclamou que o corpo de Maria não viu corrupção, mas foi tomado para os céus.⁸

As palavras de São Bernardo resumem a posição católica romana: Ao terceiro dia após a morte de Maria, quando os apóstolos se reuniram ao redor de sua tumba, eles a encontraram vazia.



Assunção de Maria

O corpo sagrado tinha sido levado para o Paraíso Celestial...o túmulo não teve qualquer poder sobre aquela que fora imaculada...Mas não foi o bastante que Maria fosse recebida nos céus. Ela não era para ser qualquer cidadã comum...Ela teve uma dignidade além da alcançada até pelo mais alto dos arcanjos. Maria teve que ser coroada Rainha dos Céus pelo Pai eterno: ela teve que ter um trono à mão direita do seu Filho...Agora, dia a dia, hora a hora, ela está rogando por nós, obtendo graças por nós, preservando-nos do perigo, escudando-nos contra a tentação, derramando bênçãos sobre nós”

Todas estas idéias a respeito de Maria estão ligadas à crença que ela ascendeu corporalmente aos céus. Mas, a Bíblia não diz absolutamente nada a respeito da assunção de Maria. Ao contrário João 3:13 diz: “Ninguém subiu aos céus, a não ser aquele que desceu dos céus, o Filho do homem que está nos céus” – o próprio Jesus Cristo. ELE é aquele que está à mão direita, de Deus, ELE o único que é nosso mediador; ELE é o único que derrama bênçãos sobre nós – não sua mãe!

Intimamente ligado à idéia de rezar para Maria, está um instrumento chamado rosário. Ele consiste de uma cadeia com quinze conjuntos de pequenas contas, cada conjunto marcado por uma conta maior, nas extremidades da qual está um crucifixo. As contas no rosário são para contar as rezas – rezas que são repetidas sempre e sempre.



Embora este instrumento seja largamente utilizado dentro da igreja católica romana, está claro que ele não é de origem cristã. Ele tem sido conhecido em muitos países.

A *The Catholic Encyclopedia* diz, “Em quase todos os países, então, encontramos algo na natureza de contas de oração ou contas de rosário.” Continua até citar um número de exemplos, incluindo uma escultura da antiga Nínive, mencionada por Layard, de duas mulheres com asas, rezando diante de uma árvore sagrada, cada uma segurando um rosário. Por séculos, entre os maometanos, uma corrente de contas consistindo de 33, 66, ou 99 contas tem sido usada para contar os nomes de Alá.

Marco Polo, no século treze, ficou surpreso de encontrar o rei de Malabar usando um rosário de pedras preciosas para contar suas orações.

São Francisco Xavier e seus companheiros ficaram igualmente atônitos em ver que os rosários eram universalmente familiares aos budistas do Japão.⁹

Entre os fenícios um círculo de contas parecendo um rosário era usado no culto a Astarte, a deusa-mãe, em torno de 800 a.C.¹⁰ Este rosário é visto em algumas moedas fenicias mais recentes. Os brâmanes desde tempos primitivos tem usado rosários com dezenas e centenas de contas. Os adoradores de Vishnu dão aos seus filhos rosários de 108 contas. Um rosário semelhante é usado por milhões de budistas na Índia e no Tibete. O adorador de Shiva usa um rosário sobre o qual repete, se possível, todos os 1.008 nomes do seu deus.¹¹

Contas para contagem de orações eram conhecidas na Grécia Asiática. Tal era o propósito, de acordo com Hislop, do colar visto na estátua de Diana. Ele também indica que em Roma, certos colares usados por mulheres eram para contagem de orações memorizadas, a monila, significando "recordação."¹²

A oração mais frequentemente repetida, que é a principal do rosário, é a "Ave Maria", que é assim: "Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre todas as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, Amém." A *The Catholic Encyclopedia* diz: "Não existe qualquer traço da Ave Maria como uma fórmula devocional aceita antes de em torno de 1050."¹³ O rosário completo envolve a repetição da Ave Maria 53 vezes, a oração do Senhor 6 vezes, 5 Mistérios, 5 meditações sobre os Mistérios, 5 glórias ao Pai, e o Credo Apostólico.

Observe que a oração para Maria, a Ave Maria, é repetida quase NOVE vezes mais do que a oração do Senhor! É uma oração composta pelos homens e dirigida a Maria, nove vezes mais importante ou eficiente quanto a oração ensinada por Jesus e dirigida a Deus?

Aqueles que adoram a deusa Diana repetem uma frase religiosa várias vezes — "...todos unanimemente levantaram a voz, clamando por espaço de quase duas horas: Grande é a Diana dos efésios" (Atos 19:34). Jesus falou a respeito de orações repetidas como sendo uma prática dos pagãos. "Quando orardes", disse Ele, "não useis de vãs repetições, como o fazem os gentios (ou pagãos); pois eles pensam que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis pois a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes" (Mt. 6:7-13). Nesta passagem Jesus claramente disse aos seus seguidores para NÃO ficar repetindo várias vezes uma pequenina oração.

É significativo observar que foi logo após dar esta advertência, *no próprio próximo versículo*, que Ele disse: "Vós orareis assim: Pai nosso que estás nos céus..." e deu aos discípulos a que nos referimos como "A Oração do Senhor". Jesus deu esta oração como um oposto ao tipo de oração dos pagãos. Ainda assim os católicos romanos são ensinados a repetir várias vezes esta oração. Se esta oração não era para ser repetida várias vezes, quão menos uma pequenina oração feita por homens para Maria! Parece-nos que memorizar orações, em seguida repeti-las várias vezes enquanto conta as contas de um rosário, poderia facilmente tornar-se mais um "teste de memória" do que uma espontânea expressão de oração vinda do coração.

CAPÍTULO QUATRO

Santos, Dias *Santos E Símbolos*

EM ACRÉSCIMO AS ORAÇÕES e devoções que são dirigidas a Maria, os católicos romanos também honram e rezam para diversos "santos". Estes santos, de acordo com a posição católica, são mártires ou outras pessoas notáveis da igreja que morreram e a quem os papas pronunciaram santos.

Em muitas mentes a palavra "santo" refere-se somente a uma pessoa que obteve um grau especial de santidade, apenas um seguidor muito especial de Cristo. Mas, de acordo com a *Bíblia*. TODOS os verdadeiros cristãos são santos - até mesmo aqueles que poderão tristemente terem falta de maturidade espiritual ou conhecimento. Assim, os escritos de Paulo aos cristãos em Éfeso, Filipos, Corinto, ou Roma, foram endereçados aos santos" (Ef. 1:1, etc.). Santos, deve-se observar, eram pessoas vivas, não aquelas que já tinham morrido.

Se quisermos que um "santo" ore por nós, ele deve ser uma pessoa viva. Mas, se tentarmos comungar com pessoas que já morreram, o que mais é isto a não ser uma forma de espiritismo? Repetidamente a *Bíblia* condena toda a tentativa de comungar com os mortos (veja Isaías 8:19,20). Ainda assim, muitos rezam o Credo Apostólico" que diz: Creemos...na comunhão dos santos que é um artigo do Credo dos Apóstolos." Orações "para os santos e mártires coletivamente, ou para algum deles em particular" são recomendadas.¹ O verdadeiro linguajar do Concílio de Trento é que "os santos que reinam juntos com Cristo oferecem suas próprias orações a Deus pelos homens. É bom e útil suplicantemente invocá-los, e ter o recurso de suas orações, sua ajuda, e seu socorro para obter benefícios de Deus."²

Quais são as objeções a estas crenças? Deixemos que a *The Catholic Encyclopedia* responda por si mesma. "As principais objeções levantadas contra a intercessão e invocação dos santos são que estas doutrinas são opostas à fé e à confiança que devemos ter somente em Deus...e que elas não podem ser provadas pelas Escrituras..."³

Com esta afirmação nós concordamos. Em nenhum lugar as Escrituras indicam que os vivos podem ser abençoados ou beneficiados pelas orações para ou através daqueles que já morreram. Em lugar disto, de muitas maneiras as doutrinas católicas relacionadas com os "santos" são muito semelhantes às antigas idéias pagãs que eram defendidas com relação aos "deuses".

Olhando novamente lá atrás, para a "mãe" da falsa religião - a Babilônia - descobrimos que as pessoas oravam para e honravam uma pluralidade de deuses. De fato, o sistema babilônico desenvolveu-se até ter uns 5.000 deuses e deusas.⁴ Mais ou menos da mesma maneira como os católicos acreditam com relação aos seus "santos", os babilônios acreditavam que seus "deuses" tinham, durante certo tempo, sido heróis vivos na terra, mas estavam agora em um plano mais alto.⁵ "Cada mês e cada dia do mês estava sob a proteção de uma divindade particular."⁶ Havia um deus para este problema, um deus para cada uma das diferentes profissões, um deus para isto e um deus para aquilo.

Da Babilônia - como a adoração da grande mãe - tais conceitos a respeito dos "deuses" espalhou-se pelas nações. Mesmo os budistas na China tem sua adoração de diversas deidades, como a deusa dos marinheiros, o deus da guerra, e os deuses de determinadas localidades ou profissões."⁷ Os sírios acreditavam que os poderes de certos deuses eram limitados a certas áreas, como um incidente na Bíblia registra: "Seus deuses são deuses dos montes; portanto eles eram mais fortes do que os nossos; mas vamos combater contra eles na planície, e certamente seremos mais fortes do que eles" (I Reis 20:23).

Quando Roma conquistou o mundo, estas mesmas idéias estavam muito em evidência como o gráfico seguinte mostrará. Brighit era a deusa dos ferreiros e da poesia. Juno Regina era a deusa da feminilidade e dos casamentos. Minerva era a deusa da sabedoria, das artes manuais e dos músicos. Vênus era a deusa do amor sexual e do nascimento. Vesta era a deusa dos padeiros e dos fogos sagrados. Ops era a deusa da riqueza. Ceres era a deusa do milho, do trigo, e da vegetação que crescia. (Nossa palavra "cereal", e claro, vem do seu nome.) Hércules era o deus da alegria e do vinho. Mercúrio era o deus dos oradores e, nas fábulas antigas, ele mesmo era um ótimo orador, o que explica porque o povo de Lístria pensou que Paulo era o deus Mercúrio (Atos 14:11,12). Os deuses Castor e Pólux foram os protetores de Roma e dos viajantes no mar (cf. Atos 28: 11). Cronos era o guardião dos juramentos. Janus era o deus das portas e portões. "Havia deuses que presidiam sobre cada momento da vida de um homem, deuses da casa e do jardim, da comida e da bebida, da saúde e da doença."⁸

Com a idéia de deuses e deusas associada com vários eventos na vida, agora estabelecida na Roma pagã, foi apenas mais outro passo para aqueles mesmos conceitos finalmente serem incorporados na igreja de Roma. Uma vez que os convertidos do paganismo estavam relutantes de abandonarem seus "deuses" - a menos que pudessem encontrar algum correspondente no cristianismo - os deuses e deusas ganharam novos nomes, como "santos". A velha idéia de deuses associados com certas profissões e dias tem continuado na crença católica romana em santos e dias santos, como a tabela seguinte a mostra.

Atores	São Genésio	25 de agosto
Arquitetos	São Tomás	21 de dezembro
Astrônomos	São Cominique	04 de agosto
Atletas	São Sebastião	20 de janeiro
Padeiros	Santa Elizabete	19 de novembro
Banqueiros	São Mateus	21 de setembro
Mendigos	Santo Aleixo	17 de julho
Livreiros	São João de Deus	08 de março
Pedreiros	Santo Estevão	26 de dezembro
Construtores	São Vicente Férrer	05 de abril
Açougueiros	Santo Adriano	28 de setembro
Motoristas de Táxi	São Fiarce	30 de agosto
Fabricantes de Velas	São Bernardo	20 de agosto
Comediantes	São Vito	15 de junho
Cozinheiros	Santa Marta	29 de julho
Dentistas	Santa Apolônia	09 de fevereiro
Médicos	São Lucas	18 de outubro
Editores	São João Bosco	31 de janeiro
Floristas	Santa Dorotcia	06 de fevereiro
Chapeleiros	São Tiago	11 de maio
Donas de Casa	Sant'Anna	26 de julho
Caçadores	São Hubert	03 de novembro
Operários	São Tiago Magno	25 de julho
Advogados	Santo Ives	19 de maio
Bibliotecários	São Jerônimo	30 de setembro
Comerciantes	São Francisco de Assis	04 de outubro
Mineiros	Santa Bárbara	04 de dezembro
Músicos	Santa Cecília	22 de novembro
Tabelliães	São Marco Evangelista	25 de abril
Enfermeiros	Santa Catarina	30 de abril
Pintores	São Lucas	18 de outubro
Farmacêuticos	Santa Gemma Galgani	11 de abril
Estucadores	São Bartolomeu	24 de agosto
Impressores	São João de Deus	08 de março
Marinheiros	São Brendan	16 de maio
Cientistas	Santo Alberto	15 de novembro
Cantores	São Gregório	12 de março
Metalúrgicos	Santo Eliguis	01 de dezembro
Estudantes	São Tomás de Aquino	07 de março
Cirurgiões	Santos Cosme E Damião	27 de setembro
Alfaiates	São Bonifácio de Crediton	05 de junho
Coletores de Impostos	São Mateus	21 de setembro

Os católicos romanos também tem santos para o seguinte:

Mulheres estéreis	Santo Antônio
Bebedores de Cerveja	São Nicolau
Crianças	São Domenico
Animais domésticos	Santo Antônio
Emigrantes	São Francisco
Problemas Familiares	Santo Eustáquio
Amantes	São Lourenço
Velhas	São Colombo
Fogo	Santa Bárbara
Enchentes	São Rafael
Relâmpagos	Santo André
Pobres	São Lourenço
Mulheres grávidas	São Gerardo
Televisão	Santa Clara
Tentação	São Ciríaco
Para prender ladrões	São Gervásio
Para ter filhos	Santa Felicitas
Para ganhar um marido	São José
Para ganhar uma esposa	Sant'Anna
Para achar coisas perdidas	Santo Antônio

Os católicos são ensinados a rezar para certos "santos" para ajudar com os seguintes problemas de saúde:

Artrite	São Tiago
Mordidas de cachorros	São Hubert
Mordidas de cobras	Santo Hilário
Cegueira	São Rafael
Câncer	São Peregrino
Cãibras	São Maurício
Surdez	São Cadoc
Doenças do peito	Santa Ágata
Doenças dos olhos	Santa Luci
Doenças da garganta	Santo Blase
Epilepsia; nervos	São Vito
Febre	São Jorge
Doenças dos pés	São Victor
Pedras da vesícula	São Libério
Gota	Santo André
Esterilidade	São Denis
Doenças do coração	São João de Deus
Insanidade mental	São Giles
Doenças da pele	São Roque
Dores de cabeça	Santa Dimpna

São Hubert nasceu em torno de 656 e apareceu em nessa lista como o santo padroeiro dos caçadores e curador da hidrofobia. Antes de sua conversão, quase todo o seu tempo era gasto caçando. Em uma Sexta-Feira Santa pela manhã, de acordo com a lenda, ele perseguiu um grande veado que subitamente se voltou e ele viu um crucifixo entre seus chifres e ouviu uma voz dizendo-lhe que voltasse para Deus.



Santo Humberto, padroeiro dos caçadores.

Mas, por que rezar aos santos, quando os cristãos tem acesso a Deus? Os católicos são ensinados que através da oração aos santos podem obter ajuda que de outra maneira não receberiam! Eles são orientados adorar a Deus e então "rezar primeiro a Santa Maria, e os santos apóstolos, e os santos mártires e todos os santos de Deus...para considerá-los como amigos e protetores, e implorar sua ajuda na hora de tristeza, como a esperança que Deus concederia ao padroeiro o que por outro lado recusaria ao suplicante."⁹ Considerando-se tudo isto, parece evidente que o sistema católico romano do padroeiro evoluiu das crenças primitivas em deuses devotados a dias, ocupações, e as várias necessidades da vida humana.

Muitas das antigas lendas que tem sido associadas com os deuses pagãos, foram transferidas para os santos. A *The Catholic Encyclopedia* até mesmo diz que "estas lendas repetem as concepções encontradas nos relatos religiosos pré-cristãos...a lenda não é cristã, é somente, cristianizada.. Em muitos casos obviamente tem a mesma origem do mito...A Antiguidade buscou fontes passadas, cujos elementos naturais não entendeu, atribuindo-as aos heróis; tal foi também o caso com muitas lendas dos santos...Tornou-se fácil transferir para os mártires cristãos as concepções que os antigos conservaram concernentes aos seus heróis. Esta transferência foi promovida pelos numerosos casos nos quais os santos cristãos tornaram-se os sucessores das divindades locais, e o culto cristão suplantou o antigo culto local. Isto explica o grande número de semelhanças entre deuses e santos."¹⁰

Como o paganismo e o cristianismo foram misturados, algumas vezes foi dado a um santo um nome semelhante em som ao do deus ou deusa pagã que ele substituiu. A deusa Victoria dos Alpes Baixos foi renomeada como Santa Victoire, Cheron como São Cirano, Artemis como Santo Artemísio, Dionísio como Santo Dionísio, etc A deusa Bright (vista como a filha do deus-sol e que era representada com um filho nos braços) foi suavemente renomeada como "Santa Brígida". Nos dias pagãos, seu templo principal em Kildare era servido pelas Virgens Vestais que acendiam os fogos sagrados. Mais tarde seu templo tornou-se um convento e suas vestais, freiras. Elas continuaram a acender o fogo ritual, apenas passaram a chamá-lo de "o fogo de Santa Brígida".¹¹

O templo antigo melhor preservado, que agora permanece em Roma é o Panteon, que em tempos antigos era dedicado (de acordo com a inscrição sobre o pórtico) a "Júpiter e a todos os deuses." Este foi reconsagrado pelo papa Bonifácio IV "à virgem Maria e a todos os santos." Tais práticas não eram incomuns.

"Igrejas e ruínas de igrejas tem sido frequentemente encontradas nos lugares onde santuários e templos pagãos originalmente estavam situados...Até um certo ponto é também verdade que algumas vezes o santo cuja ajuda era para ser invocada no santuário cristão trazia alguma analogia externa com a divindade anteriormente consagrada naquele lugar. É assim que em Atenas o santuário do curador Esculápio... quando se transformou em igreja, foi consagrada para os dois santos a quem os cristãos atenienses invocavam como curadores miraculosos, Cosme e Damião."¹²

Uma caverna mostrada em Belém como o lugar no qual Jesus nasceu, de acordo com Jerônimo, era realmente uma pedra-santuário na qual o deus babilônico Tamuz tinha sido adorado. As Escrituras jamais afirmam que Jesus nasceu em uma caverna.

Por todo o Império Romano, o paganismo morreu em uma forma, somente para viver novamente dentro da igreja Católica Romana. Não somente a devoção aos antigos deuses continua (em uma nova forma), mas o uso de estátuas desses deuses também continua. Em alguns casos, diz-se, as mesmas estátuas que haviam sido adoradas como deuses pagãos ganharam novos nomes, como santos cristãos. Através dos séculos, mais e mais estátuas foram feitas, até que hoje existem igrejas na Europa que contém até dois, três e quatro mil estátuas.¹³ Em grandes e impressionantes catedrais, em pequeninas capelas, em santuários à beira do caminho, nos painéis de automóveis – em todos esses lugares os ídolos do catolicismo podem ser encontrados em abundância.

O uso de tais ídolos dentro da igreja católica romana fornece outra chave em solver o mistério da moderna Babilônia; porque, como Heródoto mencionou, a Babilônia foi a fonte da qual todos os sistemas de idolatria fluíram para as nações. Ligar a palavra "ídolos" com estátuas de Maria e dos santos poderá parecer bastante duro para alguns. Mas, pode isto ser totalmente incorreto?

Admite-se nos escritos católicos que em numerosas vezes e entre vários povos, imagens dos santos tem sido adoradas de maneiras supersticiosas. Tais abusos, contudo, são geralmente colocados no passado. Explica-se que nesta era iluminada, nenhuma pessoa educada realmente adora o objeto em si mesmo, mas antes o que o objeto representa. Geralmente isto é verdade. Mas isto não é verdade com relação a tribos que usam ídolos (ídolos sem qualquer dúvida) na adoração de deuses-demônios? A maioria delas não acredita no ídolo em si mesmo como sendo um deus, mas apenas uma representação do deus-demônio que adoram.

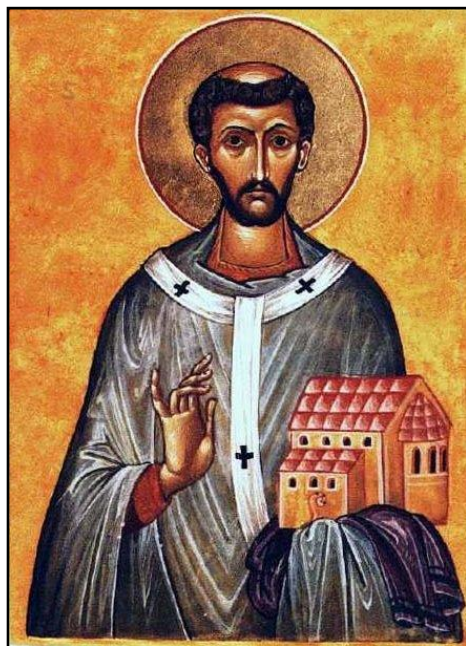
Vários artigos dentro da *The Catholic Encyclopedia* procuram explicar que o uso das imagens é válido, na base de serem representativos de Cristo e dos santos.

"A honra que é dada a elas refere-se aos objetos que representam, de modo que as imagens que beijamos e diante das quais descobrimos a cabeça e diante das quais nos ajoelhamos, o fazemos adorando a Cristo e venerando os santos cujas aparências elas tem."¹⁴ Nem todos os cristãos estão convencidos, contudo, que esta "explicação" é uma razão forte o bastante para passar por cima de versículos tais como Êxodo 20:4,5: "Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem lhes darás culto."

No Velho Testamento, quando os israelitas conquistavam uma cidade pagã ou país. não era para adotarem os ídolos desses povos em sua religião. Os tais eram para serem destruídos, mesmo que fossem cobertos com prata ou ouro! Às imagens de escultura de seus deuses queimarás a fogo; a prata e o ouro que estão sobre elas não cobiçarás, nem os tomarás para ti, para que te não enlaces neles; pois abominação é ao Senhor teu Deus." (Dt. 7:25). Eles tinham que destruir "todas as figuras" dos deuses pagãos também (Números 33:52). Até que extensão estas instruções tinham que ser levadas a cabo no tempo do Novo Testamento tem sido frequentemente debatido através dos séculos. A *The Catholic Encyclopedia* dá um esboço histórico disto, mostrando como as pessoas combateram e morreram até por causa desta mesma questão, especialmente no oitavo século. Embora conservando o uso de estátuas e gravuras, diz, "parece ter havido uma antipatia sobre as santas pinturas. uma suspeita que seu uso fosse ou pudesse tornar-se, idólatra, entre certos cristãos por muitos séculos," e menciona vários bispos católicos que eram desta mesma opinião.¹⁵ Que as pessoas combatessem e matassem umas às outras por causa desta questão a despeito de que lado estavam – sem duvidas era contrário aos ensinamentos de Cristo.

Os pagãos colocavam um círculo ou auréola ao redor da cabeça daqueles que eram "deuses" em suas pinturas. Esta prática continuou exatamente na arte da igreja romanística. A ilustração que se segue é a maneira como Santo Agostinho é mostrado nos livros católicos – com um disco circular ao redor da cabeça. Todos os santos católicos são pintados da mesma maneira. Mas, para ver que esta prática foi tomada emprestada do paganismo, precisamos apenas observar o desenho do Buda (ilustração na página 39) que também apresenta o símbolo circular ao redor da cabeça! Os artistas e escultores da antiga Babilônia usavam o disco ou auréola ao redor de qualquer ser que desejavam representar como deus ou deusa.¹⁶ Os romanos desenhavam Circe, a deusa pagã do sol, com um círculo rodeando a cabeça. Partindo deste uso na Roma pagã, o mesmo simbolismo passou para a Roma papal e tem continuado até este dia, conforme está evidenciado em milhares de pinturas de Maria e dos santos.

Figuras, supostamente de Cristo, foram pintadas com "raios dourados" circundando sua cabeça. Esta era exatamente a maneira como o deus-sol dos pagãos havia sido representado por séculos.

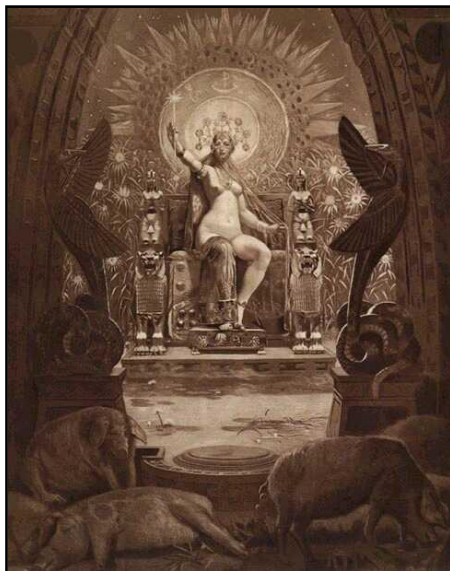


***Santo Agostinho representado com
uma auréola***

A igreja dos primeiros quatro séculos não usava qualquer figura de Cristo. As Escrituras não nos dão qualquer descrição das características físicas de Jesus pela qual uma pintura acurada pudesse ser feita dele. Parece evidente, então, que as figuras de Cristo, como aquelas de Maria e dos santos, vieram da imaginação dos artistas. Temos somente que fazer um curto estudo da arte religiosa para descobrir que em diferentes séculos e entre diferentes nacionalidades, muitas figuras de Cristo – algumas muito diferentes podem ser encontradas. Obviamente nenhuma destas pode ser o que Ele realmente parecia.



Buda com auréola



Circe

Além disto, tendo agora ascendido aos céus, não o conhecemos mais “segundo a carne” (II Cor. 5:16), tendo sido “glorificado” (João 7:39), e com um “corpo glorioso” (Fil. 3:21), nem mesmo artista do mundo poderia retratar o Rei em sua beleza. Qualquer pintura, mesmo a melhor, jamais poderia mostrar quão maravilhoso ele realmente é!

CAPÍTULO CINCO

Obeliscos, Templos E Torres

ENTRE AS NAÇÕES ANTIGAS, eram feitas imagens não somente de deuses e deusas em forma humana, mas muitos objetos que tinham um significado misterioso ou oculto eram parte da adoração pagã. Um exemplo destacado disto é visto no uso dos antigos obeliscos.



Diódorus falou de um obelisco de 40 metros de altura que foi erigido pela Rainha Semíramis na Babilônia.¹ A Bíblia menciona uma imagem tipo obelisco de aproximadamente três metros de largura e 30 metros de altura, "...se prostraram todos os povos, nações e línguas, e adoraram a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor tinha levantado na Babilônia" (Daniel 3:1-7). Mas foi no Egito (um baluarte anterior da religião de mistérios) que o uso do obelisco foi melhor conhecido. Muitos dos obeliscos ainda estão no Egito, embora alguns tenham sido removidos para outras nações. Um deles está no Central Park de New York, outro em Londres, e outros foram transportados para ROMA.

Originalmente, o obelisco estava associado com a adoração do sol, um símbolo de "Baal" (que era um dos títulos de Nimrodé). Os antigos – tendo rejeitado o conhecimento do verdadeiro Criador – vendo que o sol dava vida às plantas e ao homem, olhavam para o sol como um deus. o grande doador da vida. Para eles, o obelisco também tinha um significado sexual. Sabendo que através da união sexual era produzida a vida, o falo (o órgão masculino da reprodução) erã considerado (junto com o sol) um símbolo de vida. Estas eram as crenças representadas pelo obelisco.²

A palavra "imagens" na Bíblia é tradução de várias palavras hebraicas diferentes. Uma destas palavras matzebah, significa "imagens dc pé" ou obeliscos (1 Reis 14:23; II Reis 18:4; 23:14; Jer. 43:13; Miquéias 5:13). Outra palavra é hammanim que significa "imagens do sol", imagens dedicadas ao sol ou obeliscos (Isaías 17:8; 27:9).

Para que os obeliscos tenham o simbolismo que se pretende para eles, eles foram colocados apontados para cima – eretos. Assim, eles apontavam para cima – na direção do sol. Como um símbolo do falo, a posição ereta também tinha um significado óbvio. Trazendo isto em mente, é interessante notar que quando o julgamento divino foi pronunciado contra esta falsa adoração, foi dito que estas imagens (obeliscos) "não poderão ficar em pé", mas deveriam ser derrubadas (Isaías 27:9).

Quando os israelitas misturaram adoração pagã com sua religião nos dias de Ezequiel, eles erigiram uma "imagem de ciúmes na entrada" do templo (Ezequiel 8:5). Esta imagem era provavelmente um obelisco, o símbolo do falo, pois (como afirma Scofield) eles eram "dados aos cultos fálicos."³ Colocar um obelisco à entrada de um templo pagão não era, aparentemente, uma prática incomum naquele tempo. Uma permanecia à entrada do templo de Tum e outra na frente do templo de Hathor, a "habitação de Horus" (Tamuz).⁴

Bastante imeressante é que existe um obelisco à entrada da Basilica de São Pedro, em Roma, como o mostra a fotografia na página seguinte.

Não é uma mera cópia de um obelisco egípcio, é o próprio obelisco que estava no Egito nos tempos antigos! Quando a religião de mistérios veio para Roma nos dias pagãos, não somente obeliscos foram feitos e levantados em Roma, mas obeliscos do Egito – com enorme despesa – foram rebocados de lá e levantados pelos imperadores. Calígula, em 37-41 d.C., fez o obelisco que está agora no Vaticano, ser trazido de Heliópolis, Egito, para seu circo no Monte Vaticano, onde agora está a Catedral de São Pedro.⁵ Heliópolis não é senão o nome grego de Bethshemesh, que era o centro da adoração do sol do Egito nos dias antigos. No Velho Testamento estes obeliscos que permaneciam ali eram mencionados como as “imagens de Bethshemesh” (Jer. 43:13)!

O mesmo obelisco que uma vez permanecia no templo antigo que era o centro do paganismo egípcio, agora permanece diante da igreja mãe do romanismo! Isto parece muito mais do que uma simples coincidência.

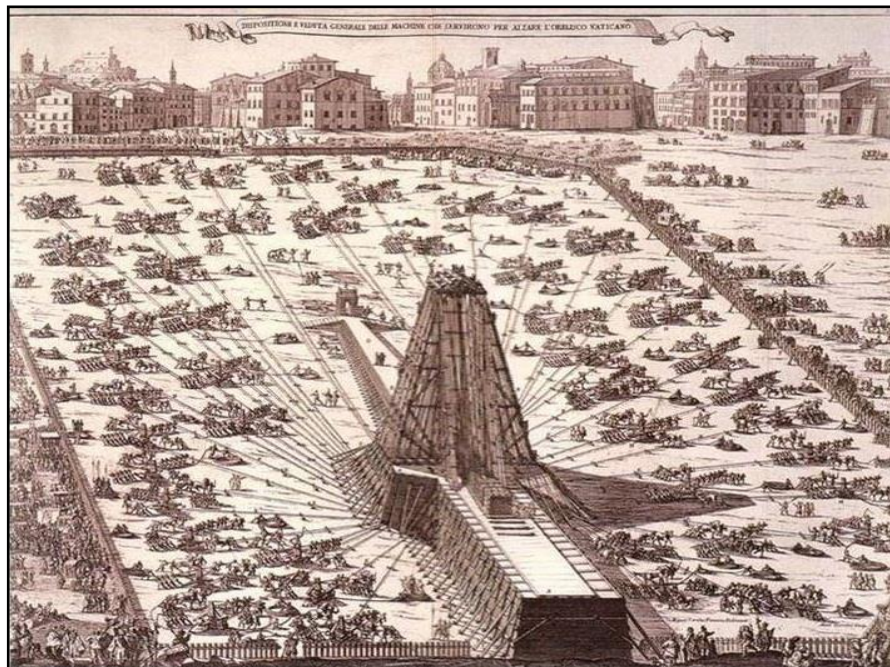


Obelisco na frente da Basílica de São Pedro

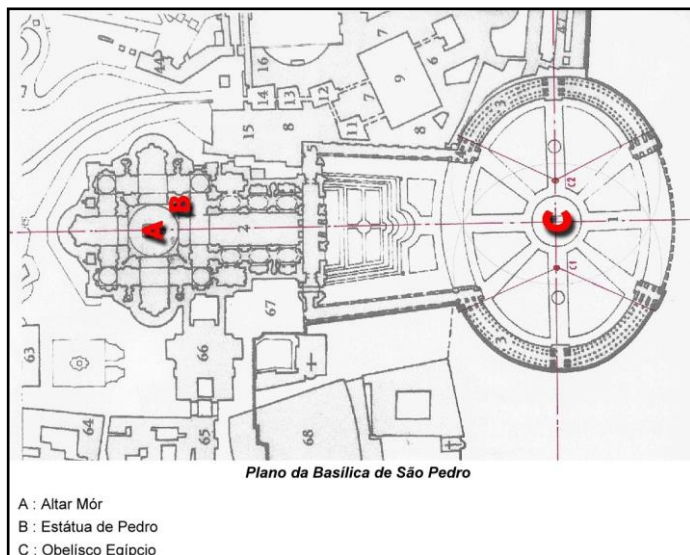
O obelisco de granito vermelho do Vaticano tem 25 metros de altura (40 com sua fundação) e pesa 320 toneladas. Em 1586, a fim de colocá-lo no centro da praça diante da igreja de São Pedro, ele foi movido para sua atual localização por ordem do papa Sixto V. É claro que mover esse pesado obelisco – especialmente naqueles dias – era uma tarefa muito difícil. Muitos recusaram-se a tentar, especialmente pelo fato que o papa havia sentenciado à pena de morte qualquer um que deixasse o obelisco cair e quebrar-se!⁶

Finalmente um homem pelo nome de Domenico Fontana aceitou a responsabilidade. Com 45 guinchos, 160 cavalos, e uma turma de 800 homens, começou a tarefa de movimentá-lo. A data foi 10 de setembro de 1586. Multidões enchiam a grande praça. Enquanto o obelisco estava sendo movido, a multidão, sob pena de morte, era obrigada a permanecer em silêncio. Finalmente, após quase falhar, o obelisco foi levantado – ao som de centenas de sinos dobrando, o troar de canhões, e os altos vivas da multidão. O ídolo egípcio foi dedicado à “cruz” (a cruz no topo do obelisco é suposta a conter uma lasca da cruz original), foi celebrada uma missa, e o papa pronunciou uma bênção sobre os trabalhadores e sobre seus cavalos.⁷

O desenho da página seguinte mostra o padrão da igreja de São Pedro e o átrio circular em frente a ela.



Erigindo o Obelisco do Vaticano (de uma velha gravura).



No centro desse átrio está o obelisco. Este átrio é circundado por 248 colunas do estilo dórico que custam aproximadamente um milhão de dólares. O estilo de tais colunas foi tomado emprestado do estilo dos templos pagãos.

Como o obelisco, as colunas pagãs foram frequentemente vistas como formas "misteriosas" do falo. No vestíbulo do templo pagão da deusa de Hierápolis, uma inscrição referindo-se às colunas, rezava: "Eu, Dionísio, dediquei estes falos a Hera, minha mãe adotiva."⁸

Como os líderes católicos romanos tomaram emprestadas outras idéias do paganismo, não é surpresa que construir templos elaborados e dispendiosos também se tornaram um costume. Líderes de mentes mundanas pensaram que poderiam construir templos de mais esplendor do que os da religião romana.

Sabemos que Deus orientou seu povo sob o reinado de Salomão a edificar um templo – no Velho Testamento, e escolheu colocar Sua presença ali. Mas, no Novo Testamento, está claro que o Espírito Santo não mais habita em templos feitos pelas mãos dos homens (Atos 17:24). Agora Deus habita em seu povo – sua verdadeira igreja – pelo Espírito! Diz Paulo: "Vós sois o templo de Deus...o Espírito de Deus habita em vós" (I Cor. 3:16). Entendendo esta grande verdade, a igreja primitiva – cheia do Espírito – jamais se dispôs a construir templos de pedra e aço. Eles saíram a pregar o evangelho. Seu tempo não era gasto em campanhas financeiras, nem em opressivos pedidos de ofertas para construir um edifício mais fantasiado do que outro templo mais abaixo na mesma rua!

De acordo com o Halley's Bible Handbook, não temos registro de construção de igreja (como tal) antes de 222-235 d.C.! Isto não é para sugerir que é errado ter edifícios de igrejas. Provavelmente a razão que construções de igrejas não foram feitas anteriormente foi por causa das perseguições, pois os primeiros cristãos não tinham permissão de possuir propriedades. Mas, se eles tivessem tido este privilégio, temos certeza que tais edifícios teriam sido construídos de maneira simples - não para um show exterior. Eles não teriam tentado competir com o estilo dispendioso dos templos pagãos cheios de esplendor - como o templo de Diana em Éfeso ou o Panteon de Roma.

Mas, quando a igreja veio a ter poder político e riqueza, sob o reinado de Constantino, um padrão de construir igrejas ricas e elaboradas, foi estabelecido e tem continuado até este dia. Esta idéia tem se tornado tão implantada na mente das pessoas, que a palavra "igreja" (para muitas pessoas) significa um edifício. Mas, em seu uso bíblico, a palavra refere-se a uma assembléia ou grupo de pessoas que são - elas mesmas - o templo do Espírito Santo! Estranho como possa parecer, um edifício de igreja poderia ser totalmente destruído, e ainda assim a verdadeira igreja (o povo) permaneceria.

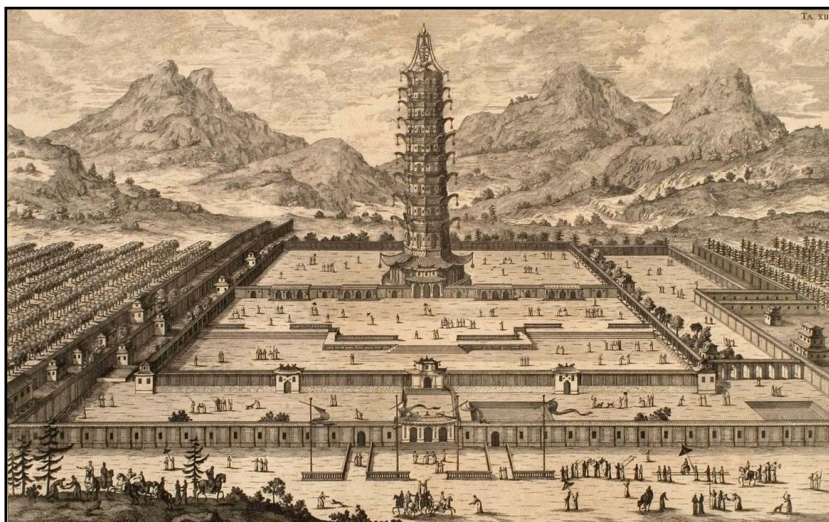
A maioria dos dispendiosos edifícios de igrejas que tem sido construídos através dos séculos tem como padrão uma torre. Cada geração de construtores de igrejas tem copiado a geração anterior, provavelmente jamais questionando a origem da idéia. Algumas torres tem custado fortunas para construir. Isto não tem acrescentado qualquer valor espiritual. Jesus, é claro, jamais construiu tais estruturas quando esteve na terra, nem deu qualquer instrução para serem construídas após sua partida. Como, então, esta tradição de torre na arquitetura das igrejas começou?

Se o leitor permitir-nos uma certa liberdade a este ponto, sugeriremos uma teoria que aponta lá atrás para a Babilônia. É claro que todos nós nos lembramos da torre de Babel. O povo disse, "Façamos tijolos...vamos edificar para nós uma cidade e uma torre cujo topo atinja os céus" (Gn. 11:3,4). A expressão "os céus" sem dúvida é uma figura de linguagem para grande altura, como foi também o caso quando cidades com muros que alcançavam até os céus foram mencionadas (Dt. 1:28). Não é para supormos que esses construtores de Babel pretendiam construir até atingir bem no trono de Deus. Em lugar disto, existem evidências suficientes para mostrar que a torre (comumente chamada de "zigurate") estava conectada com sua religião - com a adoração do sol.

"De todos os majestosos monumentos da Babilônia, o Zigurate com a torre deve certamente ter sido uma das construções mais espetaculares do seu tempo, elevando-se majestosamente acima de seu enorme muro de mil torres...ao redor da grande praça, câmaras separadas para os peregrinos, como também para os sacerdotes que cuidavam do "Zigurate". Koldewey chamava este conjunto de edifícios "o Vaticano da Babilônia"⁹

Tem sido sugerido que um dos significados do nome da deusa Astarte (Semiramis), escrito como "asht-tart", quer dizer à mulher que fez torres."¹⁰ A deusa Cibele (que também tem sido identificada com Semiramis) foi conhecida como a deusa guardadora das torres, a primeira (diz Ovídio) que erigiu torres em cidades e foi representada com uma coroa em forma de torre em sua cabeça, como também o foi Diana (veja a página 17). No simbolismo da igreja católica, uma torre é o emblema da virgem Maria!¹¹ n Por acaso tudo isto não está ligado?

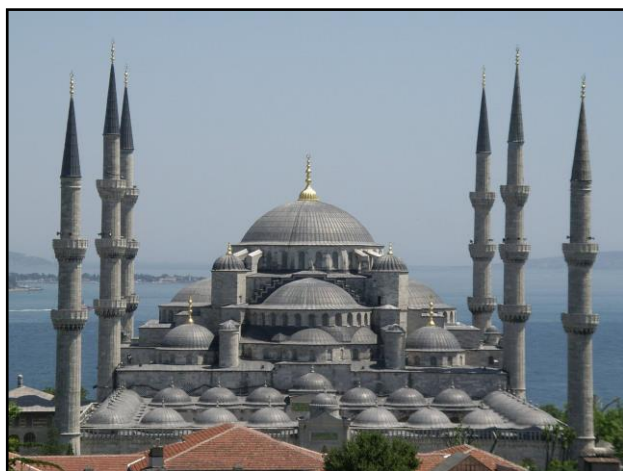
Algumas antigas torres, como todos nós sabemos, foram edificadas com propósitos militares, como torres de vigia. Mas, muitas das torres que foram construídas no Império Babilônico eram exclusivamente torres religiosas, conectadas com um templo! Naqueles tempos um estrangeiro entrando numa cidade babilônica não teria qualquer dificuldade em localizar seu templo, pois muito acima das casas de telhados chatos, sua torre poderia ser vista!¹² A *The Catholic Encyclopedia* diz, "É um fato surpreendente que a maioria das cidades babilônicas possuía um...templo-torre."¹³



Torre de porcelana em Nanquin



As Numerosas Torres de Meca



Igreja de Santa Sofia em Constantinopla

É possível que a Babilônia (como outras coisas que temos mencionado) pudesse ser a fonte para as torres religiosas? Relembramos que foi enquanto estavam construindo a tremenda torre de Babel que a dispersão começou. Certamente não é impossível que quando os homens migraram para várias terras, levaram consigo a idéia de uma "torre". Embora estas torres tenham tomado diferentes formas em diferentes países, ainda assim as torres de uma forma ou de outra permanecem!

Torres tem há muito sido uma parte estabelecida da religião dos chineses. O "pagode" (ligado com a palavra "deusa") em Nanquim, é mostrado em nossa ilustração.

Na religião hindu "espalhados acima das grandes naves dos templos estão grandes pagodes ou torres...elevando-se altas acima do terreno circundante, podendo ser vistas de toda parte pelo povo, e assim sua devoção à sua adoração idólatra foi aumentada.

Muitos desses pagodes estão a vários metros de altura e estão cobertos com esculturas representando cenas nas vidas dos deuses do templo, ou de santos eminentes."¹⁴

Entre os maometanos também, embora de uma forma algo diferente, podem ser vistas torres de sua religião. A primeira ilustração na página seguinte mostra as numerosas torres, chamadas minaretes, em Meca. Torres deste estilo também foram usadas na famosa Igreja de Santa Sofia em Constantinopla (ilustração acima).

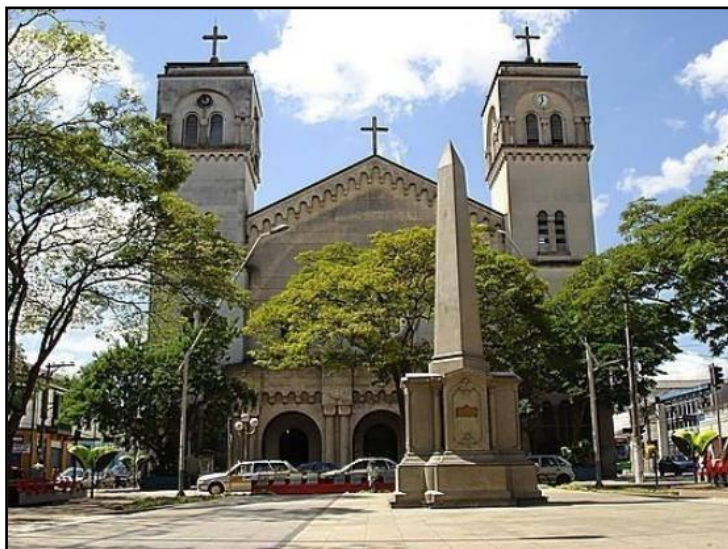
O uso de torres também existe na cristandade – entre católicos e protestantes. A torre da grande catedral de Colônia eleva-se a 157 metros acima da rua, enquanto a da catedral de Ulm, na Alemanha, tem 161 metros de altura. Até mesmo pequenas capelas frequentemente tinham uma torre de algum tipo. E uma tradição que raramente é questionada.

No topo de muitas torres de igrejas, um camponário frequentemente aponta para o firmamento! Vários escritores escreveram ligando, e talvez não sem alguma justificação, as pontas e camponários com o antigo obelisco. "Existe uma evidência", diz um, "para mostrar que os camponários de nossas igrejas devem sua existência a postes ou obeliscos do lado de fora dos templos das eras passadas"¹⁵ Outro afirma: "Existem ainda hoje notáveis espécimens dos símbolos" fálicos originais...camponários nas igrejas...e obeliscos...todos mostram a influência de nossos ancestrais adoradores de falos."¹⁶

CAPÍTULO SEIS

A Cruz É Um Símbolo Cristão?

A CRUZ É RECONHECIDA como um dos símbolos mais importantes da Igreja Católica Romana. Ela está colocada no topo de telhados e torres. É vista nos altares, mobiliário, e roupas eclesiásticas. O plano da nave da maioria das igrejas católicas é feito na forma de uma cruz. Todos os lares católicos, hospitais, e escolas tem a cruz adornando as paredes. Em toda parte a cruz está honrada e adorada ostensivamente – de centenas de maneiras!



Quando uma criança é aspergida, o padre faz o sinal da cruz sobre sua testa, dizendo: "Recebe o sinal da cruz sobre tua testa." Durante a confirmação, o candidato é assinalado com a cruz. Na Quarta-Feira de Cinzas, cinzas são usadas para fazerem uma cruz na testa. Quando os católicos entram no prédio da igreja, eles mergulham o polegar da mão direita na "água benta", tocam a testa, o peito, o ombro esquerdo e o direito traçando, assim, uma figura da cruz. O mesmo sinal é feito antes de tomar as refeições. Durante a Missa, o sacerdote faz o sinal da cruz 16 vezes e abençoa o altar com o sinal da cruz 30 vezes.

As igrejas protestantes, em sua maioria, não acreditam em fazer sinal da cruz com os dedos. Nem se ajoelham diante de cruzes ou usam-nas como objetos de adoração. Eles tem reconhecido que estas coisas são anti-escriturísticas e supersticiosas. Mas o uso da cruz tem sido comumente relido em torres ou púlpitos, e de várias outras maneiras como uma forma de decoração.

Os cristãos primitivos não consideravam a cruz como um símbolo virtuoso, mas antes "o madeiro maldito", um instrumento de morte e de "vergonha" (Heb. 12:2). Eles não confiavam em uma velha rude cruz. Em lugar disto, sua fé estava no que sucedeu na cruz; e através dessa fé, eles conheciam o pleno e completo perdão do pecado! Foi nesse sentido que os apóstolos pregavam a respeito da cruz e se gloriavam nela (I Cor. 1:17,18). Eles jamais falaram da cruz como uma peça de madeira que alguém tinha que conduzir pendurada em uma correntinha ao redor do pescoço ou levar em sua mão como uma proteção ou amuleto. Tais usos da cruz vieram mais tarde.

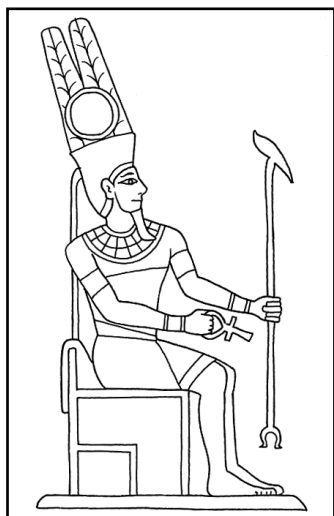
Não foi até o cristianismo começar a ser paganizado (ou, como alguns preferem, o paganismo ser cristianizado), que a imagem da cruz começou a ser imaginada como um símbolo cristão. Foi em 431 que cruzes em igrejas e câmaras foram introduzidas, enquanto o uso de cruzes em campanários não começou até em torno de 586.¹ No sexto século, a imagem do crucifixo foi sancionada pela igreja de Roma.² Não foi até o segundo Concílio de Éfeso que lares particulares foram solicitados a possuírem uma cruz.³

Se a cruz for um símbolo cristão, não se pode dizer que sua origem está dentro do cristianismo, pois de uma forma ou de outra ela era um símbolo sagrado muito antes da Era Cristã e entre muitos povos não cristãos. De acordo com o *An Expository Dictionary of New Testament Words*, a cruz originou-se entre os babilônios da antiga Caldéia. "A forma eclesiástica de uma cruz de duas hastes...teve sua origem na antiga Caldéia, e foi usada como o símbolo do deus Tamuz (sendo em forma do Místico Tau, a inicial do seu nome) naquele país e em terras adjacentes, incluindo o Egito.

A fim de aumentar o prestígio do sistema eclesiástico apóstata, os pagãos foram recebidos dentro das igrejas independente da regeneração pela fé, e foram permitidos abertamente reter seus signos pagãos e símbolos. Daí o Tau ou T, em sua forma mais frequente, com a peça da cruz abaixada, foi adotado para ficar no lugar da cruz de Cristo"!⁴

Em qualquer livro no Egito que mostra os velhos monumentos e paredes dos antigos templos, alguém pode ver o uso da cruz Tau. A ilustração que acompanha mostra o deus egípcio Amon segurando uma cruz Tau.

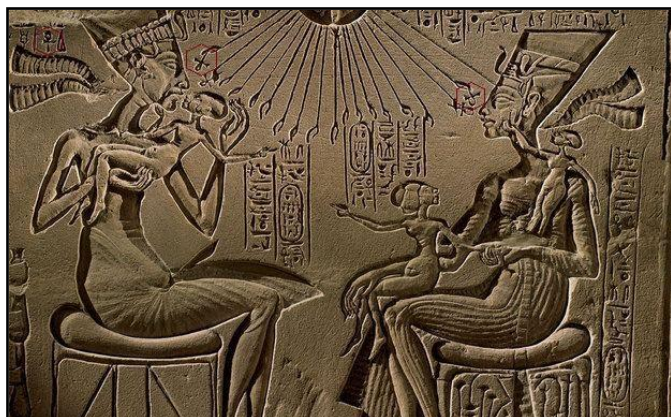
Esta ilustração, tomada de um edifício de Amenófis IV em Tebas, no Egito, mostra um rei rezando.



Amom



Destaque Cruz Tau



Observe o círculo redondo do sol com uma forma de mistério do deus-sol abaixo dele. Diz um importante historiador em referência ao Egito: Aqui, sem mudança, por milhares de anos, descobrimos entre os seus mais sagrados hieróglifos a cruz em várias formas...mas aquela conhecida especialmente como a cruz do Egito", ou a cruz Tau, é da forma da letra T, frequentemente com um círculo ou ovóide acima dela. Ainda este símbolo místico não era peculiar a este país, mas era reverenciado...entre os caldeus, fenícios, mexicanos, e todos os povos antigos em ambos os hemisférios."⁵

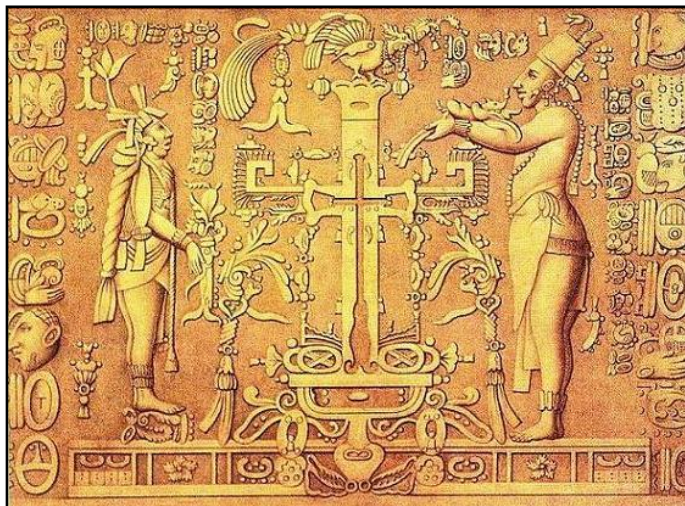
Enquanto o símbolo da cruz se espalhou para várias nações, seu uso se desenvolveu de diferentes maneiras. Entre os chineses, a cruz é...reconhecida como um dos mais antigos amuletos...é retratada sobre as paredes de suas Torres de porcelana, é pintada sobre as lanternas usadas para iluminar os mais sagrados recessos dos seus templos."⁶

A cruz tem sido um símbolo sagrado na Índia por séculos entre povos não cristãos. Lêm sido usada para marcar os jarros de água sagrada tirada do Ganges, também como um emblema dos santos Jains desencarnados. Na parte central da Índia, duas rudes cruzes de pedra tem sido descobertas que datam de um tempo séculos antes da Era Cristã – uma com mais de três metros, a outra com mais de dois metros e meio de altura. Os budistas, e numerosas outras seitas da Índia marcavam seus seguidores na cabeça com o sinal da cruz."⁷

No continente africano, em Susa, nativos mergulham uma cruz no rio Gitché. As mulheres cabilas embora sejam maometanas, tatuam uma cruz entre os olhos. Em Wanyamwizi, paredes são decoradas com cruzes. Os Yaricks, que estabeleceram uma linha de reinos do Níger até o Nilo, tem uma imagem de uma cruz pintada em seus escudos."⁸

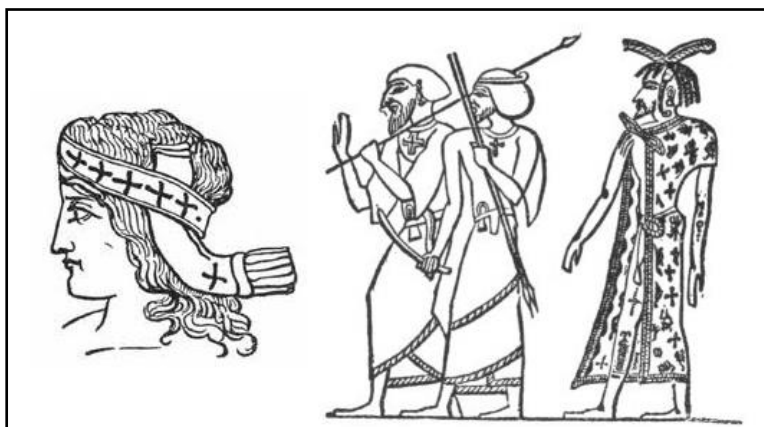
Quando os espanhóis desembarcaram pela primeira vez no México, "não puderam reprimir sua admiração", diz Prescott, "quando viram a cruz, o emblema sagrado de sua própria fé, elevada como objeto de adoração nos templos de Anahuac. Os espanhóis não estavam ao par que a cruz era o símbolo de adoração da mais remota antiguidade...pelas nações pagãs sobre quem a luz do cristianismo jamais havia brilhado."⁹

Em Palenque, no México, fundada por Votan no nono século antes da Era Cristã, existe um templo pagão conhecido como "O Templo da Cruz." Ali, sobre um altar, está uma cruz central com 1,98m horizontalmente e 3,36m de altura. A *The Catholic Encyclopedia* inclui uma fotografia desta cruz, abaixo da qual estão as palavras "Cruz Pré-Cristã de Palenque."¹⁰



Nos tempos remotos, os mexicanos adoravam uma cruz como tota (nosso pai). Esta prática de chamar a um pedaço de madeira com o título de "pai" também é mencionada na Bíblia. Quando os israelitas misturaram a idolatria com sua religião, disseram para um pau, "Tu és meu pai" (Jer. 2:27). Mas, é contrário às Escrituras chamar um pedaço de madeira (ou um sacerdote) pelo título de "pai".

Eras atrás, na Itália, antes das pessoas conhecerem qualquer coisa a respeito das artes da civilização, elas acreditavam na cruz como um símbolo religioso. Ela era vista como protetora e era colocada sobre catacumbas. Em 46 antes de Cristo, moedas romanas mostravam Júpiter segurando um longo cetro terminado com uma cruz.¹¹ As Virgens Vestais da Roma pagã usavam cruzes penduradas em seus colares, como as freiras da igreja católica romana o fazem agora.¹²



Os gregos desenhavam cruzes nas faixas de cabeça do seu deus correspondente a Tamuz dos babilônios. Porcelli menciona que Ísis era mostrada com uma cruz em sua testa. Seus sacerdotes carregavam cruzes em procissão em sua adoração a ela. O templo de Serápis em Alexandria era encimado por uma cruz. O templo da Esfinge quando foi desencavado descobriu-se que tinha a forma cruciforme. Insignias na forma de uma cruz eram levadas pelos persas durante suas batalhas com Alexandre o Grande (335 a.C.)

A cruz era usada como um símbolo religioso pelos aborígenes da América do Sul nos tempos antigos. Crianças recém-nascidas eram colocadas debaixo de sua proteção contra os maus espíritos. Os patagônios tatuavam suas testas com cruzes. Cerâmica antiga do Peru foi encontrada com cruzes marcadas como símbolos religiosos. Monumentos mostram que os reis assírios usavam cruzes suspensas de seus colares, como o faziam alguns dos estrangeiros que batalharam contra os egípcios.¹³

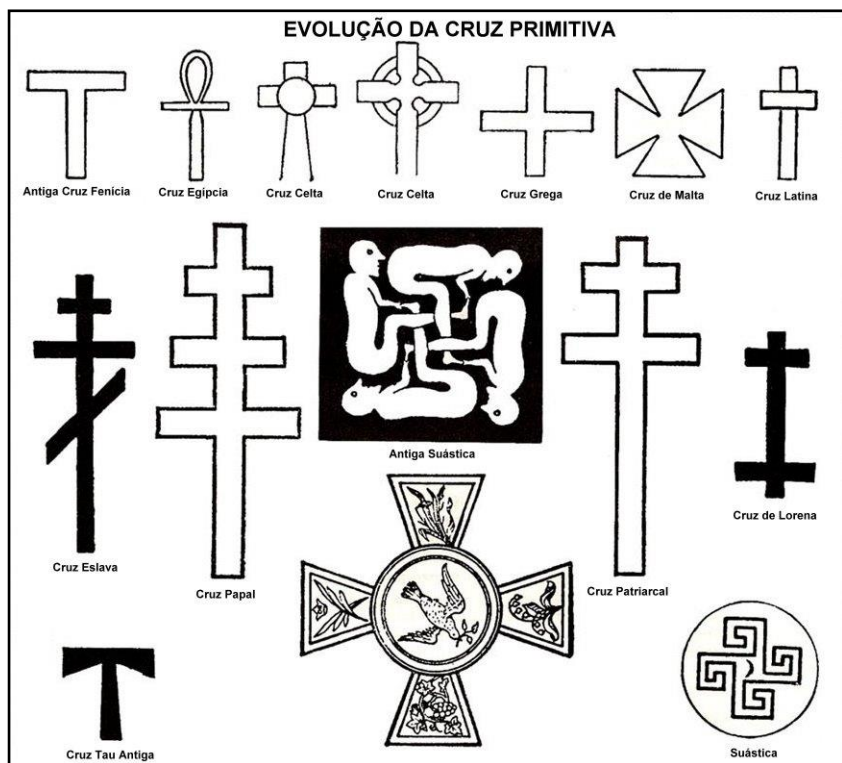
Cruzes também figuravam nas roupas de Rot-n-no nada menos do que no século XV antes da Era Cristã.¹⁴

A *The Catholic Encyclopedia* reconhece que "o sinal da cruz, representado na sua forma mais simples pelo cruzamento de duas linhas em ângulos retos, antedata grandemente, tanto no Oriente como no Ocidente, a introdução do cristianismo. Ele remonta a um período muito remoto da civilização humana."¹⁵

"Mas, uma vez que Jesus morreu em uma cruz", alguém questiona, "isto não faz dela um símbolo cristão?" É verdade que em muitas mentes a cruz é agora associada com Cristo. Mas, aqueles que conhecem sua história e as maneiras supersticiosas como tem sido usada — especialmente nos séculos passados — podem ver o outro lado da moeda. Embora soe grosseiro, alguém tem perguntado: "Suponha que Jesus tivesse sido morto com um revólver; seria isto razão para termos um revólver pendurado em nossos pescoços ou no topo do telhado da igreja?" A coisa se conclui assim: O importante não é o que, mas quem — quem foi que morreu, não que instrumento de morte foi usado. Santo Ambrósio falou algo válido, quando disse, "Adoremos a Cristo, nosso Rei, que foi pendurado no madeiro, não o madeiro."

A crucificação, como um método de morte "era usado em tempos antigos como punição para crimes flagrantes no Egito, Assíria, Pérsia, Palestina, Cartago, Grécia, e Roma...A tradição atribui a invenção da punição da cruz a uma mulher, a rainha Semiramis"¹⁶

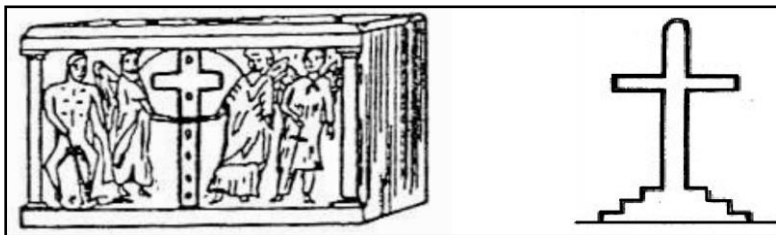
Cristo morreu em uma cruz — fosse de que tipo fosse — e ainda muitos tipos de cruzes são usados na religião católica.



Alguns poucos diferentes tipos são mostrados aqui. Uma página na *The Catholic Encyclopedia* mostra quarenta. Se o uso católico romano da cruz começou simplesmente com a cruz de Cristo – e não foi influenciado por nenhum paganismo – por que existem tantos tipos diferentes de cruzes que são usados?

Diz um notável escritor: “Das várias variedades da cruz ainda, em voga, como emblemas nacionais e eclesiásticos, distinguidos pelos apelos familiares de São George, Santo André, Cruz de Malta, Cruz Grega, Cruz Latina, etc, não existe entre elas nenhuma cuja existência não possa ser traçada até a mais remota antiguidade!”¹⁷

A cruz conhecida como a cruz TAU era largamente usada no Egito. “Em tempos posteriores os cristãos egípcios (coptas) atraídos por sua forma e talvez por seu simbolismo, adotaram-na como o emblema da cruz.”¹⁸ O que é conhecida como a cruz GREGA foi também encontrada em monumentos egípcios. Esta forma da cruz foi usada na Frigia, onde adornava o túmulo de Midas. Entre as ruínas de Nínive, um rei é mostrado usando uma cruz DE MALTA sobre seu peito. A forma da cruz que é hoje conhecida como a cruz LATINA era usada pelos etruscos, conforme é vista em um antigo túmulo pagão com anjos alados de cada lado dele.



Entre os cumas da América do Sul, a que (em sido chamada de cruz de SANTO ANDRÉ, era vista como protetora contra maus espíritos.¹⁹ Ela apareceu nas moedas de Alexandre Bala na Síria em 146 antes de Cristo e naquelas dos reis bactrianos em torno de 140 a 120 a.C. — muito antes de "Santo André" ter ao menos nascido! A cruz Que mostramos aqui é chamada hoje de cruz do CALVÁRIO, ainda assim este desenho e dc uma antiga inscrição da Tessália que data de um período anterior à Era Cristã!



A "Visão" que Constantino teve da cruz.

Uma questão final permanece. Jesus morreu sobre uma cruz — de que forma era ela? Alguns acreditam que era simplesmente uma estaca de tortura, sem qualquer haste cruzando. A palavra cruz automaticamente nos leva ao significado de que duas peças de madeira "cruzam" uma a outra em algum ponto ou ângulo. Mas a palavra grega da qual "cruz" é traduzida no Novo Testamento, *stauros*, não exige este significado. A palavra em si mesma significa uma estaca reta levantada, ou poste.²⁰ Se o instrumento sobre o qual Jesus morreu não foi mais do que isto, não foi uma cruz (como tal), afinal de contas! Isto mostraria claramente a insensatez do fato de muitos lipos de cruces serem "cristianizadas". Mas, não precisamos insistir a respeito desta conclusão,

A declaração de Tomé a respeito do sinal de cravos (plural) nas mãos de Jesus (João 20:25) pareceria indicar uma peça cruzada, pois em uma simples estaca suas mãos teriam provavelmente sido transpassadas com um só cravo. Deixando espaço acima de sua cabeça para-a inscrição (Lucas 23:38), estas coisas tenderiam a favorecer o que tem sido chamada de cruz Latina. Cruces em formato de um "T" ou "X" podem ser eliminadas, uma vez que estas não dariam provavelmente espaço suficiente acima da cabeça, para a inscrição.

Quanto à forma exata da cruz de Cristo, não precisamos ficar muito preocupados. Todos esses argumentos tornam-se insignificantes, quando comparados com o real significado da cruz — não a peça de madeira mas a eterna redenção de Cristo.

Constantino E A Cruz

Um FATOR DESTACADO QUE contribuiu para a adoração da imagem da cruz dentro da igreja romanista foi a famosa "visão da cruz" e subsequente "conversão" de Constantino. Quando ele e seus soldados se aproximaram de Roma, estavam prestes a enfrentar o que é conhecido como a Batalha da Ponte de Milvian. De acordo com o costume do tempo, os haruspícios (aqueles que empregavam adivinhação por meios como ler as entranhas de animias de sacrifício) eram chamados para darem conselhos. (O uso de adivinhações antes das batalhas também era praticado pelo rei de Babilônia: "Porque o rei de Babilônia parará na encruzilhada, no cimo dos dois caminhos para fazer adivinhações: aguçará as suas frechas, consultará os terafins, atentando nas entranhas." – (Ezequiel 21:21.) No caso de Constantino, ele foi dito que os deuses não viriam em sua ajuda, que ele sofreria derrota na batalha. Mas, então, em uma visão ou sonho, como ele relatou mais tarde, apareceu uma cruz para ele e as palavras, "Neste sinal conquistarás." No dia seguinte – 28 de outubro de 312 – ele avançou por trás de um estandarte com a figura de uma cruz. Ele foi vitorioso naquela batalha, venceu seu rival, e professou conversão. É claro que tal aparente vitória para a cristandade teve muito a ver com o uso posterior da cruz na igreja romanista.

Admite-se por toda parte, contudo, que a visão de Constantino da cruz provavelmente não é historicamente verdadeira. A única autoridade de quem a história foi compilada pelos historiadores é Eusébio, que confessadamente era propenso à auto-exaltação e foi acusado de "falsificador da História." Mas, se Constantino teve tal visão, poderemos supor que o autor dessa visão foi Jesus Cristo? O Príncipe da Paz instruiria um imperador pagão a fazer uma bandeira militar com o sinal da cruz e sair conquistando e matando sob aquele sinal?

O Império Romano (do qual Constantino tornou-se o cabeça) tem sido descrito nas Escrituras como uma "besta".



Daniel viu quatro bestas que representavam quatro impérios mundiais – Babilônia (um leão), a Medo-Pérsia (um urso), a Grécia (um leopardo), e Roma. A quarta besta, o Império Romano, era tão horrível que foi simbolizada por uma besta que não parecia com qualquer outra (Daniel 7:1-8). Não vemos qualquer razão para supormos que Cristo diria a Constantino para conquistar com o sinal da cruz, o posterior sistema da besta de Roma!

Mas, se a visão não era de Deus, como podemos explicar a conversão de Constantino? Realmente, sua conversão é para ser seriamente questionada. Muito embora ela tivesse muito que ver com o estabelecimento de certas doutrinas e costumes dentro da igreja, os fatos mostram plenamente que ele não foi verdadeiramente convertido – não no sentido bíblico da palavra. Os historiadores admitem que sua conversão foi “nominal, até mesmo dentro de padrões contemporâneos.”¹

Provavelmente a indicação mais óbvia de que ele não foi realmente convertido pode ser vista no fato que, após sua conversão, ele cometeu vários assassinatos – incluindo o assassinato de sua própria esposa e filho! De acordo com a Bíblia “nenhum assassino tem a vida eterna habitando nele” (I João 3:15). O primeiro casamento de Constantino foi com Minervina, com quem teve um filho chamado Crispo. Sua segunda esposa, Fausta, deu-lhe três filhas e três filhos. Crispo tornou-se um soldado de destaque e ajudava seu pai. Ainda assim, em 326 – logo após dirigir o Concílio de Nicéia – ele condenou seu filho à morte. A história é que Crispo teve relações sexuais com Fausta. Pelo menos esta foi a acusação de Fausta. Mas este deve ter sido seu método de tirá-lo do caminho, de modo que um dos seus filhos pudesse reclamar o trono! A mãe de Constantino, contudo, persuadiu-o que sua esposa tinha “se entregado ao seu filho.” Constantino fez Fausta ser afogada até a morte em um banho superaquecido. Mais ou menos nesse mesmo tempo ele mandou açoitá-lo o filho de sua irmã até a morte e mandou estrangular o marido dela – mesmo depois de ter prometido que pouparia sua vida.²

Estas coisas são resumidas nas seguintes palavras da "The Catholic Encyclopedia: "Mesmo depois de sua conversão ele mandou executar seu cunhado Licínio, e o filho dele, como também Crispo, seu próprio filho do seu primeiro casamento, e sua esposa Fausta...Após ler estas crueldades é difícil acreditar que o mesmo imperador pudesse às vezes ter impulsos calmos e ternos; mas a natureza humana é cheia de contradições."³

Constantino realmente concedeu numerosos favores aos cristãos, aboliu a morte por crucificação, e as perseguições que haviam se tornado tão cruéis em Roma, cessaram. Mas ele tomou estas decisões partindo puramente de convicções cristãs ou teve motivos políticos para agir assim? A *The Catholic Encyclopedia* diz: "Alguns bispos, cegos pelo esplendor da corte, foram muito longe até ao ponto de louvarem o imperador como um anjo de Deus, como um ser sagrado, e profetizarem que ele reinaria, semelhante ao Filho de Deus, nos céus. Tem sido afirmado consequentemente que Constantino favoreceu o cristianismo meramente por motivos políticos, e ele tem sido olhado como um déspota iluminado que fez uso da religião para fazer avançar sua política."⁴

Tal foi a conclusão do notável historiador Durant com relação a Constantino. "Foi sua conversão sincera – foi ela um ato de crença religiosa ou um consumado golpe de sabedoria política? Provavelmente a última... Ele raramente se adaptou às exigências cerimoniais da adoração cristã. Suas cartas aos bispos cristãos tornou claro que ele pouco ligava para as diferenças teológicas que agitavam o cristianismo – embora estivesse desejoso de suprimir as divisões, no interesse da unidade imperial. Por todo o seu reino ele tratava os bispos como seus ajudantes políticos; ele os convocava, presidia seus concílios, e concordava em reforçar qualquer opinião que sua maioria formulasse. Um crente verdadeiro teria sido um cristão em primeiro lugar e um estadista em segundo; com Constantino foi o contrário. O cristianismo era para ele um meio, não um fim."⁵

As perseguições não destruíram a fé cristã. Constantino sabia disto. Em lugar do império estar constantemente dividido – com os pagãos em conflito com os cristãos – por que não tomar as medidas necessárias para misturar o paganismo e o cristianismo, colocando-os juntos, raciocinou ele, e assim trazer uma força unida para o império? Havia semelhanças entre os dois sistemas religiosos. Mesmo o símbolo da cruz não era um fator divisório, pois por este tempo estava em uso por cristãos e "para o adorador de Mitra, nas forças de Constantino, a cruz não podia trazer qualquer ofensa, pois há muito tempo que eles combatiam trazendo nas mãos um pavilhão com a cruz iluminada do mitraísmo."⁶

O cristianismo de Constantino era uma mistura. Embora ele tivesse sua estátua removida dos templos pagãos e tivesse renunciado ao oferecimento de sacrifícios para si mesmo, mesmo assim as pessoas continuavam a falar da divindade do imperador.

Como pontífice máximo ele continuou a frequentar os cultos pagãos e proteger seus direitos. Na dedicação de Constantinopla em 330 foi usado um cerimonial que era meio pagão e meio cristão. A carruagem do deus-sol foi estabelecida na praça do mercado e sobre ela estava a cruz de Cristo. Moedas feitas por Constantino apresentavam a cruz, mas também representações de Marte e de Apoio. Enquanto professava ser um cristão, ele continuava a acreditar em fórmulas mágicas pagãs para a proteção das colheitas e a cura de enfermidades. Todas estas coisas são indicadas na "*The Catholic Encyclopedia*"⁷ Ainda assim, o conceito pelo qual a Igreja Católica Romana desenvolveu-se e cresceu – o conceito de misturar paganismo e cristianismo como uma força unida – está claramente ligado a Constantino e os anos que seguiram, nos quais a igreja tornou-se rica e aumentada em bens.

Uma história que grandemente influenciou a adoração da cruz dentro da igreja romanista – muito mais do que aquela da visão de Constantino – centralizava-se em torno de sua mãe Helena. Quando com quase oito anos de idade, ela fez uma peregrinação a Jerusalém, a lenda diz que ela encontrou três cruzes enterradas ali – uma, a cruz de Cristo e as outras duas aquelas sobre as quais os ladrões foram crucificados. A *cruz de Cristo* Ibi identificada porque operava milagres de cura, por sugestão de Macários, bispo de Jerusalém, enquanto as outras duas não os operavam.

Diz um artigo na *The Catholic Encyclopedia*, "Uma porção da Verdadeira Cruz permaneceu em Jerusalém, encerrada em um relicário de ouro; o restante, com os cravos, deve ter sido enviado para Constantino...Um dos cravos foi pregado no elmo do imperador, e outro na campainha do seu cavalo, fazendo cumprir, de acordo com muitos dos Pais, o que tinha sido escrito por Zacarias o Profeta: "Naquele dia se gravará sobre as campainhas dos cavalos: SANTIDADE AO SENHOR." (Zac. 14:20)"⁸ Este mesmo ar tigo, enquanto tenta conservar os ensinamentos gerais da igreja concernentes à cruz, admite que as histórias a respeito da descoberta da cruz variam e a tradição (que realmente desenvolveu-se anos mais tarde) pode ser bastante baseada nas lendas.

Que Helena visitou Jerusalém em 326, parece historicamente correto. Mas, a história de sua descoberta da cruz não apareceu até 440 – cerca de 114 anos mais tarde!⁹ A idéia de que a cruz original estaria ainda em Jerusalém, quase 300 anos após a crucificação, parece muito duvidosa.

Ao lado disto, as leis entre os judeus exigiam que as cruzes fossem queimadas após serem usadas para a crucificação.¹⁰ O que sucederia se alguém em nossos dias encontrasse a verdadeira cruz de Cristo e pudesse provar que era ela mesma?

Isto seria de grande interesse, é claro; mas, haveria qualquer virtude naquele pedaço de madeira? Não, pois a cruz já serviu seu propósito, como o fez a serpente de bronze de Moisés. Relembramos que "Moisés fez uma serpente de bronze, e colocou-a sobre um poste, e aconteceu que, se uma serpente mordesse qualquer homem, ao olhar a serpente de bronze, ele viveria" (Números 21:9). Levantar a serpente no deserto foi um tipo da maneira como Cristo foi levantado na morte (João 3:15). Mas, após a serpente de bronze ter servido seu propósito, os israelitas a conservaram e fizeram dela um ídolo! Assim sendo, séculos mais tarde, Ezequias "fez o que era reto aos olhos do Senhor...ele removeu os lugares altos, e quebrou as imagens e cortou os bosques, e fez em pedaços a serpente de bronze que Moisés tinha feito: pois até aqueles dias os filhos de Israel queimavam incenso para ela" (II Reis 18:1-4). Ezequias fez o que era "reto" — não somente destruindo ídolos *pagãos* — mas até mesmo aquele que Deus havia ordenado, pois já havia servido seu propósito original e agora estava sendo usada de maneira supersticiosa. Nesta mesma base, se a cruz original ainda estivesse em existência, não haveria qualquer razão para estabelecê-la como um objeto de adoração. E se não poderia haver qualquer poder na cruz original, quanto mais em um simples pedaço de madeira feito à sua semelhança?

Assim como os egípcios pagãos tinham erigido obeliscos, não somente como um símbolo do seu deus, mas em alguns casos a própria imagem era acreditada como possuindo poder sobrenatural, assim também alguns passaram a olhar a cruz da mesma maneira. Não havia ela ajudado Constantino na Batalha da Ponte de Milvian? A cruz por acaso não operou milagres para Helena? Ela veio a ser olhada como uma imagem que podia afugentar maus espíritos. Era usada como um talismã. Era colocada no topo das torres das igrejas para afugentar os raios, enquanto que, por causa de sua alta posição, era a própria coisa que atraía os raios! O uso da cruz em lares particulares era visto como algo que evitaria problemas e doenças. Muitos pedaços de madeira — supostamente pedaços da cruz "original" — foram vendidos e trocados como protetores ou talismãs.

As Relíquias Do Romanismo

GROSSEIRA SUPERSTIÇÃO que tem acompanhado o uso de relíquias revela a decepção e inconsistência com as quais o romanismo tem sido assolado por séculos. Entre as relíquias mais altamente veneradas tem havido pedaços da "verdadeira cruz". Tantos desses foram espalhados através da Europa e outras partes do mundo que Calvino disse certa vez que se todos os pedaços fossem reunidos, eles formariam uma boa *carga de navio*; ainda assim, a cruz foi levada por uma só pessoa. Devemos crer que esses pedaços se multiplicaram miraculosamente da mesma maneira quando Jesus abençoou os pães e os peixes? Esta foi aparentemente a crença de São Paulino que falou da "reintegração da Cruz, ou seja, que ela jamais diminuiu de tamanho, a despeito de quantos pedaços fossem tirados dela"!¹

O notável reformador, João Calvino (1509-1564), mencionou a inconsistência de várias relíquias do seu dia. Várias igrejas diziam que possuíam a coroa de espinhos; outras as talhas usadas por Jesus no milagre de Caná. Um pouco do vinho podia ser achado em Orleans. A respeito de um pedaço de peixe frito que Pedro ofereceu a Jesus, Calvino disse: "Ele deve ter sido maravilhosamente bem salgado, se tinha de ser conservado por tão longa série de eras." O berço de Jesus era exibido para veneração cada véspera de Natal na igreja de Santa Maria Maior em Roma. Várias igrejas afirmavam que tinham as fraldas de Jesus. A igreja de São Tiago, em Roma, apresentava o altar no qual Jesus foi colocado quando foi apresentado no templo. Até mesmo a pele do prepúcio (de sua circuncisão) era mostrada pelos monges de Charroux, que, como prova de sua autenticidade, declararam que havia derramado gotas de sangue.² Várias igrejas afirmavam que possuíam o "santo prepúcio", incluindo uma igreja em Coulombs, França, a Igreja de São João em Roma, e a Igreja de Puy em Velay!³

Outras reliquias incluem as ferramentas de carpinteiro de José, ossos do jumentinho no qual Jesus cavalgou entrando em Jerusalém, o cálice usado na Última Ceia, a bolsa vazia de Judas, a bacia de Pilatos, o manto de púrpura lançado sobre Jesus pelos soldados que zombavam, a esponja levantada por ele na cruz, cravos da cruz, fios de cabelos da virgem Maria (alguns castanhos, alguns louros, alguns ruivos, e alguns pretos), suas saias, seu anel de casamento, sandálias, véu, e até mesmo a mamadeira de Jesus.⁴

De acordo com a crença católica, o corpo de Maria foi tomado para o céu. Porém, várias diferentes igrejas na Europa reclamam ter o corpo da mãe de Maria, muito embora nada saibamos a respeito dela e ela nem mesmo recebeu o nome de "Sant'Ana" até há poucos séculos atrás! Ainda mais difícil é uma história a respeito da casa de Maria. Os católicos acreditam que a casa na qual Maria viveu em Nazaré está agora na cidadezinha de Loreto, na Itália, tendo sido transportada para lá pelos anjos!

A *The Catholic Encyclopedia* diz: "Desde o século quinze, e possivelmente até antes disto, a "Santa Casa" de Loreto tem sido enumerada entre os mais famosos santuários da Itália.,,O interior mede somente 9,40m por 3,90m. Um altar fica numa extremidade abaixo de uma estátua enegrecida pelo tempo, da Virgem mãe e seu Divino Infante..digna de veneração em todo o mundo, por causa dos divinos mistérios realizados nela.



Intérieur da "Santa Casa" da Loreto

Foi aqui que a santíssima Maria, Mãe de Deus, nasceu; foi aqui que ela foi saudada pelo Anjo; foi aqui que o Verbo eterno foi feito Carne.

Os anjos transportaram esta. Casa da Palestina para a cidadezinha de Tersato na tlíria no ano da salvação de 1291 no pontificado de Nicolau IV. Três anos depois, no princípio do pontificado de Bonifácio VIII, ela foi levada novamente pelo ministério dos anjos e foi colocada em um bosque...onde tendo mudado sua estação três vezes no decorrer de um ano, completamente, pela vontade de Deus ela tomou sua posição permanente neste local...Que as tradições proclamadas assim, de maneira rude, para o mundo tem sido plenamente sancionadas peia Santa Sé, nem por um momento pode permanecer cm dúvida. Mais de quarcnfs esete papas tem de várias maneiras prestado homenagem ao santuário, e um imenso número de Bulas e Breves proclamam sem qualquer dúvida a identidade da Santa Casa de Loreto com a da Santa Casa de Nazaré!"⁵

A veneração de corpos mortos de mártires foi ordenada peio Concílio deTrento, o Condlio que também condenou aqueles que não acreditavam nas relíquias: "Os santos corpos dos santos mártires.. .devem ser venerados pelos fiéis, pois através desses corpos muitos benefícios são derramados. por Deus sobre os homens, de modo que, aqueles que afirmam que veneração e honra não são devidas às relíquias dos santos...devem ser completamente condenados, como a Igreja há muito os tem condenado e ainda os condena."⁶ Desde que acreditava-se que "mulos benefícios" advinham dos ossos de homens mortos, a venda de corpos e ossos tornou-se um grande negócio!

Em torno de 750, longas filas de carroções constantemente vinham para Roma, trazendo imensas quantidades de crânios e esqueletos que eram classificados, etiquetados, e vendidos pelos papas.⁷ Sepulturas eram violadas durante a noite e túmulos nas igrejas eram vigiados por homens armados! "Roma", diz Gregorovius, "era como um cemitério malcheiroso, no qual hienas uivavam e brigavam, enquanto cavavam avidamente à procura de cadáveres." Existe na Igreja de São Praxedes uma placa de mármore a qual afirma que em 817, o papa Pascoal transferiu os corpos de 2.300 mártires de cemitérios para esta igreja.⁸ Quando o papa Bonifácio IV converteu o Panteon em uma igreja cristã em mais ou menos 609, "vinte e oito carretas carregadas de ossos sagrados das Catacumbas foram descarregadas em uma bacia de pórfiro abaixo do altar-mór"⁹

Para consagrar" o terreno e o prédio de uma igreja, exigia-se Que se colocasse debaixo dela ossos ou outras relíquias.¹⁰ A Catedral de Wittenberg, à porta da qual Lutero afixou suas famosas "Noventa e Cinco Teses", tinha 19.000 santas relíquias!¹¹

Os bispos foram proibidos pelo segundo Concílio de Nicéia em 787 de dedicar um edifício se não houvesse qualquer relíquia presente; a penalidade para fazer isto era a excomunhão! Estas idéias foram tiradas da Bíblia, ou do paganismo!

Nas lendas antigas, quando Nimrode, o falso "salvador" da Babilônia morreu, seu corpo foi dividido junta por junta – e as partes foram enterradas em diferentes lugares. Quando ele foi "ressuscitado", tornando-se o deus-sol, foi ensinado que estava agora em um corpo diferente, tendo deixado para trás os membros do velho corpo. Isto está em contraste com a morte do verdadeiro Salvador, Jesus Cristo, de quem foi profetizado, "Nenhum dos seus ossos será quebrado" (João 19:36) e que ressuscitou no verdadeiro sentido da palavra. A ressurreição de Cristo resultou em um túmulo vazio, nenhuma parte do seu corpo tendo sido deixada para trás para servir de relíquia!

Na velha religião de mistérios, os diferentes locais onde se acreditava que os ossos do seu deus estavam enterrados, eram considerados sagrados – "consagrados" por um osso. "O Egito estava coberto com sepulcros do seu deus martirizado; e muitos tinham uma perna ou um braço ou um crânio, todos registrados como genuínos, os quais eram exibidos nos locais de sepultamento rivais para a adoração dos fiéis egípcios."¹²

A influência do Egito sobre os filhos de Israel é evidenciada na fabricação do bezerro de ouro. Desde que o Egito era um lugar de relíquias multiplicadas, a sabedoria de Deus no sepultamento secreto de Moisés é compreensível (Dt. 34:6). Ninguém sabia o lugar do seu sepultamento e não se podiam fazer peregrinações sagradas à sua tumba. Anos mais tarde, a serpente de bronze que Moisés fizera foi chamada de "Neustã" e foi adorada como uma relíquia sagrada pelos israelitas (III Reis 18:4). Se tal idolatria foi praticada com algo que Moisés fizera, quão mais profundamente eles teriam entrado na idolatria, se possuíssem algum dos ossos deles!

Talvez seja desnecessário dizer que o uso de relíquias é muito antigo e não se originou com o cristianismo. A *The Catholic Encyclopedia* afirma corretamente que o uso de alguns objetos, notadamente parte do corpo ou roupas, permanecendo como um memorial de um santo que partira" e à veneração de relíquias é, de fato, até um certo ponto, um instinto primitivo, associado com muitos outros sistemas religiosos além do cristianismo."¹³ Se Cristo e os apóstolos não usaram relíquias, mas seu uso era conhecido antes do cristianismo e entre outras religiões, não temos nós outro exemplo de uma idéia pagã "cristianizada"?

Não vemos relíquias como algo que tem parte na verdadeira adoração, pois "Deus é Espírito: e importa que aqueles que O adoram O adorem em espírito e em verdade" (João 4:24). O extremismo ao qual tem conduzido o uso de relíquias, não é uma "verdade".

Alguns dos ossos que já foram aclamados como ossos de santos, tem sido expostos como ossos de animais! Na Espanha, uma catedral certa vez foi apresentada com o que dizia-se ser parte de uma asa do anjo Gabriel quando ele visitou Maria. Sob investigação, contudo, descobriu-se que era uma magnífica pena de avestruz!¹⁴ Não é necessário laborar muito sobre esta questão. A própria *The Catholic Encyclopedia* reconhece que muitas relíquias são duvidosas. "Muitas das mais antigas relíquias devidamente exibidas para veneração nos grandes santuários da cristandade ou mesmo na própria Roma, deverão ser agora pronunciadas como certamente espúrias ou abertas a graves suspeitas... dificuldades deveriam ser levantadas urgentemente contra a suposta coluna da flagelação" venerada em Roma na Igreja de São Praxedes e contra muitas outras relíquias famosas!"¹⁵

Como, então, é explicada esta discrepância? A *The Catholic Encyclopedia* continua: "...nenhuma desonra será cometida contra Deus, pela continuação de um erro que tem sido aceito em perfeita boa fé por muitos séculos... Dai existe justificativa para a prática da Santa Se em permitir que o culto de certas antigas relíquias duvidosas continue."¹⁶ Mas, novamente, apontaríamos que a verdadeira adoração é em espírito e em verdade — não pela continuação de um erro. Mesmo que tivéssemos um dos cabelos de Maria, ou um osso do apóstolo Paulo, ou as vestes de Jesus, Deus se agradaria com estas coisas sendo colocadas como objeto de culto? De acordo com o exemplo da serpente de bronze de Moisés, Deus não se agradaria. Podemos somente perguntar: se não haveria virtude real no verdadeiro cabelo, osso, ou vestido, quanto menos poderá existir mérito em relíquias que se sabe que são falsificações?

CAPÍTULO NOVE

Fraude Religiosa

VENDA DE RELÍQUIAS, ofícios da igreja, e indulgências, tornou-se um grande negócio dentro da igreja da Idade Média. O papa Bonifácio VIII declarou um jubileu para o ano 1300 e ofereceu indulgências liberais para aqueles que fizessem uma peregrinação até a Basílica de São Pedro. Calcula-se que 2 milhões de pessoas foram lá aquele ano e depositaram tal tesouro diante do suposto túmulo de São Pedro que dois padres com rodos nas mãos ficavam dia e noite ocupados, recolhendo o dinheiro.¹ A maior parte deste dinheiro foi usado pelo papa para enriquecer seus próprios parentes – os Gaetani – que compraram numerosos castelos e esplêndidos terrenos no Lácio. Isto foi algo que trouxe forte ressentimento para o povo de Roma.

Desde os dias de Constantino, a igreja romana havia aumentado em riquezas rapidamente. Na Idade Média, a igreja possuía cidades inteiras e vastas porções de terra. Aqueles que viviam nos países católicos eram exigidos que pagassem impostos para a igreja. Isto não significava dar de coração mas eram taxas pagas “por causa da necessidade” – um princípio que fora oposto pelo apóstolo Paulo (II Cor. 9:7). Naqueles dias, poucas pessoas sabiam escrever, de modo que os padres eram frequentemente envolvidos em testamentos. Em 1170 o papa Alexandre III decretou que ninguém podia fazer um testamento a não ser na presença de um padre! Qualquer tabelião secular que preparasse um testamento (exceto sob estas circunstâncias) tinha que ser excomungado!² Frequentemente um padre era a última pessoa a estar com um homem que morria, pois deveria dar os últimos ritos, a Extrema Unção. Com tais arranjos, podemos estar certos que a igreja romanista era bem lembrada no testamento.

Outra fonte de dinheiro era a venda de indulgências. A *The Catholic Encyclopedia* explica que pecados cometidos depois do batismo (que para um católico é usualmente na infância!) podem ser perdoados através do sacramento de penitência, “mas ainda permanece a punição temporal exigida pela justiça Divina, e esta exigência deve ser atendida nesta vida ou no mundo vindouro, ou seja no Purgatório.

Uma indulgência oferece ao penitente pecador os meios de pagar esta dívida durante esta vida na terra.”³ Muitos tem tido somente uma idéia geral do que implica a palavra indulgência.

Outra coisa que não é bem conhecida a respeito das indulgências, de acordo com a crença católica, é a base sobre a qual tais indulgências são concedidas. De acordo com a *The Catholic Encyclopedia*, a base ou fonte para as indulgências é o “Tesouro.” Isto inclui a obra infinita e redentora de Cristo que é a propiciação pelos pecados (I João 2:2), “além disto” – observe a palavra! – “existem as satisfatórias obras da Bendita Virgem Maria não di minuídas por qualquer penalidade devida ao pecado, e as virtudes, penitências, e sofrimentos dos santos excedendo em muito qualquer punição temporal em que estes servos de Deus pudessem incorrer.” Por causa das obras que estes tem realizado, existe um suprimento extra ou tesouro de méritos, méritos que fizeram possível as indulgências serem compartilhadas com outros da igreja que não tem sido tão santos! Tal foi a doutrina dogmaticamente estabelecida na Bula “Unigénito” de Clemente VI em 1343. “De acordo com a doutrina católica, portanto, a fonte das indulgências é constituída pelos méritos de Cristo e dos santos.”⁴

Mas se Cristo é “a propiciação pelos nossos pecados” e seu sangue “nos purifica de todo pecado” (1 João 1:7; 2:2), por quais meios podem os méritos de Maria e outros santos possivelmente adicionar algo a isto? O que Maria e os outros santos fize-am nada pode acrescentar à obra consumada de Cristo no Calvário. Para nós, tal lenga-lenga não fornece qualquer apoio para a doutrina das indulgências, mas a identifica, antes, como uma fabricação do homem.

Sem um fundamento escriturístico apropriado, não é pouco ad mirável que a idéia das indulgências conduzisse a muitos abusos. Uma vez que a concessão de indulgências estava comumente ligada a dinheiro, a *The Catholic Encyclopedia* faz afirmações como esta: “A prática foi liberada com grave perigo, e em breve tornou-se uma frutífera fonte do mal...um meio de conseguir dinheiro...indulgências eram empregadas por eclesiásticos mercenários como meio de ganho pecuniário...abusos se espalharam”!⁵

Um dos abusos era que alguns que vendiam indulgências para pecadores, eram eles mesmos mais pecadores do que os outros, fern torno de 1450, Thomas Gascoigne, Chanceler da Universidade de Oxford, queixou-se que os vendedores de indulgência que vagueavam pela terra, algumas vezes davam uma carta de perdão pelo pagamento de dois centavos, ou por um copo de cerveja, pelo aluguel de uma prostituta, ou por amor carnal.⁶



Gravura de Madeiro da venda de indulgências por Jorg Breu o Presbítero (Séc. XVI)

No tempo de Martinho Lutero, por causa da construção da Basílica de São Pedro, um esforço especial foi feito pelo papa, para levantar dinheiro através da concessão de indulgências. John Tetzel, conhecido como homem de má conduta, mas que era habilidoso na arte de levantar fundos, foi indicado para vender indulgências na Alemanha. O relato seguinte é dado como uma descrição de Tetzel, por testemunha ocular, ao entrar em uma cidade alemã. "Quando o vendedor de indulgências aproximou-se da cidade, a Bula (o documento oficial do papa) vinha conduzida antes dele ornamentada de veludo e ouro, e todos os padres e monges, o conselho da cidade, os professores e seus alunos, e todos os homens e mulheres saíram para se encontrarem com ele com bandeiras e velas e canções, formando uma grande procissão; em seguida com sinos e órgãos tocando, eles o acompanharam até a igreja principal; uma cruz foi colocada no meio da igreja e a bandeira do papa foi desfraldada; resumindo, alguém poderia pensar que estavam recebendo o próprio Deus. Diante da cruz foi colocado um grande cofre de ouro para receber o dinheiro e em seguida o povo era induzido de várias maneiras a comprar indulgências."

Diz-se que Tetzel levava consigo um quadro do diabo atormentando as almas no purgatório e que repelia frequentemente as palavras que apareciam na caixa de dinheiro: "*Sobald der pfenning im kasten klinget, kien seel aus dem Fegfeuer springt*", que traduzido livremente, significa, "Assim que o dinheiro no cofre cai, a alma atribulada do purgatório sai." Os ricos davam grandes doações, enquanto os pobres camponeses sacrificavam o que podiam a fim de ajudarem seus queridos no purgatório, ou para obter perdão de seus próprios pecados.

Nas universidades medievais, aqueles que desejavam advogar certas opiniões, publicamente afixavam essas "teses" – afirmações de suas idéias – e convidavam à discussão sobre esses pontos.



Lutero

Segundo este costume. Maninho Lutero afixou suas famosas Noventa e Cinco Teses à porta da Catedral de Wittenberg, Alemanha. (Sua tese de número 27 era contra a idéia que assim que o dinheiro peneirava na caixa da coleta, as almas escapavam do purgatório.) Não foi, contudo, na Catedral que Tetzel pregou. A pregação de indulgências não era permitida em Wittenberg. Mas, muitas das pessoas de Wittenberg tinham ido escutar Tetzel falar em Juterbog, uma cidadezinha próxima.

Lutero começou a falar contra a venda de indulgências e, eventualmente, contra as indulgências propriamente ditas. Ele foi de nunciado em uma Bula do papa Leão X, por dizer, "As indulgências são uma fraude religiosa...as indulgências não livram aqueles que as ganham da penalidade devida ao pecado à vista da justiça divina."

O trabalho da Reforma fez um bom serviço ao expor os abusos de dar dinheiro a favor das almas no Purgatório. Hoje as pessoas não escutam que o dinheiro pode pagar pela libertação daquelas almas atormentadas. Não obstante, a doação do dinheiro e as orações pelos mortos andam lado a lado. Uma vez que os padres devem admitir que não tem uma maneira de saber quando as almas realmente passam do Purgatório para o Céu, jamais é possível o estabelecimento deste assunto. Sempre existe a possibilidade de que mais dinheiro deveria ser dado a favor dos amados que morreram. Jogar com o amor e as ternas memórias de pessoas mortas, para tirar dinheiro das massas e fazer longas orações, trazem à memória aqueles sacerdotes judeus do tempo de Jesus que "devoravam" as casas das viúvas e para o justificar faziam "longas orações" (Mt. 23: 14).

Uma Missa Solene pode ser muito cara, dependendo das flores, velas, e número de padres que tomam parte na mesma. Ela é cantada em um alto tom de voz. (Originalmente e chamada de Missa Alta.—NT.) A Missa baixa, por outro lado, é muito menos cara — somente seis velas são usadas e é repetida em voz baixa. Os irlandeses tem um ditado, "Alto dinheiro, ALTA Missa; baixo dinheiro, BAIXA Missa; nenhum dinheiro, NENHUMA MISSA!"

Aqueles que morrem sem ninguém que pague missas em seu favor, são chamados "as almas esquecidas no Purgatório." Contudo, estes são lembrados em orações especiais no dia 2 de novembro, "O Dia de Todos os Santos." Se um católico temer que pode tornar-se uma das "almas esquecidas", ele deve unir-se à Sociedade Purgatorial que foi estabelecida em 1856. Uma contribuição cada ano para a sociedade assegurará a ele que, após sua morte, orações serão ditas por sua alma. Durante a Segunda Guerra Mundial, o arcebispo de Winnipeg, em uma carta datada de 1º de março de 1944, avisou às mães católicas romanas a garantirem a salvação dos seus filhos do Purgatório pelo pagamento para ele de 40 dólares para rezas e missas a favor deles.

Direi isto aqui com bastante clareza, seja ele pagão, papal, protestante, ou pentecostal, nenhum papa, padre, ou pregador pode garantir a salvação de qualquer pessoa, viva ou morta, na base de qualquer quantia de dinheiro dada para suas orações. A Bíblia diz que é difícil para um rico entrar no reino dos céus (Mat. 19:23,24). Mas, se o pagamento de dinheiro pudesse ajudar uma pessoa a escapar do Purgatório e ir para o Céu, justamente o inverso seria verdade. Em lugar de ser "difícil" para um rico entrar no céu, as riquezas seriam uma "ajuda".

A Bíblia diz, "Aqueles que confiam na sua fazenda, e se gloriam na multidão das suas riquezas, nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão ou dar a Deus o resgate dele" (Salmo 49:6,7).

Se o dinheiro não pode redimir um irmão que está vivo, como poderia redimi-lo se estivesse morto? Não pode haver qualquer erro a respeito do que Pedro falou sobre o assunto. Ele claramente afirma que "não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados...mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado." (I Pedro 1:18.) Quando o antigo feiticeiro de Samaria ofereceu dinheiro para obter um dom de Deus, Pedro disse, "Ao inferno tu c teu dinheiro! Como ousaste pensar que com dinheiro comprarias o dom de Deus?" (Atos 8:20). Estas palavras são da tradução de J.B.Phillips, à qual ele acrescenta uma nota de rodapé: "Isto é exatamente o que significa o grego. É uma pena que seu verdadeiro significado seja obscurecido pela gíria moderna."

As idéias católico-romanas a respeito do Purgatório (e as orações para ajudar aqueles que estão no Purgatório) não foram os ensinamentos de Cristo e dos apóstolos.



Maria é mostrada sendo Rainha do Céu. Abaixo está o anjo, e os pecadores está no Purgatório.

Tais coisas não foram ensinadas na igreja romanista em qualquer nível até em tomo do ano 600 quando o papa Gregório o Grande reclamou um terceiro estado – um lugar para a purificação das almas antes de sua entrada no céu – e não se tornou realmente um dogma, até o Concílio de Florença em 1459.

Durante o século doze, uma lenda foi espalhada que dizia que São Patrício havia encontrado a verdadeira entrada para o Purgatório. A fim de convencer alguns duvidosos, ele fez cavar um poço muito fundo na Irlanda, para dentro do qual desceram vários monges. Após seu retorno, diz a lenda, eles descreveram o Purgatório e o Inferno com desencorajante entusiasmo. Em 1153, o cavaleiro irlandês Owen disse que também havia entrado através do poço para o mundo subterrâneo. Turistas vinham de longe e de perto para visitarem o local. Em seguida abusos financeiros desenvolveram-se e em 1497 o papa Alexandre VI ordenou que fosse fechado por ser um a fraude.⁷ Três anos mais tarde, contudo, o papa Benedito XIV pregou e publicou em Roma um sermão em favor do Purgatório de Patrício.⁸

Crenças a respeito de um purgatório circularam durante muito tempo. Platão, que viveu de 427 a 347 a.C., falou dos ensinadores órficos dos seus dias "que povoavam as portas dos ricos e tentavam persuadi-los que possuíam um poder de a seu comando, o qual tinham recebido do céu, e que os permitia através de sacrifícios e encantamentos...consertar quaisquer crimes cometidos pelo próprio indivíduo, ou por seus ancestrais...Seus mistérios nos livram dos tormentos do outro mundo, enquanto a negligência deles é punida por um terrível juízo"⁹



Budistas Chineses Comprando Indulgências

Existe uma descrição elaborada do sofrimento purgatorial nos escritos sagrados do Budismo. Tem havido tempos em que tantos budistas chineses vieram comprar rezas para a libertação dos seus amados do purgatório que lojas especiais tiveram que ser montadas para este propósito. (Veja a ilustração.) Na religião de Zoroastro as almas tem que passar por doze estágios de purificação antes de entrarem no céu. Os estóicos conceberam um estado intermediário de purificação e iluminação que chamavam de Empurosos, que era "um lugar de fogo"¹⁰ de De acordo com a doutrina muçulmana, os anjos Munnker e Nekier Questionam aqueles que morrem a respeito de sua religião e seu profeta. Muitos desses vão para o purgatório, mas através de dinheiro dado a um sacerdote, pode ser providenciado um escape.

O conceito de dar dinheiro a favor dos mortos é muito antigo, um ponto que pode ser visto dentro da própria Bíblia. Aparentemente os israelitas foram expostos a esta crença, pois foram advertidos a não dar dinheiro "para algum morto" (Dt. 26:14). Após apresentar detalhadas evidências para sua conclusão, Hislop diz: "Em todo sistema, portanto, exceto o da Bíblia, a doutrina do purgatório após a morte, e rezas pelos mortos, tem sempre ocupado um lugar."¹¹

É bastante possível que os conceitos a respeito do purgatório e certas idéias ligadas com a adoração a Moloque todos estão enraizados na mesma fonte.



Bebê Oferecido a Moloque

Parece que todas as nações, de uma maneira ou de outra entenderam que o fogo, era necessário para limpar o pecado. Os israelitas foram advertidos várias vezes para não fazerem "sua semente passar no fogo para Moloque" (Lv. 18:21; Jr. 32:35; II Reis 23:10). Moloque (que alguns identificam com Bel ou Nimrode) era adorado "com sacrifícios humanos, purificações...com mutilação, votos de celibato e virgindade, e devoção do primogênito."¹² Algumas vezes ele era representado como um ídolo horrível com fogo queimando por dentro, de modo que tudo o que era colocado em seus braços era consumido. Na ilustração, um sacerdote pagão tomou um bebê de sua mãe para ser oferecido a Moloque. Se os pais desistissem, era feito um alto barulho de tambores para esconder os gritos. A palavra para tambores é tophim de onde veio a palavra "Tophe,"¹³ o local mencionado em versículo como no livro de Jeremias 7:31: "E edificaram os altos de Tofete...para queimarem no fogo a seus filhos e a suas filhas." Enquanto os tambores soavam, as bandas tocavam, e os sacerdotes cantavam, os sacrifícios humanos eram devorados nas chamas.

Que tristeza, pensar que por ritos tão cruéis, ou pelo pagamento de dinheiro, os homens pensam que podem pagar seus pecados. As boas novas são que o preço já foi pago – por Jesus Cristo! A Salvação é pela graça – por um favor que jamais poderia ser merecido por dinheiro, obras humanas, ou sacrifícios. "Pois pela GRAÇA sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é DOM de Deus: não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Ef. 2:8,9).

CAPÍTULO DEZ

Pedro Foi O Primeiro Papa?

COMO O CABEÇA DA Igreja Católica Romana está o papa de Roma. Este homem — de acordo com a doutrina católica — é o cabeça da igreja e sucessor do apóstolo Pedro. De acordo com esta crença, Cristo apontou Pedro como o primeiro papa, que por sua vez veio para Roma e serviu neste cargo durante vinte e cinco anos. Começando com Pedro, a igreja católica reclama uma sucessão de papas que continuou até nossos dias. Esta é uma parte muito importante da doutrina católico-romana. Mas, as Escrituras ensinam que Cristo ordenou UM homem para estar acima de todos os outros em sua igreja? Podemos encontrar qualquer autoridade escriturística para o ofício de um papa, um supremo pontífice? Os cristãos primitivos reconheciam a Pedro como tal?

Ao contrário, as Escrituras mostram claramente que deveria haver uma igualdade entre os membros da igreja e que CRISTO “é o cabeça da igreja” (Ef. 5:23), não o papa!

Tiago e João vieram certa vez a Jesus perguntando se um deles se sentaria à sua mão direita e o outro à sua esquerda no reino. (Nos reinos orientais, os dois principais ministros de Estado, com a autoridade somente abaixo da do rei, tinham essas posições.) Se o reclamo católico-romano é verdadeiro, parece que Jesus teria explicado que daria o lugar da direita para Pedro e não criaria nenhuma vaga para a esquerda! Mas, ao contrário, eis a resposta de Jesus: “Vós sabeis que os príncipes dos gentios exercem domínio sobre eles, e aqueles que são grandes exercem domínio sobre eles, mas não será assim entre vós” (Mc. 10:35-43).

Nesta frase, Jesus afirmou claramente que nenhum deles deveria ser um dominador sobre os outros. Em lugar disto, ele ensinou uma igualdade — negando claramente os princípios que estão envolvidos em ter um papa regendo toda a igreja como o Bispo dos bispos!

Jesus ensinou mais tarde o conceito de igualdade, advertindo os discípulos contra o uso de títulos lisonjeiros tais como "pai" (a palavra "papa" significa pai). Rabi, ou Mestre. "Pois um só é vosso Mestre, Cristo", disse ele, "e vós todos sois irmãos" (Mt. 23:4-10). A idéia de que um deles era para ser exaltado à posição de papa está em flagrante contradição com esta passagem.

Mas, os católicos romanos são ensinados que Pedro recebeu uma posição tão superior, que a igreja inteira foi edificada sobre ele! O versículo que é usado para apoiar esta posição é Mateus 16:18 "E eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja: e as portas do inferno não prevalecerão contra ela."

Se tomarmos este versículo em seu contexto, contudo, podemos ver que a igreja não foi edificada sobre Pedro, mas sobre CRISTO. Nos versículos que vem um pouco antes, Jesus perguntou aos discípulos quem os homens estavam dizendo que ele era. Alguns diziam que ele era João Batista, outros Elias; outros pensavam que ele era Jeremias ou um dos profetas. Em seguida, Jesus perguntou: "Mas vós, quem dizeis que eu sou?" A isto Pedro replicou: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." Em seguida foi que Jesus disse, "Tu és Pedro (petros - uma pedra, uma rocha), e sobre esta pedra (petra - uma massa de rocha - a grande rocha de fundação da verdade que Pedro havia pouco expressara) edificarei a minha igreja." A rocha sobre a qual a verdadeira igreja deveria ser edificada estava ligada à declaração de Pedro - "Tu és o Cristo" e assim o verdadeiro fundamento sobre o qual a igreja estava edificada era Cristo mesmo, não Pedro.

O próprio Pedro declarou que Cristo era a rocha fundamental (I Pedro 2:4-8). Ele falou de Cristo como "a pedra que os edificadores rejeitaram...e não há salvação em nenhum outro" (Atos 4:11,12). A igreja foi edificada sobre Cristo. Ele é o verdadeiro fundamento e não existe qualquer outro: "Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo." (I Cor. 3:11.)

Quando Jesus falou de edificar sua igreja sobre uma rocha, os discípulos não entenderam isto como significando que ele estava exaltando Pedro para ser o papa deles, pois dois capítulos depois eles perguntaram a Jesus quem era o MAIOR (Mat. 18:1). Se Jesus tivesse ensinado que Pedro era aquele sobre quem a igreja estava para ser edificada - se este versículo provasse que Pedro ia ser papa - os discípulos teriam sabido automaticamente quem era o maior entre eles!

Realmente, não foi até o tempo de Calixto, que foi bispo de Roma de 218 a 223, que Mateus 16:18 foi usado em uma tentativa de provar que a igreja fora edificada sobre Pedro e que o bispo de Roma era seu sucessor.

Se observarmos Pedro bem de perto nas Escrituras, torna-se aparente que Pedro não foi de jeito nenhum um papa!

1. Pedro era casado. O fato que Pedro era um homem casado não se harmoniza com a posição católica que o papa deve ser solteiro. As Escrituras nos dizem que a sogra de Pedro foi curada de uma febre (Mat. 8:14). É claro que não podia haver uma "mãe da esposa de Pedro", se Pedro não tivesse uma esposa! Até mesmo anos mais tarde Paulo fez uma declaração que mostra que os apóstolos tinham esposas – incluindo Cefas (I Cor. 9:5). Cefas era o nome aramaico de Pedro (João 1:42).

2. Pedro não permitiria que homens se curvassem diante dele. Quando Pedro entrou na casa de Cornélio, "Cornélio saiu a recebê-lo, e, prostrando-se a seus pés, o adorou. Mas Pedro o levantou, dizendo: Levanta-te, que eu também sou homem." (Atos 10:25,26.) Isto foi muito diferente do que um papa teria dito. pois homens se prostram diante do papa.

3. Pedro não colocou a tradição no mesmo nível da Palavra de Deus. Ao contrário, "Pedro tinha pouca fé em ``tradições dos vossos pais" (I Pedro 1:18). Seu sermão no dia de Pentecostes foi cheio da Palavra, não de tradições dos homens. Quando o povo perguntou o que deveria fazer para consertar-se com Deus, Pedro não disse a eles que derramassem água ou borrifasse água sobre eles. Em lugar disto, ele disse: ``Arrependei-vos e sede batizados no nome de Jesus Cristo para a remissão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38).

4. Pedro não foi um papa, pois não usou coroa. Pedro mesmo explicou que quando o Sumo Pastor aparecer, então "receberemos a incorruptível coroa de glória (I Pedro 5:4). Uma vez que Cristo ainda não apareceu novamente, a coroa que o papa usa não foi colocada sobre ele por Cristo. Resumindo, Pedro jamais agiu como um papa, nem se vestiu como um papa, jamais falou como um papa, jamais escreveu como um papa, e as pessoas não se aproximavam dele como se ele fosse um papa!

Com toda a probabilidade, nos primeiros dias primitivos da igreja, Pedro realmente ocupou a mais proeminente posição entre os apóstolos. Foi Pedro que pregou o primeiro sermão depois do derramamento do Espírito Santo no Pentecostes e 3.000 foram acrescentados ao Senhor. Mais tarde, foi Pedro que primeiro levou o evangelho aos gentios.

Sempre que encontramos uma lista dos doze apóstolos na Bíblia, o nome de Pedro é sempre mencionado em primeiro lugar (Mat. 10:2; Mc. 3:16; Lc. 6:14; Atos 1:13). Mas nada disto – nem mesmo por um forte esforço de imaginação – indicaria que Pedro foi o papa ou o Bispo dos bispos universal!

Enquanto Pedro aparentemente desempenhava o papel mais destacado entre os apóstolos, bem no princípio, mais tarde PAULO parece ter tido o ministério mais importante. Como escritor do Novo Testamento, por exemplo, Paulo escreveu 100 capítulos com 2.325 versículos, enquanto Pedro escreveu apenas 8 capítulos com 166 versículos.

Paulo falou de Pedro, Tiago e João como colunas da igreja cristã (Gál. 2: 9). Não obstante, ele podia dizer, "Em NADA sou inferior aos mais excelentes apóstolos" (II Cor. 12:11). Mas, se Pedro tivesse sido o supremo pontífice, o papa, então certamente Paulo teria sido de algum modo inferior a ele. Em Gálatas 2:11, lemos que Paulo repreendeu a Pedro "porque ele era repreensível", um palavreado que parece estranho, se Pedro fosse visto como um papa "infalível"!

Paulo foi chamado "o apóstolo dos gentios" (Romanos 11:13), enquanto que o ministério de Pedro foi primordialmente para os judeus (Gál. 2:7-9). Este fato – em si mesmo – pareceria suficiente para mostrar que Pedro não era o bispo de ROMA, pois Roma era uma cidade gentílica (cf. Atos 18:2). Tudo isto é altamente significativo quando consideramos que toda a estrutura do Catolicismo Romano está baseada no reclamo que Pedro foi o primeiro bispo de Roma!

Não existe qualquer prova, bíblicamente falando, que Pedro até mesmo se aproximou de Roma! O Novo Testamento nos diz que ele foi para Antioquia, Samaria, Jope, Cesaréia, e outros lugares, mas não para Roma! Esta é uma estranha omissão, especialmente porque Roma era considerada cidade mais importante do mundo!

A *The Catholic Encyclopedia* (verbete, "Pedro") indica que apareceu uma tradição, mais ou menos no século terceiro, com a crença que Pedro foi bispo de Roma durante vinte e cinco anos – estes anos sendo (como Jerônimo acreditava) de 42 até 67 A.D. Mas este ponto de vista não existe sem problemas distintos. Em torno do ano de 44, Pedro eslava no concílio de Jerusalém (Atos 15). Em torno de 53, Paulo encontrou-se com ele em Antioquia (Gál. 2:11). Em torno de 58, Paulo escreveu sua carta para os cristãos em Roma, na qual ele enviou saudações para vinte e sete pessoas, porém jamais mencionou Pedro. Imagine um missionário escrevendo para uma igreja e cumprimentando vinte e sete membros pelo nome, porém jamais mencionando o pastor!

A fotografia que se segue mostra uma estátua, supostamente de Pedro, que está localizada na Basilica de São Pedro em Roma. Eu testemunhei longas filas de pessoas esperando para passar diante dela e beijar seus pés.



Estátua de Pedro no Vaticano

Origem Pagã Do Ofício Papal

NINRODE, O REI e fundador da Babilônia, não foi apenas um líder político, foi também um líder religioso. Ele foi um rei-sacerdote. De Nimrode descendeu uma linha de reis-sacerdotes – cada um ficando como cabeça do mistério religioso babilônico. Esta linha continuou. Até os dias de Belsazar a respeito de quem lemos na Bíblia. Muitos estão familiarizados com a festa que ele fez em Babilônia quando a escrita misteriosa apareceu na parede. Alguns tem falhado em reconhecer, contudo, que esta reunião foi mais do que uma simples festa social! Foi, sim, uma reunião religiosa, uma celebração dos mistérios babilônicos dos quais naquele tempo Belsazar era o cabeça. “Eles beberam vinho, e deram luvores aos deuses de ouro e de prata, de cobre de ferro, de madeira e de pedra” (Dan. 5:4). Acrescentando à blasfêmia da ocasião o beberem vinho dos santos vasos do Senhor que haviam sido tirados do templo de Jerusalém. Esta tentativa de misturar aquilo que era santo com o paganismo, trouxe julgamento divino. A Babilônia foi marcada para juízo.

A antiga cidade está agora em ruínas, desabitada» (Jer. 50:39; 51:62). Existe uma estrada de ferro que vai de Bagdá a Basra que passa perto. Um sinal escrito em Inglês e Árabe, diz; “Parada da Babilônia Os Trens param aqui para apanhar passageiros.” Os únicos passageiros, contudo, são turistas, que vem para observar as ruínas.



Mas, embora a cidade tivesse sido destruída, os conceitos que foram uma parte da antiga religião da Babilônia sobreviveram!

Quando Roma conquistou o mundo, o paganismo que havia se espalhado partindo da Babilônia e se desenvolvido em várias nações, foi absorvido pelo sistema religioso de Roma. Isto induía a idéia de um Supremo Pontífice (Pontífice Máximo). Assim sendo, o paganismo babilônico, que havia sido originalmente levado sob o reinado de Nimrode, estava unido com o reinado de um homem em Roma: Júlio César. Era o ano de 63 a.C. quando Júlio César foi reconhecido oficialmente como o "Pontifex Maximus" da religião de mistérios agora estabelecida em Roma.

Para ilustrar como este título foi usado pelos Césares, mostramos aqui uma velha moeda romana de César Augusto (27 a.C. a 14 a.C.) com seu título como o "Pont Max", o cabeça dos mistérios. É interessante notar que moedas tais como esta estavam em circulação durante os dias do ministério terreno de nosso Senhor. "E eles lhe apresentaram um dinheiro. E ele diz-lhes: De quem é esta efígie e esta inscrição? Dizem-lhe eles: de César (Mat. 22:17-22).



Os imperadores romanos (incluindo Constantino) continuaram a conservar o ofício de Pontifex Maximus até 376. Quando Graciano, por razões cristãs, recusou-o. Ele reconheceu este título e ofício como idólatras e blasfemos. Por este tempo, contudo, o bispo de Roma tinha subido ao poder político e prestígio. Consequentemente, em 378, Demásio, bispo de Roma foi eleito o Pontifex Maximus – o sumo-sacerdote oficial dos mistérios! Desde que Roma era considerada a cidade mais importante do mundo, alguns dos cristãos olhavam para o bispo de Roma como "bispo dos bispos" e cabeça da igreja. Isto produziu uma situação única. Um homem era agora olhado como o cabeça tanto pelos cristãos como pelos pagãos. Por esse tempo, e através dos anos que se seguiram as correntes do paganismo e do cristianismo fluíram juntas, produzindo o que é conhecida como a igreja Católica Romana, sob a liderança do Sumo Pontífice, o Papa.



O título Pontifex Maximus é repetidamente encontrado em inscrições em todo o Vaticano – acima da entrada da Basílica de São Pedro, acima da estátua de Pedro, no domo, acima da Porta do Ano Santo que é aberta somente durante um ano de jubileu, etc. A medalha que mostramos, cunhada pelo papa Leão X um pouco antes da Reforma, ilustra uma das maneiras que o título "Pont.Max" tem sido usado pelos papas.

Mas, como poderia Um homem ser ao mesmo tempo o cabeça da igreja e o Pontífice Máximo, o Sumo Pontífice, o cabeça dos mistérios pagãos? Em uma tentativa para encobrir esta discrepância, os líderes da igreja buscaram semelhanças entre as duas religiões. Eles sabiam que se pudessem encontrar ao menos alguns pontos que cada lado tinha em comum, ambos poderiam unir-se em um, pois nesse tempo a maioria não estava preocupada com detalhes. Eles desejavam números e poder político. A verdade vinha em segundo lugar.

Uma surpreendente semelhança era que o Sumo Pontífice do paganismo portava o título caldeu pedra ou intérprete – o intérprete dos mistérios.¹ Aqui estava uma oportunidade de "cristianizar" o ofício pagão de Sumo Pontífice, o ofício que o bispo de Roma agora portava, associando o "Pedro" ou Grande Intérprete de Roma com Pedro o apóstolo Mas, para fazer do apóstolo Pedro o Pedro-Roma era necessário enfrentar alguns problemas. Para fazer isto, era necessário ensinar que Pedro estivera em Roma. Esta é a razão real que desde o século quarto (e não antes) aqueles numerosos relatos começaram a ser ventilados a respeito de Pedro ser o primeiro bispo de Roma.² "E assim» para os cristãos cegos da apostasia, o Papa era o representante de Pedro, o apóstolo, enquanto para os pagãos iniciados, ele era apenas o representante de Pedro, o intérprete de seus bem conhecidos mistérios."³

De acordo com uma antiga tradição, Nimrode era "o abridor" dos segredos ou mistérios, "o primogênito" dos seres humanos deificados. A palavra traduzida "abriu" em versículos tais como Êxodo 13:2, como o indica a *Strong's Concordance*, é a palavra hebraica "Peter" (Pedro).⁴

Até que ponto coisas como estas podem ter influenciado as tradições que tem sido espalhadas a respeito de Pedro e de Roma, não podemos dizer.

Desde que o apóstolo Pedro era conhecido como Simão Pedro, é interessante noiar que Roma não somente tinha um "Pedro", um abridor ou intérprete dos mistérios, mas também um líder religioso chamado Simão que para ali Foi no século primeiro! De fato, ele foi o Simão que havia praticado feitiçaria em Samaria (Atos 8:9) que mais tarde foi para Roma e fundou uma religião cristã falsificada ali! Uma vez que isto soa tão bizarro, para esclarecer que não existe qualquer tendenciosidade de nossa parte, citamos o seguinte, diretamente da *The Catholic Encyclopedia*, a respeito desse Simão: "Justino Mártir e outros escritores primitivos informam-nos que ele posteriormente veio para Roma, operou milagres ali pelo poder de demônios, e recebeu honras divinas tanto em Roma quanto em seu próprio país. Embora muitas lendas extravagantes reuniram-se depois em torno do nome desse Simão...Parece, tão obstatante provável que deve haver algum fundamento no relato dado por Justino e aceito por Eusébio. Simão, o Mago histórico, sem dúvida fundou algum tipo de religião, como uma imitação do cristianismo, na qual ele reclamava desempenhar um papel análogo ao de Cristo."⁵

Sabemos que a igreja romanista tomou-se perita em tomar várias idéias ou tradições e misturá-las com seu sistema unido de religião, Se Simão levantou seguidores em Roma, se recebeu honras divinas, se fundou uma religião cristã de imitação na qual desempenhava um papel análogo ao de Cristo, não é possível que tais idéias pudessem influenciar tradições posteriores? Talvez este "Simão" tendo estado era Roma foi mais tarde confundido com Simão Pedro. Os papas tem reclamado serem "Cristo em ofício" na terra. Aparentemente Simão, o feiticeiro, fez o mesmo reclamo em Roma, mas jamais lemos de qualquer reclamo semelhante feito por Simão Pedro, o apóstolo!

Outra mistura em Roma envolvia "chaves". Por quase mil anos, o povo de Roma tinha crido nas místicas chaves do deus pagão Janus e da deusa Cibele,⁶ No Mitraísmo, uma das principais correntes dos mistérios que vieram para Roma, o deus sol levava duas chaves.⁷ Quando o imperador afirmou ser o sucessor dos "deuses" e o Sumo Pontífice dos mistérios, as chaves vieram a ser símbolos de sua autoridade. Mais tarde, quando o bispo de Roma tornou-se o Sumo Pontífice em mais ou menos 378, ele automaticamente tornou-se o possuidor das chaves místicas. Isto ganhou reconhecimento por parte dos pagãos em relação ao papa e novamente veio a oportunidade de misturar Pedro na história.

Por acaso Cristo não disse a Pedro, "Dar-te-ei as chaves do reino dos céus" (Mal. 16:19)? Não foi até 431, contudo, que o papa publicamente anunciou que as chaves que ele possuía eram as chaves de autoridade dada ao apóstolo Pedro.

Isto foi depois de cinquenta anos depois do papa ter se tornado o Sumo Pontífice, o possuidor das chaves. Para um exemplo de como as chaves são mostradas como símbolos da autoridade do papa, veja o grande abano na página 93.

A chave dada a Pedro (e a todos os outros discípulos) representava a mensagem do evangelho onde quer que as pessoas pudessem entrar no reino de Deus. Porque alguns não tem corretamente entendido isto, não é incomum para Pedro ser representado como o chaveiro dos céus o guardião das portas decidindo quem ele deixará e quem não deixará entrar! Isto está muito parecido com as idéias associadas ao deus pagão Janus, pois ele em o guardião das chaves e portas na mitologia pagã de Roma - o abridor. Janus, com a chave na mão é mostrado no desenho abaixo. Ele era representado com duas faces - uma jovem e a outra velha (uma versão posterior de Nimrode encarnado em Tamuz), É Interessante notar que não somente era a chave o símbolo de Janus, o galo também era atribuído como algo sagrado para ele.⁸



Janus com a chave e o galo

Não havia qualquer problema de ligar o galo com Pedro, pois não cantou um galo na noite em que ele negou ao Senhor? (João 18:27).

É certo que o título "Sumo Pontífice" ou "Pontife Maximus" que o papa possui não é uma designação cristã, pois era o título usado pelos imperadores romanos antes da Era Cristã. A palavra "pontífice" vem da palavra pons, "ponte", e facio, "fazer". Significa "construtor de pontes".

Os reis sacerdotais ou imperadores dos tempos pagãos eram considerados como construtores e guardiões da Roma puentes para proteger a cidade da invasão.

Como sacerdotes da religião pagã romana, naqueles dias, o título em seu significado original teve simbolismo religioso: cada um desses reis e sacerdotes alegou ser a ponte ou ligação entre esta vida e a próxima.

Então obviamente o título Pontífice tinha nada a ver com o verdadeiro cristianismo! Foi apenas o título dos reis-sacerdotes pagãos. Ainda assim, os papas continuam a levar este título até hoje. Isso simplesmente mostra quanta influência fez o paganismo na "Igreja" de Roma. O ramo dos mistérios babilônicos chegaram em Roma (por meio da Pérsia) era conhecido como o mitraísmo. Sua influência cresceu até Roma tornou-se quase na hora em um único Império.⁹ Neste ramo dos mistérios, o líder do sacerdócio foi chamado Pater Patrum, ou seja, o "Pai dos Pais". Adotando este título, o chefe do catolicismo romano é o Papa, o Pai dos Pais.¹⁰ O "Pai" ou líder dos Mistérios (anterior à era cristã) teve sua posição em Roma, e também o "Pai" ou líder da Igreja Católica tem o seu centro em Roma!

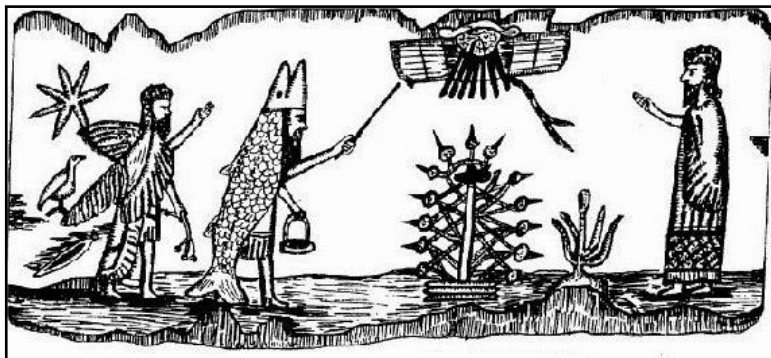
Além dessa evidência, há muito mais evidências de que o papa não é o sucessor do apóstolo Pedro, mas o sucessor da linha de sumos sacerdotes do paganismo que se originou em Babilônia. As vestes caras e altamente decoradas que usam os papas, demonstram que o ofício de Papa é de origem pagã, como estas peças de vestuário foram feitas segundo o padrão dos imperadores romanos e não dos apóstolos!



Dagon

Os historiadores não têm permitido este fato continuar despercebido, porque o seu testemunho é verdadeiro que "as vestes do clero eram testemunho da Roma pagã."¹¹

A tiara, coroa que os papas usam embora decorada de diferentes maneiras em diferentes tempos é idêntica na forma àquelas usadas pelo "deuses" ou anjos que são mostrados em antigos tabletes assírios.¹² É semelhante àquela vista em Dagon, o deus-peixe. (cf. a tiara desenhada na página 94).



Dagon em uma escultura da Mesopotâmia

Dagon era realmente uma forma misteriosa do falso "salvador" babilônico. O nome Dagon vem de **dag** (uma palavra comumente traduzida como "peixe" na Bíblia) e significa: deus-peixe.¹³ Embora tivesse se originado no paganismo da Babilônia,¹⁴ a adoração a Dagon tornou-se especialmente popular entre os filisteus, pagãos (Juizes 16:21-30; I Samuel 5:5,6).

A maneira como Dagon era representado nas esculturas da Mesopotâmia é vista no desenho acima (segunda figura a partir da esquerda).¹⁵



Layard, no *Livro Babylon and Nineveh*, explica que "a cabeça do peixe formava uma mitra acima da cabeça do homem, enquanto sua cauda escamosa, em forma de abano, caía para trás como um manto, deixando os braços e pés do homem expostos."¹⁶ Mais tarde, no desenvolvimento das coisas, somente a porção de cima permaneceu como uma mitra, com as mandíbulas do peixe levemente abertas. Em várias moedas de Malta, um deus (cujas características são as mesmas de Osiris, o Nimrode egípcio), é mostrado com o corpo de peixe removido e somente a mitra com cabeça de peixe permanece.¹⁷



Santo Ambrósio



Papa Bento XVI

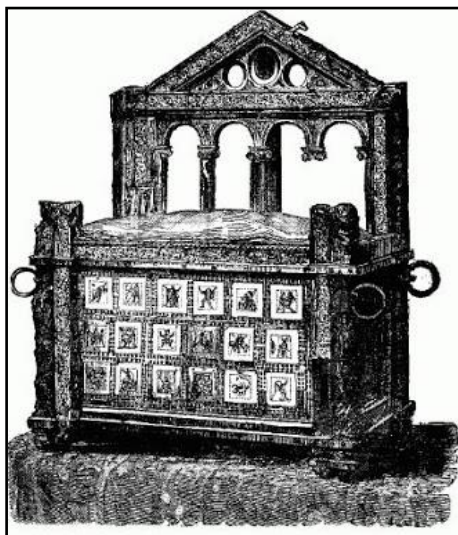
Uma famosa pintura por Moretto mostra Santo Ambrósio usando uma mitra na forma da cabeça de um peixe. Este mesmo tipo de mitra é usada pelo papa conforme é visto no esboço do papa Paulo VI, enquanto ele apresentava um sermão sobre a "Paz" durante sua histórica visita aos Estados Unidos em 1965. A figura na página 93 também mostra a mitra de cabeça de peixe.



O Pálio

H.A. Ironside afirma que o papa é “o sucessor direto do sumo sacerdote dos mistérios babilônicos e servo do deus-peixe, Dagon, para quem ele usa, como seus idólatras predecessores, o anel do pescador.” Novamente, misturando o paganismo e o cristianismo, as semelhanças fizeram a mistura menos óbvia.

Neste caso, desde que Pedro tinha sido um pescador, o anel do deus-peixe com o título Pontifex Maximus inscrito estava a ele associado. Mas um and como este jamais foi usado por Pedro o apóstolo. Ninguém jamais curvou-se e beijou seu anel. Ele provavelmente jamais teve um – pois não tinha prata nem ouro! (Atos 3).



Cadeira de São Pedro

Outra pista para ajudar-nos a resolver o mistério da moderna Babilônia pode ser vista no uso do pálio que o papa usa sobre os ombros. Os dicionários não abreviados definem-no como um paramento que era usado pelo clero pagão da Grécia e de Roma, antes da Era Cristã. Nos tempos modernos o pálio é feito de lã branca que é tirada de dois cordeiros que tenham sido "abençoados" na basílica de St. Agnes, em Roma. Como um símbolo que os arcebispos também compartilham da plenitude do ofício papal o papa envia para eles o pálio. Antes de ser enviado, contudo, ele é estendido a noite inteira sobre a suposta tumba de São Pedro – tal prática sendo uma cópia do paganismo que era praticado entre os gregos!

Por séculos a igreja romanista reclamou a posse da mesma cadeira na qual Pedro havia se sentado e ministrado em Roma. A *The Catholic Encyclopedia* explica que as placas na frente desta cadeira mostram fabulosos animais da mitologia como também os fabulosos "trabalhos de Hércules"¹⁸ Em outro volume da *The Catholic Encyclopedia*, descobrimos estas palavras: "Gilgamés, a quem a mitologia transformou em um Hércules babilônico seria então a pessoa designada como o bíblico Nemrod (Ninrode)."¹⁹ É curioso que Nimrode seja comparado com Hércules e talhas associadas com Hércules apareçam na assim chamada "Cadeira de Pedro." Nenhuma destas coisas nos fariam pensar nesta cadeira como sendo de origem cristã.

Uma comissão científica apontada pelo Papa Paulo em julho de 1968, reportou que nenhuma parte daquela cadeira é suficientemente velha para datar dos dias de Pedro. No relatório oficial à respeito da datação pelo carbono e outros testes, tem sido determinado que a cadeira não vai além do século nono. Claramente as antigas idéias a respeito da cadeira de Pedro eram interessantes, mas não eram exatas.

Perto do altar-mór de São Pedro (veja página 43) está uma grande estátua de bronze, supostamente de Pedro. Esta estátua é olhada com a mais profunda veneração e seus pés tem sido beijados tantas vezes que os dedos estão quase totalmente gastos! A fotografia na página posterior mostra um papa (João XXIII) a ponto de beijar esta estátua, que estava vestida com ricas vestes papais e uma tiara papal de três coroas para a ocasião.

A prática de beijar um ídolo ou estátua foi tomada emprestada do paganismo. Como já vimos, a adoração de Baal estava ligada à antiga adoração de Nimrode em forma deificada (como o deus-sol), Nos dias de Elias, multidões tinham se curvado diante de Baal e tinham-no beijado. "Também", diz Deus, "fiz ficar em Israel sete mil; todos os joelhos que se não dobraram a Baal, e toda a boca que o não beijou" (1 Reis 19:18).



O Papa João XXIII prepara-se para beijar o pé de Pedro

Em uma das formas dos "mistérios" Nimrode (encarnado no jovem Tamuz) foi representado como um bezerro, Estátuas de bezerros foram feitas, adoradas, e beijadas! "E agora multiplicaram pecados, e da sua prata fizeram uma imagem de fundição, ídolos segundo o seu entendimento, todos obra de artífices, dos quais dizem: Os homens que sacrificam beijem os bezerros." (Oséias 13:1-3). Beijar um ídolo fazia parte do culto a Baal!

Não somente a prática de beijar um ídolo foi adotada pela igreja romanista, mas também o costume de procissões religiosas nas quais ídolos são carregados. Tais procissões são uma parte comum da prática católico-romana, e isto não se originou no cristianismo.

No século quinze antes de Cristo, uma imagem da deusa babilônica Ishtar foi levada com grande pompa e cerimônia da Babilônia até o Egito.²⁰



O Papa Paulo VI carregado em procissão

Procissões de ídolos eram praticadas na Grécia, no Egito, na Etiópia, no México, e em muitos outros países dos tempos antigos.

A Bíblia mostra a loucura daqueles que acham que algo bom pode vir dos ídolos — ídolos tão sem poder que precisam ser carregados! Isaías, em direta referência aos deuses da Babilônia, tinha isto para dizer: "Gastam o ouro da bolsa, e pesam a prata nas balanças: assalariam o ourives, e ele faz um deus, e diante dele se prostram e se inclinam. Sobre os ombros o tomam, o levam, e o põem no seu lugar; ali está, do seu lugar não se move" (Ísaías 46:6,7).

Estas procissões não somente continuaram na Igreja Católica Romana nas quais ídolos são carregados, mas o papa também é carregado em procissão. No tempo de Isaías o povo esbanjava prata e ouro em seu deus. Hoje paramentos caríssimos e jóias são colocados sobre o papa. Quando o deus pagão era carregado em procissão, as pessoas se prostravam e adoravam-no, assim também, em certas ocasiões, as pessoas se prostram diante do papa, enquanto ele é carregado. Assim como o deus era carregado "sobre os ombros", assim também os homens carregam o papa, o deus do catolicismo, sobre os ombros, em procissões religiosas!



O Rei-Sacerdote egípcio carregado em procissão

Há uns três mil anos atrás, a mesma prática era conhecida no Egito, sendo tais procissões uma parte do paganismo ali. A ilustração na página seguinte mostra o antigo rei-sacerdote do Egito sendo carregado em meio a multidões de adoradores, por doze homens.²¹ Uma comparação da procissão papal de hoje, com a antiga procissão pagã do Egito, mostra que uma é a cópia da outra!

No desenho do rei-sacerdote egípcio, observamos o uso do *fabellum*, um grande abano feito de penas. Este foi conhecido mais tarde como o místico abano de Baco. E assim como aqueles abanos eram carregados em procissão com o rei-sacerdote pagão, assim também eles são carregados com o papa em ocasiões de Estado. (cf. o desenho com a foto.) Como a *The Encyhpedia Britannica* diz, "Quando vai a cerimônias solenes (o papa) é carregado na sedia, uma cadeira portátil de veludo vermelho, com um respaldar alto, e escoltado por dois *fabelli* de penas."²² Que estes abanos processionais originaram-se no paganismo do Egito é algo admitido até mesmo por escritores católicos.²³ Os quatro fortes elos de ferro nas pernas da "Cadeirade Pedro" (página 90) eram destinados a vigas para carregá-la. Mas, podemos estar certos que o apóstolo Pedro jamais foi carregado através de multidões de pessoas que se curvavam diante dele! (cf. Atos 10:25,26).

Que o ofício papal foi produzido por uma mistura de paganismo e cristianismo, pouca dúvida resta. O pálio, a mitra de cabeça de peixe, os paramentos babilônicos, as chaves místicas, e o título Sumo Pontífice ou Pontifex Maximus foram todos tomados emprestados do paganismo. Todas estas coisas, e o fato que Cristo jamais instituiu o ofício de papa em sua igreja, mostra claramente que o papa não é o vigário de Cristo ou o sucessor do apóstolo Pedro.

CAPÍTULO DOZE

Imoralidade Papal

EM ACRÉSCIMO À conclusiva evidência que tem sido dada, o próprio caráter e a moral de muitos dos papas tenderia a identificá-los como sucessores das sacerdotes pagãos, não de representantes de Cristo ou de Pedro. Alguns dos papas foram tão depravados e baixos em suas ações que até mesmo pessoas que não professavam qualquer religião envergonhavam-se deles. Pecados como adultério, sodomia, simonia, estupro, assassinato e embriaguês estão entre aqueles que tem sido cometidos por papas. Ligar tais pecados com homens que tem reclamado ser o "Santo Padre", "Vigário de Cristo", e "Bispo dos bispos", poderá soar chocante, mas aqueles que estão ao par da história do papado sabem muito bem que nem todos os papas foram homens santos.

O papa Sérgio III (904-911) obteve o ofício papal através de assassinato, Os anais da igreja de Roma contam sua vida de pecado ostensivo com Marozia que teve dele vários filhos ilegítimos.¹



Papa Sérgio III

Ele foi descrito por Barônio como um "monstro" e por Gregorório como um "criminoso aterrorizante". Diz um historiador: "Durante sete anos este homem...ocupou a cadeira de São Pedro, enquanto sua concubina e sua mãe, semelhantes a Semiramis, compartilhavam da corte com uma pompa e voluptuosidade que relembra os piores dias do antigo império."²

Esta mulher - Teodora - assemelhada a Semiramis (por causa de sua moral corrupta), junto com Marozia, a concubina do papa, "enchiam a cadeira do papa com suas imoralidades e seus filhos bastardos, e transformaram o palácio papal em um covil de ladrões."³ O reinado do papa Sérgio III começou o período conhecido como "o governo das prostitutas" (904-963).

O papa João X (914-928) originalmente tinha sido enviado para Ravenna como arcebispo, mas Teodora fez com que ele retornasse a Roma e fosse designado para o ofício papal. De acordo com o bispo Liutprand de Cremona que escreveu uma história uns cinquenta anos depois deste tempo, "Teodora apoiou a eleição de João a fim de encobrir com mais facilidade suas relações com ele."⁴ Seu reinado veio a ter um fim súbito quando Marozia o asfixiou até a morte! Ela o queria fora do caminho, de modo que Leão VI (928-929) pudesse tornar-se papa. Seu reino foi curto, contudo, pois foi assassinado por Marozia quando ela soube que ele havia "dado seu coração a uma mulher mais depravada do que ela!"⁵ Não muito depois disto, o filho adolescente de Marozia - sob o nome de João XI - tornou-se papa. A *The Catholic Encyclopedia* diz, "Alguns, tomando Liutprand e o "Liber Pontificalis" ("Livro dos Pontífices"- NT) como autoridade, afirmam que ela era filho natural de Sérgio III (um papa anterior) Através das intrigas de sua mãe, que reinava naquele tempo em Roma, ele foi elevado à Cadeira de Pedro."⁶ Mas, em discussão com alguns dos inimigos de sua mãe, ele foi vencido e foi colocado na prisão onde morreu por envenenamento.

Em 955 o neto de Marozia, com dezoito anos de idade, tornou-se papa com o nome de João XII. A *The Catholic Encyclopedia* descreve-o como um "homem ordinário e imoral, cuja vida foi tal que era chamado de cafajeste, e a corrupção moral em Roma tornou-se assunto do ódio geral...Em 6 de novembro um sínodo composto de cinquenta bispos italianos e alemães foi reunido na basílica de São Pedro; João foi acusado de sacrilégio, simonia, perjúrio, assassinato, adultério, e incesto, e pediram-lhe que fizesse uma defesa por escrito. Recusando-se a reconhecer o sínodo, João pronunciou sentença de excomunhão contra todos os participantes na assembléia, se eles elegessem em seu lugar outro papa.. João XII vingou-se de maneira sangrenta dos líderes do partido de oposição.



Papa João XII

O cardeal-diácono João teve sua mão direita arrancada. O bispo Otgar de Speyer foi chicoteado. Um alto paladino oficial perdeu o nariz e as orelhas...João morreu em 14 de maio de 964, oito dias após ter sido, de acordo com os boatos, paralizado por um ataque no ato de adultério.”⁷ O notável bispo católico de Cremona, Luitprand, que viveu nesse tempo, escreveu: “Nenhuma mulher honesta ousava aparecer em publico, pois o papa João não tinha qualquer respeito fosse por moças solteiras, mulheres casadas, ou viúvas – elas estavam certas de serem desonradas por ele, até mesmo sobre as tumbas dos santos apóstolos, Pedro e Paulo.” A coleção católica da vida dos papas, o “*Liber Pontificalis*”, diz: “Ele gastou toda a sua vida no adultério”⁸

O papa Bonifácio VII (984-985) manteve sua posição através de uma desonesta distribuição de dinheiro roubado. O bispo de Orleans referiu-se a ele (e também a João XII e a Leão VIII) como “monstros da culpa, impregnados de sangue e impureza” e como “um anticristo sentado no templo de Deus.” A *The Catholic Encyclopedia* diz que ele “pontificou sobre João XIV (Abril de 984), jogou-o nas masmorras de Sant’ Angelo, onde o desgraçado homem morreu quatro meses depois...Por mais de um ano Roma suportou este monstro pisando sobre o sangue dos seus predecessores. Mas a vingança foi terrível. Após sua morte súbita em julho de 985, devida com toda probabilidade à violência, o corpo de Bonifácio foi exposto aos insultos do populacho, arrastado pelas ruas da cidade e finalmente, despido e coberto de feridas, lançado sob a estátua de Marco Aurélio...Na manhã seguinte clérigos compassivos removeram o cadáver e deram-lhe um sepultamento cristão.”⁹

Em seguida veio o Papa João XV (985-996) que distribuiu as finanças da igreja entre seus parentes e ganhou para si mesmo a reputação de ser "cobiçoso do lucro imundo e corrupto em todos os seus atos."

Benedito VIII (1012-1024) "comprou o ofício de papa subornando abertamente." O papa seguinte, João XIX também comprou o papado, Sendo um leigo, foi necessário para ele ser passado por todas as ordens clericais em um só dia! Depois disto, Benedito IX (1033-1045) foi feito papa Quando ainda jovem, com 12 anos de idade (alguns relatos dizem 20) através de uma barganha de dinheiro com as poderosas famílias que dominavam Roma! Ele "cometeu assassinatos e adultérios à plena luz do dia, roubou peregrinos sobre as covas dos mártires, um criminoso medonho, o povo o lançou fora de Roma.¹⁰ A *The Cathotic Encyclopedia* diz: "Ele foi uma desgraça para a Cadeira de Pedro." – "Simonia" – a compra e venda do ofício papal – tornou-se tão comum, e a corrupção tão pronunciada, que governantes seculares dominaram. O Rei Henrique III foi designado Clemente II (1046-1047) para o ofício de papa "porque nenhum clérigo romano podia ser encontrado que estivesse livre da poluição da simonia e da fornicção!"¹¹

Um certo número de papas havia cometido assassinatos, mas Inocêncio III suplantou todos os seus predecessores no número de crimes de morte. Embora não matasse pessoalmente, ele promoveu a coisa mais diabólica na história humana – a Inquisição. Estimativas do número de heréticos que Inocêncio (não tão inocentemente) havia matado chega ao número de um milhão de pessoas!



Papa Inocêncio III

Por mais de quinhentos anos os papas usaram a inquisição para inanicr seu poder contra aqueles que nũo concordavam com os ensinamentos da igreja romanista.

Em conflitos com cardeais e reis, numerosas acusações foram trazidas contra o papa Bonifácio VIII (1294-1303). Diz a *The Catholic Encyclopedia*, "Difícilmente qualquer possível crime foi omitido - infidelidade, heresia, simonia, grosseira e inarural imoralidade, idolatria, mágica, perda da Terra Santa, morte de Celestino V, etc....Historiadores protestantes, geralmente, e até mesmo modernos escritores católicos...,classificam-no entre os papas iníquos, como um ambicioso, homem arrogante e impiedoso, enganador e traiçoeiro, sendo todo o seu pontificado um registro de maldades."¹²



Papa Bonifácio VIII

Não é necessário insistir que todas as acusações trazidas contra ele eram verdadeiras, mas nenhuma delas também pode ser dispensada. Durante seu reinado o poeta Dante visitou Roma e descreveu o Vaticano como um "esgoto de corrupção." Ele destinou Bonifácio (ao lado dos papas Nicolau III e Clemente V) às "partes mais baixas do inferno."

Embora procurando enfatizar alguns aspectos bons de Bonifácio, "os historiadores católicos... admitem, contudo, a explosiva violência e ofensiva fraseologia de alguns dos seus documentos públicos."¹³ Um exemplo desta "ofensiva, fraseologia" seria sua declaração que "gozar e deitar-se carnalmente com mulheres ou com meninos não é mais pecado do que esfregar as mãos."¹⁴ Em outras ocasiões, aparentemente naqueles momentos "explosivos" ele chamou Cristo de "hipócrita" e professou ser um ateu.

Ainda assim – e isto parece quase inacreditável – foi este papa que em 1302 emitiu a bem conhecida “Unam Sanctum” Que oficialmente declara que a Igreja Católica Romana é a única verdadeira igreja, fora da qual ninguém pode ser salvo, e diz: “Nós, portanto, afirmamos, definimos e pronunciamos que é necessário para a salvação acreditar que todo ser humano está sujeito ao Pontífice de Roma.” Porque tem havido papas pecaminosos, ser “sujeito” ao papa tem levantado questões. Deveria um papa pecaminoso ser obedecido? A resposta católica é esta: “Um papa pecaminoso...permanece membro da igreja (visível) e deve ser tratado como um dirigente pecaminoso, injusto, por quem devemos rezar, mas de quem não podemos retirar nossa obediência.”¹⁵

De 1305 a 1377 o palácio papal era em Avignon, França. Durante este tempo, Petrarca acusou a corte papal de “violentação, adultério, e todos os meios de fornicação.” Em muitas paróquias os homens insistiam que os padres deveriam ter concubinas “como uma proteção para suas próprias famílias!”¹⁶

Durante o Concílio de Constança, três papas, e algumas vezes quatro, estiveram lá toda manhã amaldiçoando uns aos outros e chamando seus oponentes anticristos, demônios, adúlteros, sodomitas, inimigos de Deus e dos homens. Um destes “papas”, João XXIII (1410-1415) “foi acusado por trinta e sete testemunhas (na maioria bispos e padres) de fornicação, adultério, incesto, sodomia, simonia, roubo, e assassinato! Foi provado, por uma legião de testemunhas, que ele havia seduzido e violado trezentas freiras. Seu próprio secretário, Nem, disse que ele havia em Boulogne montado um harém, onde não menos de duzentas meninas tinha sido vítimas de sua lubricidade.”¹⁷ Ao todo, o Concílio condenou-o por cinquenta e quatro crimes da pior espécie.¹⁸

Um registro do Vaticano oferece esta informação a respeito do seu reinado imoral: “Sua santidade, o Papa João, cometeu perversidade com a esposa do seu irmão, incesto com santas freiras, relações sexuais com virgens, adultério com as casadas, e todos os tipos de crimes sexuais...totalmente devotado ao sono e outros desejos carnaís, totalmente adverso à vida e ensino de Cristo...ele era chamado publicamente de o Diabo encarnado.”¹⁹ Para aumentar sua fortuna, o papa João colocou impostos sobre quase tudo – incluindo prostituição, o jogo e a usura. Ele tem sido chamado de “o mais depravado criminoso que jamais sentou-se no trono papal.”²⁰

O papa Pio II (1458-1464) era considerado pai de muitos filhos ilegítimos. Ele “falava abertamente dos métodos que usava para seduzir mulheres, encorajava os jovens a fazer o mesmo e até mesmo oferecia-se para instruí-los em métodos de auto-indulgência”²¹

Pio foi seguido por Paulo II (1464-1471) Que mantinha uma casa cheia de concubinas. Sua tiara papal valia mais do que o preço de um palácio. Em seguida veio o papa Sixto IV (1471-1484) que financiava suas guerras vendendo ofícios eclesiásticos a quem pagasse mais²² e "usava o papado para enriquecer a si mesmo e aos seus parentes. Ele fez oito dos seus sobrinhos se tornarem cardeais, enquanto alguns deles eram simples crianças. Em luxúria e entretenimento mundano, rivalizou os Césares. Em riqueza e pompa ele e seus parentes sobrepujavam as antigas famílias romanas."²³

O papa Inocêncio VIII (1484-1492) foi pai de dezesseis filhos com várias mulheres. Alguns dos seus filhos celebraram seus casamentos no Vaticano.²⁴ A *The Catholic Encyclopedia* menciona apenas "dois filhos ilegítimos, Franceschetto e Teodorina" dos dias de "uma juventude licenciosa."²⁵ Como numerosos outros papas, ele multiplicou os ofícios eclesiásticos e vendeu-os por vastas somas de dinheiro. Ele permitiu touradas na praça de São Pedro.

Em seguida veio Rodrigo Bórgia que tomou o nome de Alexandre VI (1492-1503), tendo ganho sua eleição para o papado subornando os cardeais.



Alexandre VI

Antes de tornar-se papa, enquanto cardeal e arcebispo, ele viveu em pecado com uma senhora de Roma, Vanozza dei Catanei; e posteriormente, com a filha dela, Rosa, com quem teve cinco filhos. No dia de sua coroação, ele designou seu filho – um jovem de temperamento vil e péssimos hábitos – como arcebispo de Valência.²⁶ Muitos consideram Alexandre VI o mais corrupto dos papas da Renascença. Ele viveu em incesto público com suas duas irmãs e com sua própria filha, Lucrécia, de quem se diz que teve um filho.²⁷ Em 31 de outubro de 1501, ele promoveu uma orgia de sexo ao vaticano, que não teve igual em terrível horror nos anais da história humana.²⁸

De acordo com a revista Life, o Papa Paulo III (1534-1549) como cardeal foi pai de três filhos e uma filha. No dia de sua coroação celebrou o batismo de seus dois bisnetos. Ele designou dois dos seus sobrinhos adolescentes para serem cardeais, patrocinou festivais com cantores, dançarinos, e saltimbancos, e buscou conselho de astrólogos.²⁹



Bula de Leão X

O Papa Leão X (1513-1521) nasceu em 11 de dezembro de 1475. Recebeu a tonsura à idade de 7 anos, foi feito abade aos 8, e cardeal aos 13! A ilustração dada acima mostra a Bula do Papa Leão X. De um lado do selo de lacre aparecem os apóstolos Pedro e Paulo, do outro, o nome do papa e o título. A palavra "bula" (de uma palavra latina ligada com fusão de letras) foi aplicada pela primeira vez nos selos que autenticavam documentos papais e mais tarde também nos documentos.

A *The Catholic Encyclopedia* diz que o papa Leão X "entregou-se sem restrições aos divertimentos que eram fornecidos com pródiga abundância. Ele foi possuído por um amor insaciável ao prazer...Gostava de dar banquetes e divertimentos caros, acompanhados por orgia e bebedeira."³⁰

Durante aqueles dias, Martinho Lutero, enquanto ainda era um padre da igreja papal, viajou para Roma. Quando visualizou pela primeira vez a cidade das sete colinas, caiu ao chão e disse: "Santa Roma, eu te saúdo." Não passou porém muito tempo lá, pois descobriu que Roma era tudo menos uma cidade santa. A iniquidade existia entre todas as classes do clero. Padres contavam piadas indecentes e usavam horrível profanidade, até mesmo durante a missa.

A corte papal era servida ao jantar por doze garotas nuas.³¹ ai "Ninguém pode imaginar que pecados e ações infames são cometidas em Roma" ele disse, "eles tem que ser vistos para serem acreditados. Assim sendo eles estão no hábito de dizer, "se existe um inferno, Roma está construída por cima dele."!

Certo dia, durante a visita de Lutero a Roma, ele observou uma estátua em uma das ruas públicas que conduziam à catedral de São Pedro – a estátua de uma papisa. Uma vez que era objeto de desgosto para os papas, nenhum papa jamais passava por aquela rua. "Estou atônito," disse Lutero, "como os papas permitem que a estátua permaneça."³² Quarenta anos após a morte de Lutero, a estátua foi removida pelo papa Sixto V.

Embora a *The Catholic Encyclopedia* olhe a história da papisa Joana como mera lenda, ela dá o seguinte resumo: "Depois que Leão IV (847-855) o João inglês de Mainz ocupou o trono papal por dois anos, sete meses e quatro dias, ele era, como é alegado, uma mulher. Quando moça foi levada para Atenas com roupas de rapaz pelo seu amante; e ela aprendeu tão rápido que ninguém lhe igualava. Veio para Roma, onde aprendeu ciência e daí atraiu a atenção de homens estudados...sendo finalmente escolhida como papa, mas, ficando grávida de um dos seus atendentes de confiança, ela deu à luz durante uma procissão de São Pedro para o Lateran...Ali morreu quase instantaneamente, e diz-se que foi sepultada no mesmo lugar."³³

Houve realmente um papa fêmea? Antes da Reforma que expôs tanto erro na igreja romanista, a história era crida pelos cronistas, bispos, e pelos próprios papas. A *The Catholic Encyclopedia* diz, "Nos séculos catorze e quinze esta papisa já era contada como personagem histórico, de cuja existência ninguém duvidava. Ela teve seu lugar entre os bustos talhados que ficavam na catedral de Siena. Sob Clemente VII (1592-1595), e a seu pedido, ela foi transformada no Papa Zacarias. O herético Hus, em defesa de sua falsa doutrina diante do Concílio de Constança, referiu-se à papisa, e ninguém ofereceu-se para questionar o fato de sua existência."³⁴ Alguns tem questionado como o papa Clemente pôde fazer uma papisa chamada Joana "transformar-se" em um papa macho, chamado Zacarias, séculos após ela ter morrido!

Tendo mencionado a grosseira imoralidade que existia nas vidas de alguns dos papas, não desejamos deixar a impressão que todos os papas foram tão maus quanto os que mencionamos. Mas acreditamos que esta evidência enfraquece seriamente a doutrina da "sucessão apostólica", o reclamo que a Igreja Católica Romana é a única verdadeira igreja porque pode traçar uma linha de papas até chegar a Pedro. Esta é realmente uma questão importante? Se é assim, cada um destes papas, até mesmo aqueles que foram conhecidos como imorais e cruéis, devem ser incluídos.

Existe até mesmo a possibilidade de uma papisa fêmea fazer a sucessão completa! Mas, a salvação não depende de traçar uma linha de papas até Pedro — ou mesmo de um sistema de religião dizendo que representa Cristo. A salvação é encontrada em Cristo, Nele mesmo.

Os Papas São Infalíveis?

AUMENTAR AINDA MAIS as muitas contradições com as quais o sistema romanista já estava assolado, houve papas, como o deus Janus dos tempos antigos, que começaram a afirmar serem "infalíveis". As pessoas questionaram naturalmente como a infalibilidade poderia estar ligada com o ofício papai, quando alguns dos Papas tem sido exemplos muito fracos em questões de moral e integridade. E se a infalibilidade for aplicada somente a doutrinas pronunciadas pelos papas, como é que alguns papas discordaram de outros papas? Até mesmo um certo número de papas – incluindo Virilinus, Inocêncio III, Clemente IV, Gregório XI, Adriano VI, e Paulo IV – rejeitaram a doutrina da infalibilidade papal! Como tudo isto poderia ser explicado de uma maneira aceitável e formulado como um dogma? Tal foi a tarefa do Concílio Vaticano de 1870. O Concílio procurou estreitar o significado da infalibilidade até uma definição com a qual pudessem lidar, aplicando-a somente aos pronunciamentos papais feitos "ex-cathedra". O palavreado finalmente adotado foi este: "O Pontífice Romano, quando fala ex cathedra – que é, quando no exercício do seu ofício como pastor e mestre de todos os cristãos, ele define...uma doutrina de fé ou moral a ser observada por toda a Igreja – por razão da divina assistência prometida a ele no bendito Pedro, possuído daquela infalibilidade...e consequentemente tais definições do Pontífice Romano são irrevogáveis."¹ Todos os problemas não foram resolvidos por este palavreado, não obstante a infalibilidade papal ter se tornado um dogma oficial da Igreja Católica Romana no Concílio Vaticano de 1870. Conhecendo a história dos papas, vários bispos católicos se opuseram a fazer da infalibilidade papal um dogma no concílio. Um desses, o bispo Joseph Strossmayer (1515-1905), é descrito na *The Catholic Encyclopedia* como "um dos mais notáveis oponentes à infalibilidade papal."² Ele apontou o fato que alguns papas haviam se oposto a outros papas. Foi feita uma menção especial de como o papa Estevão VI (896-897) trouxe o papa anterior, Formoso (891-896) a julgamento.

A famosa história de um papa trazendo outro a julgamento é algo de puro horror, pois o papa Formoso já estava morto havia oito meses! Não obstante, o corpo foi tirado do túmulo e foi colocado em um trono. Ali, diante de um grupo de bispos e cardeais, o papa anterior foi vestido com ricos paramentos do papado, foi-lhe colocada uma coroa no crânio pelado, e o cetro do santo ofício foi colocado nos dedos descarnados de sua mão apodrecida! Enquanto o julgamento se desenrolava, o fedor do corpo enchia o local da assembléia. O papa Estêvão adiantou-se e começou o interrogatório.



É claro que nenhuma resposta foi dada peio morto em relação às acusações que se lhe faziam. Assim sendo, ele foi considerado culpado das acusações! Com isto os brilhantes vestidos foram rasgados do seu corpo, a coroa foi arrancada de sua cabeça, os dedos usados para dar a bênção pontifícia foram retalhados e seu corpo foi jogado na rua. Arrastado por uma carreta através das ruas de Roma, foi finalmente lançado no rio Tibre.³

Assim, um papa condenou outro. Em seguida, pouco tempo depois, a *The Catholic Encyclopedia* explica, "o segundo sucessor de Estêvão fez com que o corpo de Formoso, que um monge havia tirado do Tibre, fosse novamente enterrado, com todas as honras, na catedral de São Pedro, Ele posteriormente anulou, em um sínodo, as decisões do tribunal de Estêvão VI, e declarou todas as ordens concedidas por Formoso, válidas. João IX confirmou estes atos em dois sinodos... Por outro lado, Sérgio III (904-911) aprovou em um sínodo romano as decisões de Estêvão contra Formoso... Sérgio e seu grupo deram um severo tratamento aos bispos consagrados por Formoso, que por sua vez havia conferido ordens sobre muitos outros clérigos, uma política que deu origem à maior confusão."⁴

Tais agudas discordâncias entre os papas certamente argumenta contra a idéia da infalibilidade papal.

O papa Honório I, após sua morte, foi denunciado como herético, pelo Sexto Concílio que teve lugar no ano de 680. O papa Leão II confirmou a condenação dele. Se os papas são infalíveis, como um podia condenar o outro?

O papa Vigílio, após condenar certos livros, removeu sua condenação, depois condenou-os novamente e em seguida retratou-se de sua condenação, em seguida condenou-os novamente! Onde está a infalibilidade aqui?

Os duelos foram autorizados pelo papa Eugênio III (1145-1153). Mais tarde o papa Júlio II (1503-1513) e o papa Pio IV (1559-1565) proibiram-nos.

Em certo tempo, no século onze, havia três papas rivais, todos eles tendo sido descontinuados pelo concílio reunido pelo Imperador Henrique III. Mais tarde, no mesmo século Clemente III foi enfrentado por Victor III e mais tarde por Urbano II. Como podiam os papas ser infalíveis quando se opunham uns aos outros?

O que é conhecido como "o grande cisma" veio em 1373 e durou cinquenta anos. Os italianos degeram Urbano VI e os cardeais franceses escolheram Clemente VII. Os papas se amaldiçoaram um ao outro ano após ano, até que um concílio dispensou ambos e elegeu outro!

O papa Sixto V tinha uma versão da Bíblia preparada que ele declarou ser autêntica. Dois anos mais tarde o papa Clemente VIII declarou que ela estava cheia de erros e mandou fazer outra!

O papa Gregório I repudiou o título de "Bispo Universal", dizendo que era "profano, supersticioso, soberbo, e inventado pelo primeiro apóstata," Ainda assim, através dos séculos, outros papas tem reclamado este título.

O papa Adriano II (867-872) declarou que os casamentos civis eram válidos, mas o papa Pio VII (1800-23) condenou-os como inválidos.

O papa Eugênio IV (1431-47) condenou Joana D'Arc a ser queimada viva como feiticeira. Mais tarde outro papa, Benedito IV, em 1919, declarou que ela era uma "santa."

Quando consideramos as centenas de vezes e maneiras como os papas se contradisseram uns aos outros através dos séculos, poderemos entender como a idéia da infalibilidade papal é difícil para muitas pessoas aceitarem. Enquanto é verdade que a maioria das declarações papais não são feitas dentro dos estreitos limites da definição "ex cátedra" de 1870, ainda assim se os papas tem errado em tantas outras maneiras, como podemos acreditar que eles são garantidos com uma infalibilidade divina por uns poucos momentos se e quando decidirem falar na verdade ex cathedra?

Os papas tem tomado para si mesmos títulos tais como "Santíssimo Senhor", "Chefe da Igreja no Mundo", "Soberano Pontífice dos Bispos", "Sumo Sacerdote", "A Boca de Jesus Cristo", "Vigário de Cristo", e outros. Disse o papa Leão XIII em 20 de junho de 1894, "Ocupamos na terra o lugar do Deus Todo- Poderoso" Durante o Concílio Vaticano de 1870, no dia 9 de janeiro, foi proclamado: "O Papa é Cristo em ofício, Cristo em jurisdição e poder...inclinamo-nos diante de tua voz, oh Pio, como diante da voz de Cristo, o Deus da verdade. Unindo-nos a ti, unimo-nos a Cristo."

Mas, o esboço histórico que temos apresentado mostra claramente que o papa NÃO é "Cristo em ofício" ou em qualquer outra maneira. O contraste é aparente. As coroas muito caras usadas pelos papas tem custado milhões de dólares. Jesus, durante sua vida terrena, não usou qualquer coroa, exceto a coroa de espinhos. O papa é servido por criados. Que contraste com o humilde Nazareno que veio não para ser servido, mas para servir! Os papas se vestem com paramentos que são muito elaborados e caros – feitos segundo o padrão dos imperadores romanos dos dias pagãos. Tal vaidade é contrastada com nosso Salvador que usava as vestes de um camponês, A imoralidade de muitos dos papas – especialmente nos séculos passados – aparece como um contraste surpreendente com o Cristo que é perfeito em santidade e pureza.

Em vista destas coisas, acreditamos que a afirmação do papa que é o "Vigário de Cristo" não tem qualquer base de fato. Já no ano 1612 foi mostrado, como Andreas Helwig o fez em seu livro *O Anticristo Romano*, que o título "Vigário de Cristo" tem um valor numérico de 666. Escrito como "Vigário do Filho de Deus" em Latim, *Vicaríus Filli Dei*, as letras com valor numérico são estas ; **I** é igual a 1 (usada seis vezes), **L** é igual a 50, **V** é igual a 5, **C** é igual a 100, e **D** é igual a 500. Quando todas estas são contadas, o total é 666. Este número nos relembra, é claro, Apocalipse 13:18, "Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis".

Deve-se mostrar, com toda a justiça, contudo, que numerosos nomes e títulos, dependendo de como são escritos ou que idiomas são usados, podem produzir este número. Os exemplos dados aqui serão de especial interesse porque estão ligados a Roma e ao Catolicismo Romano. De acordo com Hislop, o nome original de Roma era Saturnia, significando "a cidade de Saturno" Saturno era o nome secreto revelado somente aos iniciados dos mistérios caldeus, que – em Caldeu – era grafado com quatro letras: STUR. Nesse idioma, o **S** era 60, o **T** era 400, o **U** era 6, e o **R** era 200, um total de 666.

Nero César foi um dos maiores perseguidores dos cristãos e imperador de Roma na maior força do seu poder. Seu nome, quando escrito com letras hebraicas, é igual a 566.

As letras gregas da palavra "Lateinos" (Latim), a língua histórica de Roma em todos os seus atos oficiais, somam 666. Em grego o **L** é 30, **A** é 1, **T** é 300, **C** é 5, **I** é 10, **N** é 50, **O** é 70, e **S** é 200, um total de 666. Isto foi mostrado por Irineu já no século terceiro Esta mesma palavra também significa "homem latino" sendo simplesmente a forra a grega do nome Rômulo, pelo qual a cidade de Roma é nomeada. Este nome em hebraico, Romiith, também totaliza 666.

Diferentemente dos gregos e hebreus, os romanos não usavam todas as letras do seu alfabeto como números. Eles usavam somente seis letras: **D, C, L, X, V, e I**. (Todos os outros números eram feitos de combinações destes*) é interessante e talvez significativo que as seis letras que fazem o sistema numeral romano, quando somadas juntas totalizam exatamente 666.

D	500
C	100
L	50
X	10
V	5
I	1
Total = 666	

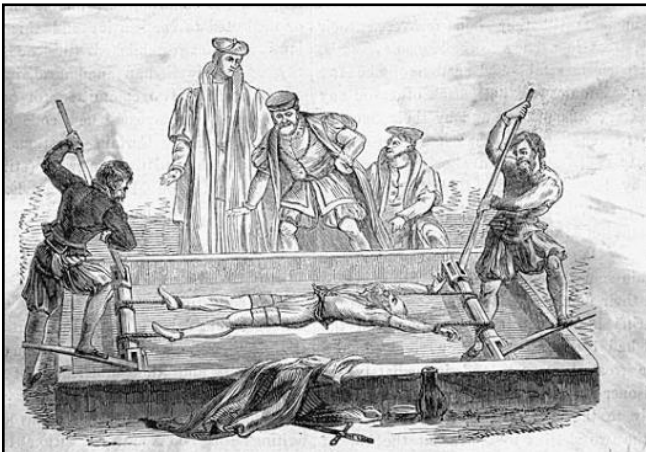
Voltando-nos para a própria Bíblia, no Velho Testamento, temos que o rei Salomão cada ano recebia 666 talentos de ouro (I Reis 10:14), Esta riqueza desempenhou um importante papel fazendo-o desviar-se. No Novo Testamento, as letras da palavra grega euporia, da qual a palavra RIQUEZA é traduzida, totalizam 666. De todos os 2.000 substantivos do Novo Testamento, só existe uma outra palavra que tem este valor numérico, que é a palavra paradosis, traduzida como TRADIÇÃO (Atos 10:25; Mat. 15:2), Riqueza e tradição – muito interessantemente – foram as duas grandes corruptoras da Igreja Romana. A riqueza corrompeu a prática e a honestidade. A tradição corrompeu a doutrina.

* O "M" é agora usado também como um numeral romano representando 1000, Mas, como E. W. Bullinger indica em seu livro "Os Números e as Escrituras" (p. 284), originalmente o 1000 era escrito como C I com outro C virado ao contrário, que é C I C. Isto foi mais tarde simplificado para CIO e finalmente para M.

A Desumana Inquisição

A IGREJA CAÍDA TORNOU-SE tão abertamente corrupta na Idade Média, que podemos prontamente entender porque, em muitos lugares, os homens se levantaram em protesto. Muitos foram aquelas almas nobres que rejeitaram as falsas reivindicações do papa, e em lugar disto olharam para o Senhor Jesus para terem salvação e verdade. Estes foram chamados "hereges" e foram amargamente perseguidos pela Igreja Católica Romana.

Um dos documentos que ordenaram tais perseguições foi o desumano "Ad extirpanda", emitido pelo Papa Inocêncio IV em 1252. Este documento afirmava que os hereges deveriam ser "esmagados como serpentes venenosas". Ele formalmente aprovou o uso da tortura. As autoridades civis foram ordenadas a queimar os hereges. "A antes mencionada Bula "Ad extirpanda" permaneceu daí em diante como um documento fundamental da Inquisição, renovado ou reforçado por vários papas tais como, Alexandre IV (1254-1261), Clemente IV (1265-1268), Nicolau IV (1288-1292) Bonifácio VIII (1290-1303), e outros. As autoridades civis, portanto, eram ordenadas pelos papas, sob pena de excomunhão a executarem as sentenças legais que condenavam os hereges impenitentes ao poste.



Deve-se notar que a excomunhão em si mesma não era uma coisa simples pois, se a pessoa excomungada não se livrasse da excomunhão dentro de um ano, passava a ser considerada herética, e incorria em todas as penalidades que afetavam a heresia.”¹

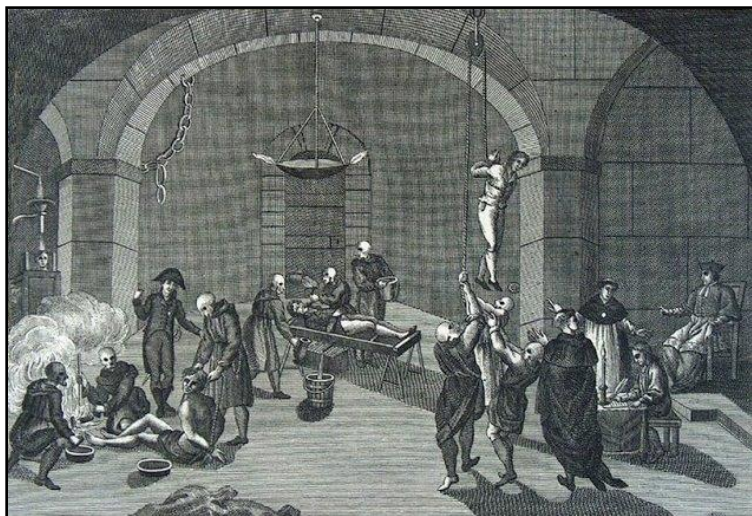
Os homens ponderavam muito naqueles dias em como poderiam inventar métodos que produziriam a maior tortura e dor.

Um dos métodos mais populares era o uso da manjedoura, uma longa caixa na qual o acusado era amarrado pelas mãos o pelos pés, de costas, e era esticado por cordas e sarilhos. Este processo deslocava as Juntas e causava grande sofrimento.



A Virgem de Ferro

Grandes torqueses eram usadas para arrancar as unhas ou aplicavam ferros aquecidos ao rubro a partes sensíveis do corpo. Eram rolados sobre superfícies cheias de lâminas afiadas. Havia o parafuso de polegares para desarticular os dedos e “Botas Espanholas” que eram usadas para esmagar as pernas e os pés. A “virgem de ferro” era um instrumento oco com o tamanho e a forma de uma mulher.



Sala das torturas da inquisição, por Picart (1673-1733)

Facas eram arrumadas de tal maneira e sob tal pressão que o acusado era lacerado em seu abraço mortal. Este instrumento de tortura era benzido com "água benta" e inscrito com as palavras latinas que significavam "Glória seja dada somente a Deus."²

As vítimas após serem rasgadas suas roupas tinham seus braços amarrados atrás das costas com uma corda dura. Pesos eram amarrados em seus pés. A ação de uma roldana suspendia-as no ar ou deixava-os cair e levantava-os novamente com violência, deslocando as juntas do corpo. Enquanto tal tortura estava sendo empregada, sacerdotes sustentando crucifixos tentavam levar os hereges à retratação.



Execução de protestantes na Holanda

A *História do Mundo de Ridpath* inclui uma ilustração do trabalho da Inquisição na Holanda. Vinte e um protestantes estão pendurados na árvore. Um homem em uma escada está quase sendo enforcado e abaixo dele está um padre segurando um crucifixo.³

"No ano de 1554, Francis Gamba, um lombardo, da "persuasão protestante", foi apreendido e condenado à morte pela sentença de Milão. No local da execução, um monge apresentou um crucifixo a ele, para quem Gamba disse, "Minha mente está tão cheia dos verdadeiros méritos e da verdadeira bondade de Cristo que não quero um *pedaço de pau sem sentido* para fazer-me pensar Nele." Por causa dessa expressão sua língua foi arrancada e ele foi em seguida queimado."⁴

Alguns que rejeitaram os ensinamentos da igreja romana tiveram chumbo derretido derramado dentro dos ouvidos e bocas. Olhos foram arrancados e outros foram cruelmente açoitados com chicotes. Alguns foram forçados a pular de abismos para cima de paus a pique onde, estremeando com dores, morriam lentamente. Outros eram sufocados até a morte, engolindo pedaços retalhados dos seus próprios corpos, engolindo urina, ou excremento. À noite, as vítimas da Inquisição eram acorrentadas bem pregadas ao solo ou à parede onde eram presas indefesas de ratos e vermes que enchiam aquelas sangrentas camaras de tortura.

A intolerância religiosa que incitou a Inquisição causou guerras que envolveram cidades inteiras. Em 1209 a cidade de Beziers foi tomada por homens que tinham recebido a promessa do papa que entrando na cruzada contra os hereges, eles ao morrerem passariam direto, desviando-se do purgatório e entrariam, imediatamente no céu. Reporta-se que sessenta mil, nesta cidade, pereceram pela espada enquanto o sangue fluía nas ruas. Em Lavaur, em 1211 o governador foi enforcado e a esposa foi lançada dentro de um poço e esmagada com pedras. Quatrocentas pessoas nesta cidade foram queimadas vivas. Os cruzados assistiram à missa solene pela manhã, em seguida passaram a tomar outras cidades da área. Neste cerco estima-se que 100.000 albigenses (protestantes) caíram em um só dia.



Seus corpos foram amontoados juntos e em seguida foram queimados.

No massacre de Merindol, quinhentas mulheres foram trancadas em um celeiro ao qual atearam fogo. Se qualquer uma pulasse das janelas, seria recebida na ponta das lanças. Mulheres foram ostensiva e dolorosamente violentadas. Crianças foram assassinadas diante de seus pais que estavam impotentes para protegê-las. Algumas pessoas eram lançadas de abismos ou arrancavam suas roupas e arrastavam-nas pelas ruas. Métodos semelhantes foram usados no massacre de Orange em 1562. O exército italiano foi enviado pelo papa Pio IV e recebeu a ordem de matar homens, mulheres e crianças. O comando foi obedecido com terrível crueldade, sendo o povo exposto a vergonha e tortura indescritíveis.

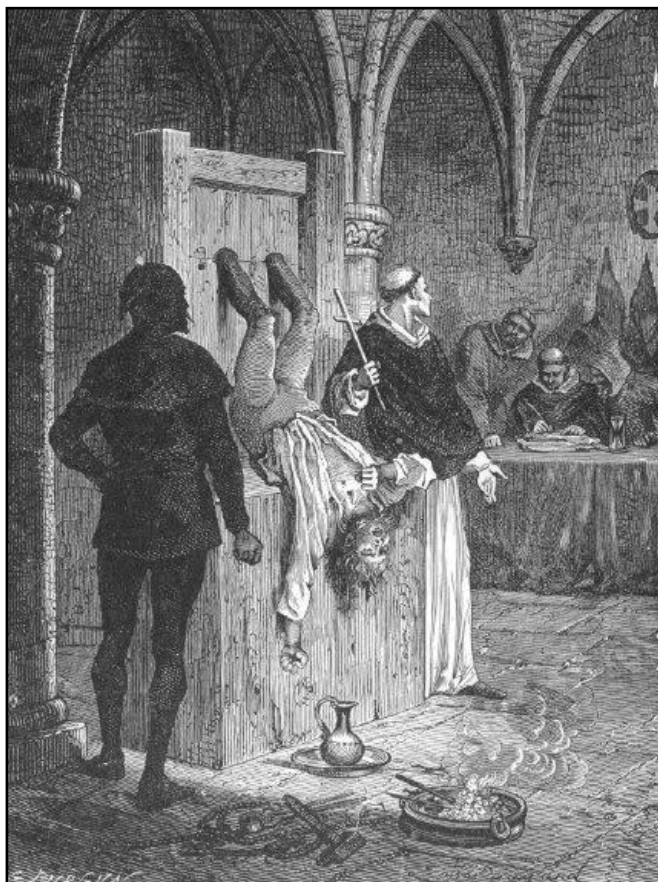
Dez mil Huguenotes (protestantes) foram mortos no sangrento massacre em Paris no "Dia de São Bartolomeu", em 1572. O rei francês foi à missa para agradecer solenemente o fato de tantos hereges terem sido mortos. A cômte papal recebeu as novas com grand e regozij oco papa Gregório XIII co m grande procissão, foi à Igreja de São Luís para agradecer! Ele ordenou que a casa da moeda papal fizesse moedas comemorando este acontecimento. As moedas mostraram um anjo com a espada numa mão e uma cruz na outra, diante de quem um grupo de huguenotes, com horror nas faces, estavam fugindo. As palavras *Ugonottorum Stranges 1572*, que significam "A matança dos Huguenotes, 1572" aparecem nas moedas.

Uma ilustração do livro *Ridpath's History of the World*, conforme é vista da página seguinte, mostra a obra da Inquisição na Holanda. Um protestante está pendurado pelos pés em um tronco. O fogo está aquecendo um ferro de marcar para marcá-lo e cegar seus olhos.⁵



Dia de São Bartolomeu

Alguns dos papas que hoje são aclamados como "grandes" pela igreja romanista viveram e prosperaram materialmente durante aqueles dias. Por que eles não abriram as portas dos subterrâneos e apagaram os fogos assassinos que escureceram os céus da Europa durante séculos? Se a venda de indulgências, ou pessoas adorando estátuas como ídolos, ou papas vivendo em imoralidade pode ser explicado como "abusos" ou desculpados porque estas coisas eram feitas contrárias às leis oficiais da igreja, o que pode ser dito a respeito da Inquisição? Ela não pode ser explicada muito facilmente, pois embora algumas vezes a tortura fosse levada a efeito além do que realmente era prescrito, o fato permanece que a Inquisição foi ordenada por decreto papal e confirmada por papa após papa! Pode alguém acreditar que tais ações foram representativas Dele que disse para dar o outro lado da face, perdoar nossos inimigos, e fazer bem àqueles que nos desprezam?



Cana da Inquisição na Holanda

“Dominadores Sobre A Herança De Deus”

OS HOMENS DE MAIS ALTO ESCALÃO da Igreja Católica Romana, os mais aproximados do papa, são um grupo de “cardeais” A Bíblia diz que Cristo colocou apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres em sua Igreja (Ef, 4:11), Porém, jamais encontramos qualquer indicação que ele ordenou um grupo de cardeais. Ao contrário, os cardeais originais eram um grupo de sacerdotes líderes na antiga religião pagã de Roma — muito antes da Era Cristã. Um livrete publicado pelos Cavaleiros de Colombo, Esta é a igreja Católica, explica; “Nos tempos antigos os cardeais eram o clero que chefiava em Roma — a palavra é derivada da palavra Latina cardo “pivô”, e referia-se, assim, àqueles que eram os membros pivôs do clero.”¹

Mas, por que estes padres da Roma antiga estavam ligados com a palavra “PIVÔ”? Eles eram, evidentemente, os sacerdotes de Janus, o deus pagão das portas e dos “gonzos”! (Que é outro significado da palavra cardo. — NT.) Referiam-se a Janus como o “deus dos princípios” — assim sendo, Janeiro, o mês que inicia o calendário romano, vem do seu nome. Como deus das portas, ele era o seu protetor, Até mesmo hoje, o guarda das portas é chamado de janitor, uma palavra que deriva do nome de Janus!

Janus era conhecido como “o abridor e fechador.”² Já que ele era adorado assim na Ásia Menor, podemos melhor entender as palavras de Jesus à igreja em Filadélfia: “Estas coisas diz aquele que é santo, aquele que é verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, aquele que abre e ninguém fecha: e fecha e ninguém abre... Tenho colocado diante de ti uma porta aberta” (Ap. 3:7,8). O deus pagão Janus era uma fraude; Jesus é o verdadeiro abridor e fechador!

"O colégio dos Cardeais, como papa como seu cabeça", escreve Hislop, "é simplesmente a réplica do colégio pagão de Pontífices, com seu Pontífice Máximo, ou Soberano Pontífice, que é conhecido como tendo sido feito no modelo do grande original Concílio de Pontífices em Babilônia!"³ Quando o paganismo e o cristianismo se misturaram, os cardeais, sacerdotes dos gonzos. Que haviam servido na Roma pagã, eventualmente encontraram um lugar na Roma papal.

Os paramentos usados pelos cardeais da Igreja Católica são vermelhos. Pássaros cardeais, flores cardeais e sacerdotes cardeais, estão todos ligados pela cor vermelha. A Bíblia menciona certos príncipes da Babilônia que se vestiam com paramentos vermelhos: "...homens pintados na parede, imagens dos caldeus, pintadas de vermelho; com os seus lombos cingidos, e com tingidas tiaras largas nas suas cabeças, todos com o parecer de capitães, semelhantes aos filhos de Babilônia em Caldéia" (Ezquiel 23:14,15). A meretriz simbolizando a religião babilônica estava vestida com purpura e escarlata (vermelhos) (Ap. 17:4). Desde os tempos antigos, a cor vermelha ou escarlata tem sido associada com o pecado. Isaías, em seus dias, disse: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a lã" (Isaías 1:18). O adultério é algumas vezes citado como o pecado escarlata. A cor vermelha está associada com a prostituição, como na expressão "distrito da luz vermelha".

Em vista destas coisas, não parece injusto questionar porque o vermelho seria usado para os paramentos dos homens de mais alto grau na igreja romanista. Não estamos dizendo que é errado usar vermelho, embora perguntemos: Não parece um curioso costume para cardeais? Devemos supor que tais paramentos eram usados pelos apóstolos? Ou é mais certo pensarmos que os paramentos vermelhos dos cardeais foram copiados daqueles usados pelos sacerdotes da Roma pagã?

Os sacerdotes dos gonzos nos dias pagãos eram conhecidos como os "flamens" A palavra é tomada de flare significando alguém que sopra ou acende o fogo sagrado.⁴ Eles eram os guardiões do fogo sagrado que abanavam com o místico abano de Saco. Como a cor do fogo que acendiam, seus paramentos eram da cor das chamas vermelhos, Eles eram servos do sumo pontífice nos dias pagãos e os cardeais de hoje são os servos do papa que também reclama o título de pontífice máximo. Os flamens eram divididos em três distintos grupos e assim também o são os cardeais – Cardeais-bispos, Cardeais-sacerdotes, e Cardeais-diáconos.

Os próximos em autoridade abaixo do papa e dos cardeais são os bispos da igreja Católica. Diferentemente dos títulos "papa" e "cardeal", a Bíblia realmente menciona bispos.

Como a palavra "santos" contudo, a palavra "bispo" tem sido comumente mal interpretada. Muitos pensam em um bispo como um ministro de ordem superior, tendo autoridade sobre um grupo de outros ministros e igrejas. Esta idéia reflete-se na palavra "catedral", que vem de cathedra que significa "trono". Uma catedral, diferentemente de outras igrejas, é aquela na qual o trono do bispo está localizado.

Mas voltando-nos para a Bíblia, todos os ministros são chamados bispos - não apenas os ministros de certas cidades. Paulo instruiu Tito a "ordenar anciãos em todas as cidades" (Tito.1:5), e em seguida continuou a falar desses anciãos como bispos (versículo 7). Quando Paulo instruiu os anciãos de Éfeso, ele disse: "Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre quem o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes (pastoreardes) a igreja de Deus" (Atos 20:17,28). Esses ministros foram citados como anciãos, bispos, supervisores, e pastores - todas as expressões referindo-se exatamente ao mesmo ofício. Muito claramente, um bispo - nas Escrituras - não era um ministro de uma grande cidade que se sentava em um trono e exercia autoridade sobre um grupo de outros ministros. Cada igreja tinha seus anciãos e estes anciãos eram bispos! Isto foi entendido por Martinho Lutero. "Mas, a respeito dos bispos que ora temos", ele observou, "destes as Escrituras nada sabem; eles foram instituídos...de modo que um possa dominar sobre muitos ministros."⁵

Mesmo antes do Novo Testamento ser completado, foi necessário dar avisos a respeito da doutrina dos nicolaítas (Apoc 2:6). De acordo com Scofield, a palavra "Nicolaítas" vem de níkaō "conquistar", e laos, "laicato" a qual, se estiver correta, "refere-se à forma mais primitiva da noção de uma ordem sacerdotal, ou "clero" que mais tarde dividiu uma fraternidade igual (Mt. 23:8), em "sacerdotes" e "leigos."⁶

A palavra "sacerdote" em um sentido muito real pertence a todo cristão, crente - não somente a líderes eclesiásticos. Pedro instruiu os ministros a não serem "dominadores sobre a herança de Deus" (1 Pedro 5:1-3). A palavra traduzida "herança" é *kleeron* e significa "clero"! Como o *The Matthew Henry Commentary* explica, todos os filhos de Deus recebem o "título de herança de Deus ou clero... a palavra jamais se restringe no Novo Testamento aos ministros de religião somente."

Ao se rejeitar uma divisão artificial entre "clero" e "laicato", não estamos falando que os ministros não devem receber respeito apropriado e honra, "especialmente aqueles que trabalham na palavra" (1 Tim. 5:17). Mas, por causa desta divisão, muito frequentemente as pessoas de uma congregação tem a tendência de colocar toda a responsabilidade do trabalho de Deus sobre o ministro.

Realmente Deus tem um ministério para todo o seu povo. Não estamos dizendo com isto que todos tem um ministério de púlpito! – mas até mesmo dar um copo de água fria não fica sem propósito nem recompensa (Mat. 10:42). Seria bom cada um de nós orar: "Senhor, que queres que eu faça?" (Atos 9:6). No Novo Testamento, o pleno trabalho de uma igreja não era colocado sobre um indivíduo. As igrejas eram comumente pastoreadas por uma pluralidade de anciãos, como o mostram numerosos textos bíblicos. "Eles ordenaram presbíteros (plural) em cada igreja" (Atos 14:19-23) e em "cada cidade" (Tito 1:5). Expressões tais como "os presbíteros (plural) da igreja" são comumente usadas (Atos 20:17; Tiago 5:14).

Todos que são lavados dos seus pecados pelo sangue de Cristo, são "sacerdotes para Deus" e são "um sacerdócio real" (Apoc. 1:6; I Pedro 2:9). O sacerdócio de todos os crentes é claramente a posição do Novo Testamento. Mas como os homens se exaltaram a si mesmos como "dominadores sobre a herança de Deus", as pessoas foram ensinadas que precisavam de um sacerdote a quem podiam contar seus pecados, um sacerdote deveria aspergí-las, um sacerdote deveria dar-lhes os últimos ritos, um sacerdote deveria dizer missas para elas, etc. Elas foram ensinadas a depender de um sacerdote humano, enquanto o verdadeiro sumo-sacerdote, o Senhor Jesus, era obscurecido à vista delas por uma nuvem escura de tradições feitas pelo homem.

Diferentes de Eliú que não queria "usar de lisonjas para com o homem" (no original, "dar títulos lisonjeiros" – NT), aqueles que se exaltaram a si mesmos como "senhores" sobre o povo começaram a tomar para si mesmos títulos que eram não escriturísticos, e – em alguns casos – títulos que deveriam pertencer somente a Deus! Como um aviso contra esta prática, Jesus disse: "A ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus. Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo. Porém o maior dentre vós sera vosso servo. E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado!" (Mateus 23:9-12.)

É difícil entender como uma igreja que reclama ter Cristo como seu fundador – depois de uns poucos séculos – começou a usar os mesmos títulos que ele disse para NÃO usar! Não obstante, o bispo de Roma começou a ser chamado pelo título de "papa" que é somente uma variação da palavra "papai". Os sacerdotes do Catolicismo são chamados de "padres". (Que significa "pais" em Latim. – NT) Devemos lembrar-nos que uma das principais correntes dos "Mistérios" que vieram a Roma nos dias primitivos foi o Mitraísmo.

Nesta religião, aqueles que presidiam sobre as cerimônias sagradas eram chamados de "pais"⁷. Um artigo sobre o Mitraísmo na *The Catholic Encyclopedia*, diz: "Os pais (usado aqui como um título religioso) dirigiam a adoração. O chefe dos pais, um tipo de papa, que sempre vivia em Roma, era chamado "Pater Patrum"⁸. Agora, se os pagãos em Roma chamavam seus sacerdotes pelo título de "pai", e se Cristo disse para não chamar qualquer homem de "pai", de que fonte surgiu o costume católico-romano de chamar um sacerdote por este título – de Cristo ou do paganismo?

Até mesmo a Bíblia dá um exemplo de um sacerdote pagão sendo chamado de "pai". Um homem pelo nome de Mica disse a um jovem Levita, "Fica comigo e sê-me por pai e sacerdote" (Juizes 17:10), Mica era um homem crescido que tinha um filho; o Levita era "um jovem". O título "pai" era obviamente usado em um sentido religioso, como uma designação sacerdotal. Mica queria que ele fosse um pai-sacerdote em sua "casa de deuses". Isto era um tipo do Catolicismo, pois enquanto o jovem sacerdote dizia falar a palavra do "SENHOR" (Juizes 18:6), a adoração estava claramente misturada com ídolos e com o paganismo.

A Igreja Católica Romana usa o título "Monsenhor", que significa "Meu Senhor". É de alguma maneira um título geral, explica a *The Catholic Encyclopedia*, e pode apropriadamente ser usado dirigindo-se a vários dos mais altos líderes da igreja. "Em lugar de se dirigir aos patriarcas como "Vossa Beatitude", aos arcebispos como "Vossa Graça", aos bispos como "Meu Lorde", aos abades como "Gracioso Senhor", a pessoa pode sem qualquer quebra de etiqueta saudá-los a todos igualmente como Monsenhor."⁹ Um dos significados de "arce" é mestre, Usando títulos tais como arcebispo, arqui-diácono, é como dizer mestre-sacerdote, etc. O superior da ordem dos dominicanos é chamado "mestre geral". Necessitamos somente citar novamente as palavras de Cristo que estão em contraste com tais títulos: "De ninguém sereis chamados mestres: pois um só é vosso mestre, Cristo."

Até mesmo o título "Reverendo", biblicamente falando, é aplicado somente a Deus. Ele aparece uma vez na Bíblia: "Santo e reverendo é seu nome" (Salmo 111:9). A palavra "reverendo" vem do Latim *revere* e foi aplicado ao clero inglês como um título de respeito durante o século quinze. Variações deste título são estes! O Reverendo, O Mais Reverendo, O Muito Reverendo, e O Perfeito Reverendo.

Quando Jesus falou contra títulos lisonjeiros, o pensamento básico era que devia haver humildade e igualdade entre seus discípulos. Não deveríamos nós, então, rejeitar a suposta autoridade daqueles altos ofícios nos quais os homens buscam fazer de si mesmos "dominadores sobre a herança de Deus"? E em lugar de homens receberem a glória, não deveria toda glória ser dada a Deus?

Um Sacerdócio Solteiro

MAS O ESPÍRITO EXPRESSAMENTE DIZ que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios; pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência; PROIBINDO O CASAMENTO...(1 Timóteo 4:1-3,)

Nesta passagem, Paulo avisou que ocorreria um desvio da verdadeira fé mais tarde, ou nos últimos tempos. "Isto não implica necessariamente as últimas eras do mundo", escreve Adam Clarke em seu notável comentário, "mas quaisquer tempos após aqueles nos quais a Igreja então vivia."¹ Realmente, esse desvio da fé, como aqueles que conhecem História entendem, aconteceu lá atrás nos primeiros séculos.

Os primeiros cristãos reconheceram que a adoração de deuses pagãos era a adoração a demônios (I Cor. 10:19,21)* Segue-se, então, que o aviso de Paulo a respeito das "doutrinas de demônios" poderia certamente referir-se aos ensinamentos dos mistérios pagãos. Ele fez menção especial à doutrina de "proibir o casamento". Na religião dos mistérios, esta doutrina não se aplicava a todas as pessoas. Era, em vez disto, uma doutrina de celibato sacerdotal. Tais sacerdotes solteiros, indica Hislop, eram membros das mais altas ordens do sacerdócio da rainha Semíramis. "Estranho como possa parecer, ainda assim a voz da antiguidade atribui à rainha abandonada a invenção do celibato clerical, e isto em sua forma mais estrita."²

Nem todas as nações para as quais a religião dos mistérios se espalhou, exigiu o celibato sacerdotal, como no Egito, onde os sacerdotes tinham permissão de casar-se. Mas, "todo erudito sabe que quando a adoração de Cibele, a Deusa Babilônica, foi introduzida na Roma Pagã, ela foi introduzida em sua forma primitiva, com seu celibato clerical."³ Em lugar da doutrina de "proibir o matrimônio" promovendo a pureza, contudo, os excessos cometidos pelos sacerdotes solteiros da Roma pagã foram tão horribéis que o Senado achou que eles deveriam ser expulsos da república romana.

Mais tarde, após o celibato clerical tornar-se estabelecido na Roma papal, problemas semelhantes surgiram. "Quando o papa Paulo V procurou suprimir os bordéis licenciados na "Santa Cidade", o Senado Romano fez uma petição contra esse propósito tornar-se vigente, argumentando que a existência de tais lugares era a única maneira de evitar que os sacerdotes seduzissem suas mulheres e filhas" ⁴

Roma, naqueles dias, era uma "cidade santa" somente de nome. Relatórios estimaram que havia em torno de 6.000 prostitutas nessa cidade, com uma população que não excedia 100.000.⁵ Os historiadores contam que "'todos os eclesiásticos tinham amantes, e todos os conventos da Capital eram casas de má fama!"⁶ Um pequeno lago em Roma estava situado perto de um convento. Esse foi drenado por ordem do papa Gregório. No fundo foram encontrados mais de 6.000 crânios de bebês.

O Cardeal Peter D'Ailly afirmou que não podia descrever a imoralidade dos conventos de freiras, e que "tomar o véu" era simplesmente outra maneira de tornar-se uma prostituta pública. Os violamentos eram tão horripilantes no nono século, que São Teodoro Studita proibiu até mesmo animais fêmeas na propriedade do mosteiro! No ano de 1477, danças noturnas e orgias eram realizadas no claustro católico em Kercheim, que são descritas na história como sendo piores do que aquelas vistas nas casas públicas de prostituição.⁷ Os padres vieram a ser conhecidos como "os maridos de todas as mulheres". Alberto, o Magnífico, arcebispo de Hamburg, exortou seus padres: "Si non caste, tamen caute" (Se não puderem ser castos, pelo menos sejam cuidadosos). Outro bispo alemão começou a cobrar dos padres em seu distrito um imposto para cada mulher que eles tinham e para cada filho que nascia. Ele descobriu que havia onze mil mulheres conservadas como amantes pelos clérigos de sua diocese.⁸

A *The Catholic Encyclopedia* diz que a tendência de alguns de reunir estes escândalos e exagerar os detalhes "é pelo menos tão marcante quanto a tendência por parte dos apologistas da Igreja de ignorar estas páginas desconfortáveis da História!"⁹ Como com tantas coisas, não duvidamos que extremos tem existido em ambos os lados. Descobrimos também que com relatórios de conduta imoral existe a possibilidade de exagero. Mas, mesmo permitindo isto, os problemas que tem acompanhado a doutrina de "proibir o matrimônio" são muito óbvios para serem ignorados, A *The Catholic Encyclopedia*, embora procurando explicar e justificar o celibato admite que tem havido muitos abusos.

"Não temos qualquer desejo de negar ou colocar um paliativo sobre o nível muito baixo de moralidade no qual, em diferentes períodos da história mundial, e em diferentes países chamando-se a si mesmos de cristãos, o sacerdócio católico tem afundado...a corrupção foi espalhada ...Como poderia ser de outra maneira, quando foram introduzidos no bispado em toda parte homens de natureza brutal e paixões indomáveis, que deram o pior exemplo ao clero sobre o qual governavam... Um grande numero do clero, não somente sacerdotes mas bispos também, abertamente tomavam esposas, e geravam filhos a quem transmitiam seus benefícios"¹⁰

Não existe regra na Bíblia que exija que um ministro seja solteiro. Os apóstolos eram casados (I Cor. 9:5) e um bispo tinha que ser "o marido de uma só mulher" (I Tím. 3:2). Até mesmo a *The Catholic Encyclopedia* diz, "Não encontramos no Novo Testamento qualquer indicação que o celibato era compulsório ou para os apóstolos ou para aqueles a quem eles ordenavam."¹¹ A doutrina de "proibir o matrimônio" desenvolveu-se somente gradualmente dentro da Igreja Católica. Quando a doutrina do celibato começou primeiro a ser ensinada, muitos dos sacerdotes eram homens casados. Havia alguma questão, embora, se um sacerdote cuja esposa morresse deveria casar-se novamente. Uma regra estabelecida no Concílio de Neo-Cesaréia em 315 "absolutamente proibia que um sacerdote contratasse um novo casamento sob a pena de deposição." Mais tarde, "em um concílio romano convocado pelo papa Sirício em 336 foi passado um edito proibindo que os sacerdotes e diáconos tivessem relações sexuais com suas mulheres e o papa tomou os passos para ter o decreto reforçado na Espanha e em outras partes do cristianismo."¹² Nessas afirmações da *The Catholic Encyclopedia* o leitor cuidadoso notará as palavras "proibir" e "proibindo". A palavra "proibindo" é a mesma palavra que a Bíblia usa quando adverte a respeito de "proibir o matrimônio" — mas exatamente no sentido oposto! A Bíblia chama à proibição do casamento uma "doutrina de demônios"

Tomando todas estas coisas em consideração, podemos ver como a predição de Paulo (I Tím. 4:1-3) se cumpriu. Veio um desvio de fé original? Sim. As pessoas deram ouvidos a doutrinas pagãs, doutrinas de demônios? Sim. Foram os padres proibidos de casar? Sim. E por cansa desse celibato forçado, muitos desses sacerdotes terminaram tendo suas "consciências cauterizadas" e "falaram mentiras em hipocrisia" por causa da imoralidade na qual caíram. A História tem mostrado o cumprimento de cada parte da profecia!

A doutrina de proibir os sacerdotes de se casarem veio a encontrar outras dificuldades no passar dos séculos, por causa do confessorário.

É fácil de se ver que a prática de moças e mulheres confessarem suas fraquezas morais e desejos a sacerdotes solteiros poderia facilmente resultar em muitos abusos. Um ex-sacerdote, Charles Chiniquy, que viveu no tempo de Abraham Lincoln e teve amizade pessoal com ele, dá um relato completo de tal corrupção, em conexão com o confessorário, junto com casos verdadeiros, em seu livro "O Padre, a Mulher e o Confessionário". Não estamos sugerindo que todos os padres deveriam ser julgados pelos erros ou pecados de alguns. Não duvidamos que muitos sacerdotes tem sido muito dedicados aos votos que tem tomado. Não obstante, "os incontáveis ataques" (para usar o palavreado da *The Catholic Encyclopedia*) que tem sido feitos contra o confessorário não foram, em muitos casos, algo sem base. Que a doutrina da confissão tem causado dificuldades para a igreja romanista, de uma maneira ou de outra, parece estar implícito pelo palavreado da *The Catholic Encyclopedia*. Após mencionar os "incontáveis ataques" ela diz, "Se na Reforma ou desde que a Igreja resolvesse deixar de lado uma doutrina ou abandonado uma prática pela causa da paz e para amaciar um "dito duro", a confissão seria a primeira a desaparecer"!¹³

Em um artigo tio qual as palavras são muito bem escolhidas, a *The Catholic Encyclopedia* explica que o poder de perdoar pecados pertence somente a Deus. Não obstante ele exerce este poder através dos sacerdotes. Uma passagem em João (20:22,23) é interpretada para significar que um padre pode perdoar ou recusar o perdão dos pecados. Para que ele tome esta decisão, os pecados "especificamente em detalhes" (de acordo com o Concílio de Trento) devem ser confessados a ele. "Como pode ser feito um julgamento sábio e prudente se o padre estiver em ignorância da causa sobre a qual o julgamento é pronunciado? E como pode ele obter o conhecimento exigido, a menos que venha de uma informação específica do pecador?" Tendo dado aos padres a autoridade de perdoar pecados, é inconsistente acceditar-se, diz o artigo, que Crisio "teve a intenção de fornecer outros meios de absolvição, tais como confessar "a Deus somente?" A confissão a um padre por aqueles que cometem pecado após o batismo é "necessária para a salvação."¹⁴

Existe um tipo de confissão que a Bíblia ensina, mas não é confissão a um padre solteiro! A Bíblia diz, "Confessai vossas faltas uns aos outros" (Tiago 5:16). Se este versículo pudesse ser usado para dar apoio á idéia católica da confissão, então não somente as pessoas deveriam confessar aos padres, mas os padres deveriam também confessar seus pecados ao povo! Quando Simão de Samaria pecou, depois de ter sido batizado, Pedro não lhe disse para confessar a ele. Ele não disse para rezar a "Ave Maria" certo número de vezes por dia. Pedro disse a ele para "orar a Deus" pedindo perdão (Atos 8:22)!

Quando Pedro pecou, confessou a Deus e foi perdoado; quando Judas pecou, confessou a um grupo de sacerdotes e cometeu suicídio! (Mal. 27:3-5).

A idéia de confessar a um sacerdote não veio da Bíblia, mas veio da Babilônia! A confissão secreta era exigida antes da iniciação completa dentro dos mistérios babilônicos. Uma vez que tal confissão fosse feita, a vítima ficava amarrada de pés e mãos aos sacerdotes. Não pode haver qualquer dúvida que as confissões eram feitas na Babilônia, pois foi por essas confissões registradas – e somente através delas – que os historiadores tem podido formular conclusões a respeito dos conceitos babilônicos do certo e do errado.¹⁵

A idéia babilônica de confissão era conhecida em muitas partes do mundo. Salverte escreveu a respeito desta prática entre os gregos. "Todos os gregos, de Delfos até às Termópilas, eram iniciados nos mistérios do templo de Delfos. O silêncio deles em revelação a tudo o que eram mandados guardar segredo, era assegurado pela confissão geral realizada pelos aspirantes após a iniciação" Certos tipos de confissão eram também conhecidos nas religiões da Medo-Pérsia, do Egito e de Roma – antes do alvorecer do Cristianismo.¹⁶

Negro é a cor distintiva das roupas do clero usados pelos padres da Igreja Católica Romana e algumas denominações protestantes também seguem este costume. Mas, por que roupas pretas? Pode algum de nós pensar em Jesus e seus apóstolos usando roupas negras? O preto tem por séculos se ligado à morte. As mortalhas, tradicionalmente, tem sido negras, o preto é usado por pessoas que choram nos funerais, etc. Se qualquer um sugere que o preto deveria ser usado em honra à morte de Cristo, nós deveríamos somente indicar que Cristo não está mais morto!

Por outro lado, a Bíblia menciona certos sacerdotes de Baal que se vestiam de preto! A mensagem de Deus através de Sofonias foi esta; "Exterminarei deste lugar o resto de Baal" e o nome dos quemarins com os sacerdotes" (Sofonias 1:4). Os "quemarins" eram sacerdotes que usavam roupas negras.¹⁷ Este mesmo título é traduzido "sacerdotes idólatras" em outra passagem a respeito da adoração de Baal (II Reis 23:5). Adam Clarke diz, "Provavelmente era uma ordem feita pelos reis idólatras de Judá, e chamados quemarins, de camar que significa ser... feito escuro, ou negro, porque seu negócio era constantemente assistir os fogos sacrificiais, e provavelmente usavam paramentos negros: até os judeus, fazendo mofa, chamam os ministros cristãos de, quemarins, por causa de suas roupas pretas e paramentos. Porque deveríamos imitar, em nossas roupas sacerdotes a daqueles sacerdotes de Baal, é estranho de pensar e duro de dizer!"¹⁸

Outra prática da igreja católica que também foi conhecida nos tempos antigos e entre povos não cristãos é a Tonsura, A *The Catholic Encyclopedia* diz que a tonsura é um rito sagrado instituído pela Igreja pelo qual...um cristão é recebido na ordem clerical, sendo raspado seu cabelo.. Historicamente a tonsura não estava em uso na Igreja primitiva. Mesmo mais tarde, São Jerônimo (340-420) desaprovou que os clérigos raspassem a cabeça"!¹⁹ Mas, em torno do século sexto a tonsura era bastante comum. O Concílio de Toledo fez dela uma regra estrita que todos os clérigos deviam receber a tonsura, mas hoje o costume não é mais praticado em muitos países.

É conhecido e reconhecido que este costume "não estava em uso na Igreja primitiva" Mas era conhecido entre as nações pagãs! Buda raspou a cabeça em obediência a um suposto comando divino. Os Sacerdotes de Osiris no Egito eram distinguidos por suas cabeças raspadas. Os sacerdotes de Baco recebiam a tonsura. Na Igreja Católica, a forma de tonsura usada na Bretanha era chamada a Céltica, com apenas uma porção de cabelo sendo raspada na frente da cabeça. Na forma oriental toda a cabeça era raspada. Mas na forma Romana, chamada a tonsura de São Pedro, era usada a tonsura redonda, deixando cabelos somente ao redor das bordas da porção superior da cabeça calva. A tonsura cáltica dos padres na Bretanha era ridicularizada como sendo a tonsura de Simão o Mago.²⁰



Tonsura romana

Mas, por que Roma insiste na tonsura redonda? Podemos não ter a resposta completa, mas sabemos que essa era "uma antiga prática dos sacerdotes de Mitra, que em suas tonsuras imitavam o disco solar. Como o deus-sol era o grande deus que se lamentava, e tinha seu cabelo cortado em um formato circular, e os sacerdotes que o lamentavam tinham seu cabelo cortado de forma semelhante, assim também em diferentes países aqueles que lamentavam os mortos e cortavam o cabelo em honra a eles, o cortavam de forma circular"!²¹ Que este era um antigo costume, conhecido até nos tempos de Moisés – pode ser visto bem dentro da Bíblia. Isto foi proibido para os sacerdotes: "Não farão calva em sua cabeça" (Lev, 21:5). E que tal "calva" era a tonsura redonda, parece implicar de Levítico 19:27: "Não cortareis o cabelo, arredondando os cantos da vossa cabeça"

A Missa

Os SACERDOTES TEM PODER para transformar os elementos do pão e do vinho na carne e sangue de Cristo durante o ritual da missa? Esta crença é encontrada nas Escrituras?

A posição católica está resumida nas seguintes palavras da *The Catholic Encyclopedia*: "Na celebração da Santa Missa, o pão e o vinho são transformados no corpo e no sangue de Cristo. Isto é chamado de transubstanciação, pois no Sacramento da Eucaristia a substância do pão e do vinho não permanece a mesma. mas a inteira substância do pão e do vinho é mudada em sua carne e seu sangue, embora permaneça a semelhança exterior do pão e do vinho somente."¹

A base para esta crença é buscada nas palavras de Jesus quando ele falou a respeito do pão que abençoara, "Tomai e comei; este é meu corpo" e do cálice, "Bebei dele todos; pois este é meu sangue" (Mat. 26:26-28). Mas, forçar um significado literal nestas palavras cria numerosos problemas de interpretação e tende a subestimar o fato que a Bíblia comumente usa expressões figuradas.

Quando alguns dos homens de Davi arriscaram suas vidas para trazer-lhe água de Belém, ele a recusou, dizendo, "Beberia eu o sangue dos homens que foram a risco da sua vida?" (II Sam. 23:17). A Bíblia fala de Jesus como sendo uma "porta", a "vinha", e a "rocha" (João 10:9; 15:5; I Cor. 10:4). Todos reconhecem estas afirmações sendo entendidas em um sentido figurado. Acreditamos que isto também é verdade em relação á afirmação de Cristo "este é meu corpo...este é meu sangue." O pão e o vinho são símbolos deste corpo e sangue. Isto não detrata o fato da Sua presença real em uma assembléia de crentes, pois ele prometeu, "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles" (Mat. 18:20). Rejeitar a idéia de que ele se torna literalmente presente em pedaços de pão ou dentro de uma taça de vinho não é rejeitar que ele esteja presente espiritualmente entre os crentes!

Depois que Jesus abençoou os elementos, estes não foram transformados em seu corpo e sangue literais uma vez que Ele (literalmente) estava ainda ali. Ele não sumiu para aparecer na forma de pão e de vinho. Depois que havia abençoado o cálice, ainda chamou-o de "fruto da vide", não sangue literal (Mat. 26:29). Uma vez que Jesus também bebeu do cálice, ele bebeu seu próprio sangue?

Os Se o vinho tornou-se verdadeiro sangue, bebê-lo teria sido proibido pela Bíblia (Dt 12:16; Atos 15:20).

Não existe qualquer evidência que qualquer mudança vem para os elementos através do ritual romanista. Eles permanecem com o mesmo gosto, cor, cheiro, peso, e dimensões. O pão ainda se parece com pão, tem gosto de pão, cheira como pão, e tem a sensação tátil de pão. Mas. na mente católica, é a carne de Deus. O vinho ainda se parece com vinho, tem gosto de vinho, tem cheiro de vinho, e se alguém beber o bastante, como o vinho o faz, ele fica bêbado! Mas acredita-se que isto é o sangue de Deus. Quando o sacerdote abençoa o pão e o vinho, ele fala as palavras latinas, Hoc est corpus meus. Em vista do fato que nenhuma mudança acontece, podemos entender como a expressão "hocuspocus" originou-se destas palavras.²

O poema da página 131 não está incluído para ser descartado ou para ridicularizar o que muitas pessoas sinceras consideram uma cerimônia muito sagrada. A despeito de sua rudeza, o poema mostra algo importante.

O erudito Concílio de Trento proclamou que a crença na transubstanciação era essencial para a. salvação e pronunciou maldições sobre qualquer um que a negasse. O Concílio ordenou pastores para explicar que não somente os elementos da missa contém carne, ossos, e nervos como uma parte de Cristo, "mas também UM CRISTO COMPLETO."³ A *The Catholic Encyclopedia* diz, "O dogma da totalidade da Presença Real significa que em cada espécie individual o Cristo total, a carne e o sangue, o corpo e a alma, a divindade e a humanidade estão realmente presentes."⁴

O pedaço de pão tendo se tornado "Cristo" acredita-se que oferecendo-o, o sacerdote sacrifica Cristo. Uma maldição foi pronunciada pelo Concílio de Trento sobre qualquer um que creia de outra maneira. "Se alguém disser que na Missa um verdadeiro e apropriado sacrifício não é oferecido a Deus... que ele seja anátema."⁵ Na crença católica, este "sacrifício" é uma renovação do sacrifício da cruz. "Cristo,..ordenou que seu sacrifício sangrento sobre a Cruz deveria ser renovado diariamente por um sacrifício incruento do seu Corpo e Sangue na Missa sob os simples elementos do pão e do vinho"⁶ e Uma vez que os elementos são mudados em Cristo, ele "está presente em nossas igrejas não somente de uma maneira espiritual, mas realmente, verdadeiramente, e substancialmente como a "vítima de um sacrifício."⁷ Embora o ritual tenha sido levado a efeito milhões de vezes, tentativas são feitas para explicar que este é o mesmo sacrifício do Calvário, porque a vítima em cada caso é Jesus Cristo.⁸

UM MILAGRE ROMANO

Uma linda jovem, uma protestante, foi a um casamento católico
Desde muito nova aprendeu a crer em todas as verdades e relatos bíblicos
Certamente machucava o coração do seu marido que ela não concordasse
Em se unir à Igreja Mãe de Roma e negar os hereges.

Assim sendo dia após dia, ele tentava convence-la, mas ela não via bem algum
Em se curvar diante de ídolos feitos de madeira.

A Missa, a hóstia, os milagres, eram feitos simplesmente para enganar;
E na transubstanciação, também, ela Jamais ousaria crer.

Ele foi ver seu clérigo e contou-lhe sua triste história.

“Minha esposa é uma Incrédula, senhor; o senhor pode talvez provalecer;
Pois minha esposa tem forte aversão a todos seus milagres romanistas,
Se se fizesse um verdadeiro milagre, ela poderia se converter.”

O padre foi com o cavaleiro - ele pensou em ganhar um prêmio.

Ele disse, “Eu a converterei, senhor, e abrirei ambos seus olhos.”

Assim quando entraram na casa, o marido gritou bem alto,
“O padre veio jantar conosco!” “ele é bem-vindo,” ela respondeu

E quando, por fim, o Jantar estava terminado, o padre logo começou,
A ensinar à sua anfitriã tudo a repelto do estado pecaminoso do homem;
A grandeza do amor de nosso Salvador, que os cristãos não podem negar,
Em dar-se a si mesmo em sacrifício e morrer por nossos pecados.

Eu voltarei amanhã, moça, prepare algum pão e vinho;

O milagre sacramental parará o declínio de sua alma.”

“Eu cozinharei o pão,” a dama disse. “Você pode,” ele respondeu,
“E quando você vir este milagre, digo-lhe que ficará convencida.”

O padre veio, de acordo, abençoou o pão e o vinho.

A dama perguntou, “Senhor, está transformado?” o padre respondeu, “Sim.

Foi transformado de pão comum e vinho comum para verdadeira carne e sangue.

Por Deus, moça, este poder que tenho transformou isto em Deus!”

Assim sendo, tendo abençoado o pão e o vinho, para comer eles se prepararam.

A senhora disse para o padre, “Aviso-o para tomar cuidado.

Pois meia libra de arsênico misturei com a massa.

Mas, desde que o senhor mudou sua natureza, isto realmente não importa.”

O padre ficou realmente chocado ficou pálido como a morte.

O pão e o vinho caiu de suas mãos e ele sufocava à busca de ar.

“Tragam meu cavalo!” gritou o padre, “Esta é uma casa amaldiçoada!”

A dama respondeu, “Ao contrário; o senhor que compartilha a maldição de Roma.”

O marido, também, sentou-se surpreso, e não disse uma palavra.

Finalmente, ele falou, “querida”, o padre saiu correndo;

De engolir tal palhaçada e porcaria, é algo que não tenho condições;

Vou seguir com você e vou renunciar a esta fábula católica romana.”

Autor Desconhecido

A própria idéia de Cristo – “carne e sangue, corpo e alma, divindade e humanidade” – sendo oferecido repetidamente como uma “renovação” do sacrifício da cruz, fica em gritante contraste com as palavras de Jesus na cruz, “Está consumado” (João 19:30). Os sacrifícios do Velho Testamento tinham que ser oferecidos continuamente porque nenhum deles era o perfeito sacrifício. Mas agora “nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, UMA VEZ POR TODAS. Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados; Jesus, porém, tendo oferecido PARA SEMPRE um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus..Porque com uma ÚNICA oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados” (Hebreus 10:10-14).

A doutrina católica diz que o sacrifício de Cristo na cruz deve ser “renovado diariamente”, mas o Novo Testamento estabelece a idéia dos “sacrifícios diários” em contraste com O ÚNICO sacrifício de Cristo. Não era para ele ser oferecido frequentemente, pois “como aos homens está ordenado morrerem uma só vez assim também Cristo, tendo-se oferecido UMA SÓ VEZ para levar os pecados de muitos” (Heb. 9:25-28). Em vista disto, aqueles que acreditam Que o sacrifício da cruz deveria ser continuamente renovado na Missa, em um certo sentido “de novo estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus, e expondo-o à ignomínia!” (Heb. 6:6).



Ostensório

Após o pão ter sido mudado em "Cristo" pelo sacerdote, ele é colocado em um ostensório no centro de um desenho do sol brilhando. Diante do ostensório os católicos se ajoelharão e adorarão o pequeno biscoito como se fosse Deus! Esta prática, em nossa opinião, é semelhante às práticas das tribos pagãs que adoram fetiches. É isto escriturístico? Observe o que diz a *The Catholic Encyclopedia*: "Na ausência de prova escriturística, a Igreja acha uma garantia e uma propriedade, prestar Divina adoração ao Santíssimo Sacramento o que é a mais antiga e constante tradição..."⁹

Este raciocínio trás à mente as palavras de Jesus, "invalidando a palavra de Deus por vossa própria tradição" (Marcos 7:13).

O fato de adotar a Idéia que os elementos da Ceia do Senhor transformam-se na carne e sangue literais de Cristo não ficou sem seus problemas. Tertuliano diz que os sacerdotes tinham muito cuidado para que nenhuma migalha caísse no chão - para que o corpo de Jesus não fosse machucado! Acreditava que até mesmo uma migalha continha o corpo completo de Jesus. Na Idade Média, houve séria discussão sobre o que deveria ser feito se uma pessoa, após receber a comunhão, vomitasse, ou se um cachorro ou rato tivesse a oportunidade de comer o Corpo de Deus! No Concílio de Constança, foi discutido se algum homem tivesse derramado um pouco do sangue de Cristo em sua barba, se a barba deveria ser queimada, ou se a barba e o homem deveriam ser queimados. Acredita-se por todo lado que numerosas doutrinas estranhas acompanhavam a idéia da transubstanciação.

Na igreja do Novo Testamento é evidente que os cristãos participavam de ambos os elementos, o pão e o vinho, como símbolos da morte de Cristo (1 Cor. 11:23). Isto a *The Catholic Encyclopedia* admite, "Deve ser afirmado como um fato geral, que até o século doze, no Ocidente com o também no Oriente, a Comunhão pública nas igrejas era ordinariamente administrada e recebida sob ambos os tipos" um fato "claramente fora de cogitações."¹⁰ Mas, depois de todos estes séculos, a Igreja Católica Romana começou a negar o cálice ao povo, servindo-lhes somente o pão, enquanto só o sacerdote tomava o vinho. Um argumento era que alguém podia derramar o sangue de Cristo. Mas, não era possível que os discípulos primitivos deixassem salpicar um pouco do conteúdo do cálice? Cristo não negou o cálice a eles nesta base! Servir somente metade, do que Jesus havia instituído exigia certas "explicações" Foi explicado que "a comunhão sob um elemento", como era chamada, era tão válida como tomando ambos. As pessoas não seriam privadas de uma "graça necessária à salvação" e que "Cristo está realmente presente e é recebido pleno e inteiro, corpo e sangue, alma e Divindade, sob qualquer um dos elementos isolados.

A santa mãe Igreja..tem aprovado o costume de comunicar sob um elemento,..A comunhão sob ambos os elementos não apenas deixa de ser obrigatória aos fiéis, como o cálice é estritamente proibido pela lei eclesiástica a qualquer um, a não ser o sacerdote celebrante"!11 Depois de muitos séculos, esta lei não tem sido relaxada. Alguns católicos tem permissão de participar tanto do pão, como do cálice, mas os costumes variam de lugar para lugar.

A idéia da transubstanciação começou com Cristo? O historiador Durant nos diz que a crença na transubstanciação conforme é praticada na Igreja Católica Romana é "uma das mais antigas cerimônias da religião primitiva."12 No erudito trabalho "Enciclopédia de Religião e Ética" de Hastings, muitas páginas são devotadas a um artigo "Comendo o deus." Nessas páginas é dada evidência abundante aos rituais de transubstanciação entre muitas nações, tribos, e religiões. Tais rituais eram conhecidos na Roma pagã, conforme é evidenciado da questão retórica de Cícero a respeito do milho de Ceres e do vinho de Baco. No Mitraísmo, uma sagrada refeição de pão e vinho era celebrada. "O Mitraísmo tinha uma Eucaristia, mas a idéia de um banquete sagrado é tão antiga quanto a raça humana e existia em todas as eras e entre todos os povos" diz. a *The Catholic Encyclopedia*.

No Egito era consagrado um bolo por um sacerdote e supunha-se que se transformava na carne de Osiris. Este era então comido e o vinho era tomado como parte do ritual.14 Até mesmo no México e na América Central, entre aqueles que jamais ouviram falar de Cristo, a crença em comer a carne de um deus foi encontrada. Quando os missionários católicos aportaram ali pela primeira vez, ficaram surpresos "quando testemunharam um ritual religioso que os relembra a comunhão...uma imagem feita de farinha de trigo...após a consagração pelos sacerdotes, era distribuída entre o povo que a comia...declarando que era a carne da divindade."15

Hislop sugere que a idéia de comer a carne de um deus tinha uma inferência canibalística. Desde que os sacerdotes pagãos comiam uma porção de todos os sacrifícios, em casos de sacrifícios humanos, os sacerdotes de Baal tinham que comer carne humana. Assim sendo "Cahna-Bal" que é, "sacerdote de Baal," tem fornecido a base para nossa moderna palavra "canibal".16

Durante a Missa os membros da igreja romanista de boa fé podem vir à frente e ajoelhar-se diante do sacerdote que coloca um pedaço de pão em suas bocas o qual tem se tornado um "Cristo".



Hóstia

Este pedaço de pão é chamado de “hóstia” de uma palavra latina originalmente significando “vitima” ou “sacrifício.”¹⁷ A *The Catholic Encyclopedia* diz que a hóstia “tem sido o objeto de muitos milagres” incluindo o pão ter se transformado em pedra e hóstias que tem sangrado e continuado a sangrar.¹⁸

As hóstias são feitas de forma redonda, esta forma sendo primeiramente mencionada por são Epifânio no quarto século.¹⁹ (A ilustração mostra a maneira, como a “hóstia” aparece em um dicionário pictórico católico.) Mas, quando Jesus instituiu a ceia memorial, ele simplesmente tomou o pão e partiu-o. Pão não se parte em pedaços redondos!

Partir o pão realmente representa o corpo de Jesus que foi partido por nós pelas batidas cruéis e pisaduras, Mas este simbolismo não é feito servindo um biscoito redondo e inteiro em forma de disco.



Imagem Egípcia do Sol

Se o uso de uma bolacha redonda está sem base escriturística, é possível que estejamos enfrentando outro exemplo de influência pagã? Hislop diz, "A bolacha "redonda", cuja "redondeza" é tão importante elemento no mistério romanista, é somente outro símbolo de Baal, ou o Sol."²⁰ Sabemos que bolos redondos foram usados nos antigos mistérios do Egito. "O bolo fino, redondo ocorre em todos os altares."²¹ Na religião dos mistérios do Mitraísmo, os mais altos iniciados do sistema recebiam um pequeno bolo redondo ou bolacha de pão asmo que simbolizava o disco solar,²² como o simbolizava também sua tonsura redonda.

Em 1854 um antigo templo foi descoberto no Egito com inscrições que mostram pequenos bolos redondos em um altar. Acima do altar está uma grande imagem do sol.²³ Um símbolo semelhante do sol foi usado acima do altar de um templo perto da cidade de Eabain, no alto Egito, onde existe uma representação do sol, diante da qual dois sacerdotes são mostrados adorando. (Veja a ilustração.)



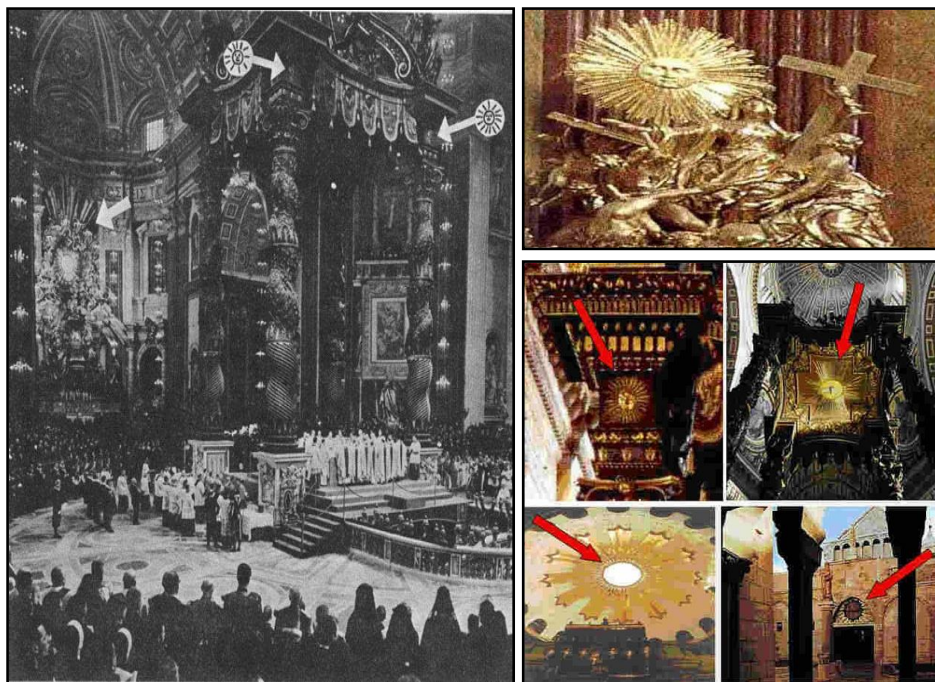
Adoração do sol no Peru



**Gravura em madeira de Haggadah {1867}
Mostrando Antiga Idolatria Judaica**

Este uso da imagem do sol acima do "altar" não eslava limitado ao Egito. Mesmo no distante Peru, esta mesma imagem era conhecida e adorada.²⁴ Se houver qualquer dúvida de que a forma da hóstia foi influenciada pela adoração do sol, é só comparar a imagem do sol diante da qual os pagãos se curvavam, com a imagem do sol no ostensório – no qual a hóstia é colocada como um "sol" e diante da qual os católicos se curvam – e uma estreita semelhança será vista imediatamente.

Mesmo entre os israelitas, quando caíram e passaram a adorar a Baal, as imagens do sol foram colocadas acima de seus altares! Mas, durante o reinado de Josias, estas imagens foram quebradas: "E derribaram perante ele os altares de Baalim; e cortou as imagens do sol, que estavam acima deles" (II Cron. 34:4). Uma velha gravura em madeira ilustra algumas das estranhas imagens que eles adoravam, incluindo as duas imagens do sol no topo das colunas



Interior da Basílica de São Pedro mostrando imagens do sol

A fotografia que mostramos na página seguinte apresenta o altar de São Pedro, na basílica do mesmo nome, e o baldaquino, com um grande dossel sustentado por quatro colunas — de trinta metros de altura — espiraladas e levemente cobertas por ramos. No topo das colunas — “no alto” do mais importante altar do Catolicismo — estão imagens do sol como aqueles que eram usadas na adoração pagã. Bem alto na parede, uma fotografia também mostra, está uma imagem de ouro bem elaborada, bem grande, a qual na entrada da igreja também aparece acima do altar da Igreja de Gesu, em Roma, e centenas de outras. (A Ilustração na página 132).

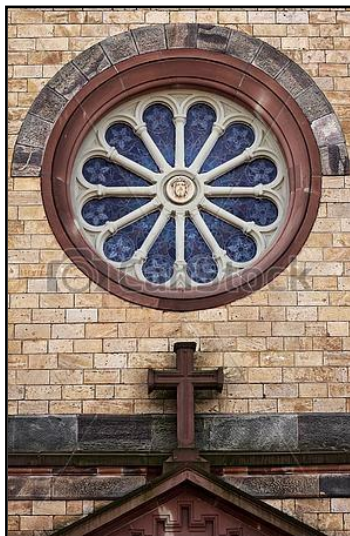
Interessantemente o bastante o grande templo de Babilônia também tinha uma imagem do sol! feita de ouro.²⁵

Algumas vezes a imagem circular da sol é uma janela de vidro de cores atrás do altar, ou, como é muito comum acima da entrada das igrejas. Algumas destas janelas circulares centrais são altamente decoradas. Algumas são rodeadas de raios de sol!. Na Babilônia havia templos com imagens do deus sol para oihar rara o sol nascente colocado acima das entradas.²⁶ Um templo auligo babilônico construido pelo rei Gudea mostrava tal símbolo do deus sol sobre a entrada.²⁷



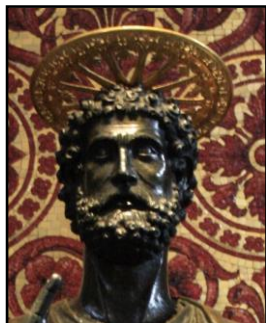
Interior da Igreja de Gesù, em Roma.

Era costume dos egípcios colocar um disco solar (algumas vezes com asas ou outros símbolos) sobre a entrada de seus templos – para honrar o deus sol e expulsar os maus espíritos. Não estamos sugerindo, é claro, que os desenhos circulares em uso hoje trazem o significado que tiveram uma vez para aqueles que iam aos templos pagãos. Não obstante, a semelhança parece significativa.



Espelho circular de Vidro

A janela circular que tem sido tão comumente usada acima das entradas das igrejas é algo chamado de janela de "roda". O desenho de roda, como a roda de uma carruagem, acreditavam alguns dos antigos também ser um símbolo do sol. Eles pensavam no sol como sendo uma grande carruagem dirigida pelo deus sol que fazia sua viagem através dos céus cada dia e passava através do mundo inferior à noite.



Quando os israelitas se misturaram com a religião de Baal, eles tiveram "carruagens do sol" – carruagens dedicadas ao deus sol (II Reis 23:4'H). Uma imagem na forma de uma roda de carruagem está colocada sobre a famosa estátua de Pedro na catedral de mesmo nome. Uma tabuinha agora no Museu Britânico mostra um dos reis babilônicos restaurando um símbolo do deus sol no templo de Bel.



O símbolo é uma cruz de oito pontas, como uma roda raiada. Um desenho semelhante marca a calçada do pátio circular diante da Basilica de São Pedro. (Veja a Página 43).



Cena de Monumento Assírio

As figuras romanistas de Maria e dos santos sempre tem um disco circular ao redor da cabeça. A tonsura romana é redonda. Imagens redondas são vistas acima dos altares e entradas. O ostensório no qual a hóstia redonda é colocada, sempre mostra um desenho do sol soltando raios. Todos estes usos dos símbolos do sol podem parecer bastante insignificantes. Mas, quando a figura completa é vista, cada uma fornece uma pista para ajudar a resolver o mistério da moderna Babilônia.

As bolachas redondas da Missa são sempre desenhadas como círculos marcados por cruzes. Não podemos deixar de notar como estes desenhos são semelhantes àqueles que estão nas bolachas redondas vistas no desenho de um monumento assírio que temos reproduzido abaixo.

Nesta cena, um homem está se prostrando diante de um rei-sacerdote e ao lado de uma imagem do sol. O segundo homem da direita está trazendo uma oferta de bolachas redondas marcadas com cruzes!

Quando Jesus instituiu a ceia memorial, ela foi à noite! Não foi na hora do café, ou na hora do almoço. Os primeiros cristãos participavam da ceia do Senhor à noite, seguindo o exemplo de Cristo e os tipos do Velho Testamento. Porém, mais tarde a ceia do Senhor veio a ser observada pela manhã.²⁸ Até que extensão isto foi influenciado pelo Mitraísmo, não podemos dizer. Sabemos com certeza que os rituais do Mitraísmo eram observados pela manhã bem cedo, sendo associados com o sol, com a aurora. Seja por qual razão for, isto agora é um costume comum tanto entre os católicos, como entre os protestantes tomar a "Ceia" do Senhor pela manhã.

Um fator que pode ter encorajado a Missa pela manhã dentro da Igreja Católica foi a idéia que uma pessoa deveria estar jejuando antes de receber a comunhão. Obviamente cedo pela manhã era um tempo mais fácil para atender a esta exigência! Mas exigir tal jejum é algo que não pode estar solidamente edificado nas Escrituras, pois Jesus havia comido há pouco, quando instituiu a ceia memorial! Por outro lado, aqueles que buscavam a iniciação nos mistérios Eleusianos primeiro eram questionados: "Está em jejum?" Se sua resposta fosse negativa, a iniciação era negada.²⁹ O jejum, em si mesmo, é claro que é uma doutrina bíblica. Mas, o verdadeiro jejum deve vir do coração e não meramente por causa de uma regra feita pelo homem. É claro que Deus diz, "Quando jejuarem, não ouvirei o seu clamor" (Jeremias 14:12). Os fariseus eram estritos a respeito do jejum em certos dias, mas negligenciavam as coisas de maior peso da lei (Mat. 6:16). Paulo advertiu a respeito de certos mandamentos como "abstinência de alimentos" como sendo uma marca de apostasia (1 Tim. 4:3).

Comentando sobre a Missa e seu elaborado ritualismo, o livro "O Romanismo e o Evangelho" diz: "É um espetáculo de fantasiosa magnificência - luzes, cores, vestimentas, músicas, incenso, e o que tem um estranho efeito psicológico, um número de oficiantes isolados, fazendo um ritual estático, completamente independentes dos adoradores. Estes são na verdade espectadores, não participantes, espectadores como aqueles que estavam presentes em representações dos antigos cultos de mistérios."³⁰ Um notável trabalho do Catolicismo resume o desempenho mecânico realizado pelo padre durante a Missa, assim: "Ele faz o sinal da cruz 16 vezes; levanta os olhos para os céus 11 vezes; bate no peito 10 vezes; inclina a cabeça 21 vezes; abençoa o altar com o sinal da cruz 30 vezes; coloca as mãos espalmadas sobre o altar 29 vezes; reza secretamente 11 vezes; reza alto 13 vezes; toma o pão e o vinho e o transforma no corpo e no sangue de Cristo; cobre e descobre o cálice dez vezes; vai para a frente e para trás 20 vezes."³¹

E em acréscimo a este complicado ritualismo está o uso de vertidos muito coloridos, velas, campainhas, incenso, música e o espetacular aparato pelo qual o romanismo é conhecido. Que contraste com a simples ceia memorial instituída por Cristo!

Três Dias E Três Noites

A. MAIORIA DE NÓS tem entendido que Jesus morreu na "Sexta-Feira Santa" e ressuscitou dos mortos no domingo de "Páscoa" pela manhã. Desde que Jesus disse que ressuscitaria "ao terceiro dia", alguns contam parte da Sexta-Feira como um dia, Sábado como o segundo, e parte do Domingo como a terceiro. É apontado que algumas vezes uma expressão como o "terceiro dia" pode incluir apenas partes de dias, uma parte de um dia sendo contada como um todo. A *Jewish Encyclopedia* diz que o dia de um funeral, muito embora o funeral possa acontecer de tarde, é contado como o primeiro dia dos sete em que se faz a lamentação.¹ Outros exemplos de parte de um dia sendo contado por um dia inteiro, como eles eram, encontram-se na Bíblia também, como na seguinte afirmação de Jesus: "Eis que vou expulsando demônios e fazendo curas, hoje e amanhã, e no terceiro dia serei consumado. Importa, contudo, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte; porque não convém que morra um profeta fora de Jerusalém" (Lc. 13:32,33). Neste caso, "o terceiro dia" significaria o mesmo que "no dia seguinte" (amanhã) três dias, muito embora somente partes daqueles dias estejam envolvidas. Muitos acham que isto explica o elemento de tempo entre o sepultamento e a ressurreição de Cristo.

Existem outros cristãos, contudo, que não estão totalmente satisfeitos com esta explicação. Jesus frequentemente disse que se levantaria ao "terceiro dia" (Mt. 16:21; Mc. 10:34). Mas ele também falou deste período de tempo e deu-o como um sinal específico de sua messianidade como sendo três dias e três noites. "Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia", ele disse, "assim também o filho do homem estará TRÊS DIAS E TRÊS NOITES no coração da terra" (Mat. 12:33-40).

Que a expressão "o terceiro dia" pode, escriturísticamente incluir três dias e três noites pode ser visto em Gênesis 1:4-13: "Deus separou a luz das trevas.

E Deus chamou à luz dia, e às trevas chamou noite. E foi a tarde (treva) e a manhã (luz), O PRIMEIRO DIA...e a tarde (treva) e a manhã (luz) o SEGUNDO DIA...e a tarde (agora três períodos de noite) e a manhã (agora três períodos de luz) O TERCEIRO DIA." Isto fornece um exemplo de como o termo "o terceiro dia" pode ser contado e mostra como pode ser incluídos três dias e três noites.

Enquanto há muito temos favorecido o ponto de vista que aqui apresentaremos que permite três dias e noites completos gostaríamos de logo indicar que, como cristãos, o Fato que cremos que Jesus viveu, morreu e ressuscitou é infinitamente mais importante do que alguma explicação que possamos oferecer com relação ao elemento de tempo de seu sepultamento.

Desde que há doze horas em um dia e doze horas em uma noite (João 11:9,10), se figurarmos "três dias e três noites" completos, isto seria igual a 72 horas. Mas o elemento de tempo foi exatamente 72 horas? Jesus era para estar na sepultura por "três dias e três noites" ressuscitar "após três-dias" (Mc.-8:31). Não vemos qualquer razão para figurar isto com menos de 72 horas. Por outro lado, se ele estava para ser ressuscitado dentre os mortos "em três dias" (João 2:19), isto não poderia ser mais do que 72 horas. Para harmonizar estas várias afirmações, não parece sem razão entender que o período de tempo foi exatamente 72 horas. Afinal de contas, Deus é um Deus de EXATIDÃO. Ele faz tudo corretamente dentro do prazo. Nada com Ele é acidental.

Foi "na plenitude do tempo" — nem um ano adiantado demais, ou um ano atrasado demais — "Deus enviou seu Filho" (Gál. 4:4). O tempo para sua unção foi preordenado e falado pelo profeta Daniel, como foi também o tempo quando ele seria "cortado" pelos pecados do povo. Aqueles que tentaram matá-lo antes disto, falharam pois seu "tempo" não havia vindo ainda (João 7:8). E não somente o ano e o tempo de sua morte, mas a própria hora era uma parte do plano divino. "Pai", Jesus orou, "é chegada a hora.." (João 17:1).

Uma vez que houve uma hora exata para ele nascer, uma hora exata para sua unção, uma hora exata para seu ministério começar, uma hora exata para sua morte, não temos qualquer problema em crer que houve também período de tempo exato entre seu sepultamento e sua ressurreição — 72 horas exatamente. Se isso é verdade; então a ressurreição aconteceu ao mesmo tempo do dia que Jesus foi sepultado — somente três dias depois. Que hora do dia foi esta?

Jesus morreu um pouco depois da "hora nona" ou três da tarde (Mateus 27:46-50). "Os judeus, porque era a preparação, para que os corpos não permanecessem sobre a cruz no dia de sábado (pois aquele dia de sábado era grande), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados da li... mas vindo a Jesus, e vendo que já estava morto" (João 19:31-33). Por este tempo, "ao cair da tarde" (Mc. 15:42), já era bastante avançada a hora. A lei dizia; "O seu cadáver não permanecerá toda a noite no madeiro, mas certamente o entererrarás no mesmo dia" {Deut. 21:23}. No tempo que restou naquele dia, antes do pôr do sol, antes do grande dia de sábado começar, José de Arimatéia obteve permissão para remover o corpo. Ele e Nicodemos prepararam o corpo para o sepultamento com roupas de linho e especiarias, e colocaram-no em um túmulo ali perto (João 19:38-42) - tudo isto sendo completado aí pelo pôr do sol.

Se a ressurreição aconteceu ao mesmo tempo do dia de quando Jesus foi sepultado - somente três dias depois - isto colocaria a ressurreição perto do pôr do sol, não ao nascer do sol, como comumente se entende que foi. Uma ressurreição ao nascer do sol exigiria uma noite extra - três dias Quatro noites, Este não foi o caso, é claro. Aqueles que vieram ao sepulcro ao nascer do sol, em lugar de testemunhar a ressurreição naquela hora exata, descobriram que o túmulo já estava vazio (Mc. 16:2.). A narrativa de João nos conta que Maria Madalena veio ao túmulo quando "ainda era ESCURO" no primeiro dia da semana e Jesus NÃO estava lá (João 20:1,2.).

Os escritores falam de várias diferentes visitas feitas pelos discípulos ao sepulcro naquele primeiro dia da semana. Em TODAS as ocasiões, eles encontraram o sepulcro VAZIO! Um anjo disse "Ele não está aqui: ressuscitou como havia dito" (Mat, 28:6), O primeiro dia da semana foi quando os discípulos descobriram que ele havia ressuscitado (Lucas 24:1,2,etc.), mas em nenhum lugar a Bíblia diz realmente que foi esta a hora da ressurreição.

O único versículo que parece ensinar uma ressurreição no Domingo de manhã é Marcos 16:9. "Ora, havendo Jesus ressurgido cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena..." Mas este versículo não diz que cedo no primeiro dia Jesus estava "ressuscitando" ou "ressuscitou" naquela hora. Diz que quando veio o primeiro dia da semana, ele "ESTAVA RESSUSCITADO" o verbo no tempo perfeito.

Desde que não havia quaisquer sinais de pontuação nos manuscritos gregos dos quais nosso Novo Testamento foi traduzido, a frase "cedo no primeiro dia da semana" poderia tão corretamente e alguns acham que até mais corretamente - estar ligada com o tempo que Jesus apareceu a Maria. Simplesmente colocando a vírgula após a palavra "ressuscitado" este versículo poderia ser:

"Agora, quando Jesus estava ressuscitado, cedo no primeiro dia da semana ele apareceu primeiro a Maria Madalena" Este parece ser o significado original pretendido, pois os versículos que se seguem mostram que Marcos estava registrando as várias aparições que Jesus fez, não explicando em que dia a ressurreição aconteceu.

Quando o domingo de manhã veio, Jesus já havia ressuscitado, tendo a ressurreição acontecido um pouco antes do pôr do sol do dia anterior. Contando para trás três dias, isto nos levaria para a Quarta-Feira. Isto contaria três dias e três noites entre o sepultamento e a ressurreição de Cristo? Sim. Quarta-Feira à noite, Quinta-Feira à Noite e Sexta-Feira à Noite – três noites; também Quinta-Feira, Sexta-Feira, e Sábado – três dias. Isto faria um total de exatamente três dias e três noites ou 72 horas. Um dia após a Quarta-Feira seria Quinta-Feira, dois dias após a Quarta-Feira seria Sexta-Feira, e "terceiro dia" após a Quarta-Feira seria Sábado.

As palavras dos dois discípulos no caminho de Emaús são um pouco difíceis. "Ora, nós esperávamos que fosse-ele quem havia de remir Israel; e, além de tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram" (Lc. 24:21). Porque Jesus apareceu a estes discípulos no primeiro dia da semana (versículo 13), e este era "o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram", isto não indicaria que Jesus morrera na Sexta-Feira? Depende de como contarmos. Se partes de um dia forem contados como um todo, a Sexta-Feira poderia entrar em cogitação. Por outro lado, um dia "desde" a Sexta-Feira seria Domingo, e o terceiro dia desde a Sexta-Feira, teria sido a Segunda-Feira! Este método de contar não indicaria a Sexta-Feira.

Procurando oferecer uma explicação, submeto o seguinte; Eles haviam conversado a respeito de "tudo aquilo que havia sucedido" (versículo 14) – mais do que simplesmente um acontecimento, Se "estas coisas" incluíam a prisão, a crucificação, o sepultamento, e a colocação do selo e a guarda sobre o sepulcro, todas estas coisas não foram feitas até a Quinta-Feira. Jesus, temos observado, foi crucificado na "preparação" (Quarta-Feira). "No dia seguinte (Quinta-Feira) que seguia-se ao dia da preparação, os sacerdotes principais? os fariseus vieram juntos a Pilatos, dizendo, "Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, quando ainda vivo, afirmou: Depois de três dias ressurgirei. Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até o terceiro dia; para não suceder que vindo os discípulos, o furem" (Mat. 27:62-66).

Por esta razão o sepulcro estava, selado e guardado. "Estas coisas" não foram completamente terminadas – não foram "feitas" – até que o sepulcro fosse selado e guardado.

Isto aconteceu, como já temos visto, na Quinta-Feira daquela semana, o grande dia. Domingo, então, teria sido "o terceiro dia desde que estas coisas foram feitas", mas não o terceiro dia desde a crucificação.

Desde que Jesus foi crucificado no dia antes do "sabbath", podemos entender porque alguns tem pensado na Sexta-Feira como o dia da crucificação. Mas o "sabbath" que seguiu-se à sua morte não foi o "sabbath" semanal, mas um "sabbath" anual – "pois era grande o dia daquele sábado" (João 19:14,31). Este "sabbath" poderia cair em qualquer dia da semana e naquele ano veio aparentemente na Quinta-Feira. Ele foi crucificado e sepultado no dia da preparação (Quarta-Feira), o dia seguinte foi o grande dia do sábado (Quinta-Feira). Entendendo que houve naquela semana dois "sabbaths" ou sábados, fica explicado como Cristo poderia ser crucificado no dia antes do sábado e já estava ressuscitado do sepulcro quando o dia depois do sábado veio – ainda assim cumprindo seu sinal de três dias e três noites.

Uma cuidadosa comparação de Marcos 16:1 com Lucas 23:56 fornece posterior evidência que houve dois sábados naquela semana – com um dia comum entre os dois. Marcos 16:1 diz: "E quando passou o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-Lo." Este versículo afirma que foi após o sábado quando estas mulheres compraram suas especiarias. Lucas 23:56, contudo, afirma que elas prepararam as especiarias e depois de prepará-las, descansaram no sábado: "Então voltaram e prepararam especiarias e unguentos. E no sábado repousaram, conforme o mandamento. Um versículo diz que foi depois do sábado que as mulheres compraram as especiarias; o outro versículo diz que elas prepararam as especiarias antes do sábado. Uma vez que não podiam preparar as especiarias até primeiro as terem comprado, a evidência de dois sábados diferentes naquela semana parece conclusiva.

Escrevendo na revista *Eternity*, seu editor, Donald Grey Barnhouse, afirmou: "Eu pessoalmente tenho sempre sustentado que houve dois Sabbaths na última semana de nosso Senhor – o Sabbath do Sábado e o Sabbath da Páscoa, sendo este último na Quinta-Feira. Eles se apressaram para tirar seu corpo após uma crucificação na Quarta-Feira e ele esteve três dias e três noites (pelo menos 72 horas) no sepulcro" Ele cita evidência dos Pergaminhos do Mar Morto que colocaria a Última Ceia na Terça-Feira. Nem toda a tradição tem favorecido uma crucificação na Sexta-Feira. Ele cita de um jornal Católico Romano publicado na França que "uma antiga tradição cristã, atestada pelo "Didascalia Apostolorum" como também por Epifânio e Vitorino de Pettau (morto em 304) dá a tarde da Terça-Feira como a data da Última Ceia e prescreve um jejum para a Quarta-Feira para comemorar a captura de Cristo."²

Embora defendendo fortemente a crucificação na Sexta-Feira, a *The Catholic Encyclopedia* diz: que nem todos os eruditos tem acreditado desta maneira. Epifânio, Lactâncio, Wescott, Cassiodoro e Gregório de Tours são mencionados como rejeitando a Sexta-Feira como o dia da crucificação.³

Em seu livro *Perguntas da Bíblia Respondidas*, W.L. Pettingill, dá esta questão e responde: "Em que dia da semana foi nosso Senhor crucificado? Para nós é perfeitamente óbvio que a crucificação foi na Quarta-Feira."⁴ A *The Companion Bible*, publicada pela Oxford University Press, em seu Apêndice 156 explica que Cristo foi crucificado na Quarta-Feira.

Em sua *Bíblia Anotada e Com Referências de Dake*, Finis Dake tem dito a respeito de Mateus 12:40: "Cristo estava morto durante três dias e três noites completos. Ele foi colocado na sepultura na Quarta-Feira, um pouco antes do pôr do sol e ressuscitou ao fim do Sábado, ao pôr do sol. ...Nenhuma afirmação diz que Ele foi sepultado-na Sexta-Feira ao pôr do sol. Isto o deixaria no sepulcro somente um dia e uma noite, provando que suas próprias palavras não eram verdadeiras."⁵

As referências dadas aqui citadas de vários ministros são de especial significado, uma vez que esta crença não era a posição geralmente aceita por várias organizações eclesiais com as quais eles estiveram afiliados. Em tais casos, homens falaram de suas convicções, não somente de suas conveniências. "Tal foi o caso de R.A. Torrey, notável evangelista e deão de instituto bíblico, cujas palavras (escritas em 1907) resumem muito bem a posição básica que temos apresentado aqui."...De acordo com a tradição comumente aceita da igreja, Jesus foi crucificado na Sexta-Feira...e ressuscitou dos mortos muito cedo na manhã do Domingo seguinte. Muitos leitores da Bíblia ficam intrigados para saber como é que o intervalo entre a Sexta-Feira de tarde e o Domingo de manhã pode ser figurado como três dias e três noites. Parece antes serem duas noites, um dia e uma porção muito pequena de outro dia.

"A solução desta aparente dificuldade proposta por muitos comentaristas é que "um dia e uma noite" é simplesmente uma outra maneira de dizer "um dia", e que os antigos judeus reconheciam uma fração de dia como um dia inteiro... Há muitas pessoas para quem esta solução não satisfaz de modo algum, e o escritor é livre em confessar que isto não o satisfaz ao todo. Isto me parece um artifício..."

"A Bíblia em nenhum lugar diz ou implica que Jesus foi crucificado e morreu na Sexta-Feira".

Diz-se que Jesus foi crucificado "no dia antes do Sabbath"... Agora a Bíbha não nos deixa especular em relação a que sábado se refere nesta ocasião... não foi o dia antes do sábado semanal (ou seja, Sexta-Feira), mas foi no dia antes do sábado Pascal, que veio este ano na Quinta-Feira – ou seja, o dia em que Jesus Cristo foi crucificado foi a Quarta-Feira. João deixa isto tão claro como o dia.

"Jesus foi sepultado um pouco antes do pôr do sol da Quarta-Feira. Setenta e duas horas depois... ele ressuscitou do túmulo. Quando as mulheres visitaram o sepulcro um pouco antes da aurora, de madrugada, elas encontraram o sepulcro já vazio.

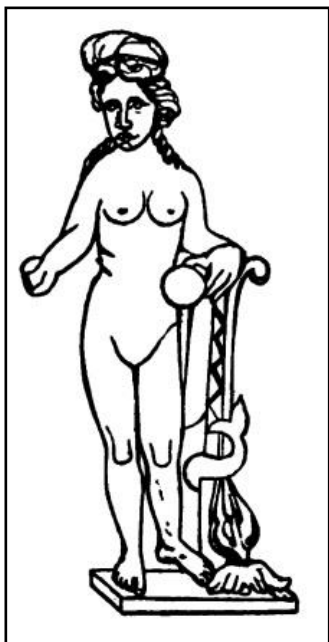
"Não existe absolutamente nada em favor da crucificação na Sexta-Feira, mas tudo nas Escrituras está perfeitamente harmonizado pela crucificação na Quarta-Feira. É notável quantas passagens proféticas e típicas do Velho Testamento são cumpridas e quantas aparentes discrepâncias nas narrativas do evangelho são acertadas quando de uma vez para sempre viemos a entender que Jesus morreu na Quarta-Feira, e não na Sexta-Feira."⁶

Peixe, Sexta-Feira E O Festival Da Primavera

TEMOS VISTO PELAS Escrituras certas razões para questionar a Sexta-Feira como o dia no qual Cristo foi crucificado: Ainda assim, cada Sexta-Feira muitos católicos se abstém de carne - substituindo-a por peixe -supostamente relembrando a crucificação da Sexta-Feira. Os católicos romanos nos Estados Unidos não são mais exigidos por sua igreja de abster-se de carne às sextas-feiras (como antigamente) - exceto durante a Páscoa - muito obstande muitos ainda seguem o costume de peixe na sexta-feira.

Certamente as Escrituras jamais associam peixe com Sexta-Feira. Por outro lado, a palavra "Sexta-Feira" vem do nome de "Freya", que era vista como a deusa da paz, da alegria, e da FERTILIDADE, o símbolo de sua fertilidade sendo o PEIXE. Desde tempos imemoriais o peixe foi um símbolo de fertilidade entre os chineses, os assírios, os fenícios, os babilônios, e outros.¹ A palavra "peixe" vem de dag que implica aumento ou fertilidade,² e com boa razão. Um simples bacalhau anualmente põe acima de 9.000.000 de ovos; um linguado, 1.000.000; o esturjão 700.000; a perca 400,000; a cavala, 500.000; o arenque, 10.000, etc.

A deusa da fertilidade sexual entre os romanos era chamada do Vênus. É de seu nome que nossa palavra "venérea" (como em doença venérea), veio. A sexta-feira era vista como seu dia sagrado porque cria-se que o planeta Vênus regia a primeira hora da sexta-feira e assim era chamado "dies Veneris".³ E para fazer com que o significado fique completo - o peixe era também visto como sagrado para ela.⁴ A ilustração que acompanha, conforme é vista no livro *Antigo Simbolismo Pagão e Moderno Simbolismo Cristão* mostra a deusa Vênus com seu símbolo, o peixe.⁵



*Vênus com o
símbolo do peixe*



Ísis e Hórus

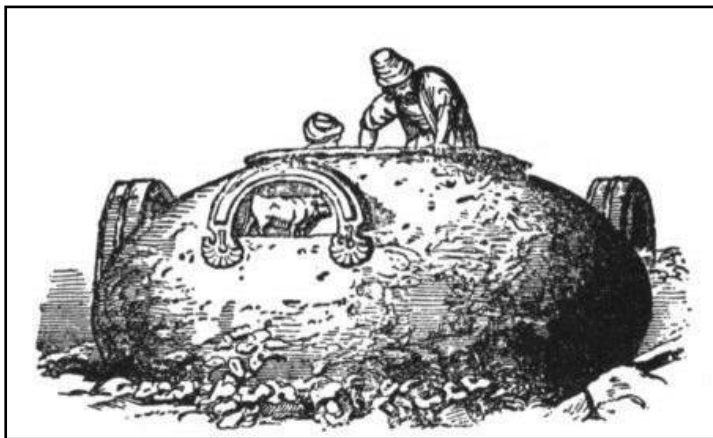
O peixe era visto como sagrado para Astarote, sob cujo nome os israelitas adoravam a deusa pagã. No antigo Egito, Ísis era algumas vezes representada com um peixe na cabeça, conforme é visto na ilustração que acompanha. Considerando que a sexta-feira era chamada por causa da deusa da fertilidade sexual, sendo a sexta-feira seu símbolo sagrado, e o peixe seu símbolo, parece mais do que uma coincidência que os católicos tenham aprendido que a sexta-feira é um dia de abstinência de carne, um dia para comer peixe!⁶

Já observamos porque alguns cristãos tem rejeitado a sexta-feira como o dia da crucificação e a manhã do domingo de Páscoa como a hora da ressurreição. De onde, então, veio a observância da Páscoa? Os cristãos primitivos pintavam ovos de Páscoa? Pedro ou Paulo por acaso dirigiram algum culto da alvorada da Páscoa? As respostas são, é claro, óbvias.

A palavra "Easter" (Em Inglês-NT) aparece somente na Bíblia King James: "...querendo apresentá-lo ao povo depois da páscoa." (Atos 12:4). A palavra traduzida "Páscoa" aqui é pascha que é - como TODOS os eruditos o sabem - a palavra grega para páscoa e não tem qualquer conexão com a palavra inglesa "Easter." É bem conhecido que "Easter" não é uma expressão cristã - não em seu significado original. A palavra vem do nome de uma deusa pagã - a deusa da luz do dia e da Primavera.

"Easter" não é senão uma forma mais moderna de Eostre, Ostera, Astarte, ou Ishtar, a última, de acordo com Hislop, sendo pronunciada como pronunciamos "Easter" hoje.⁷

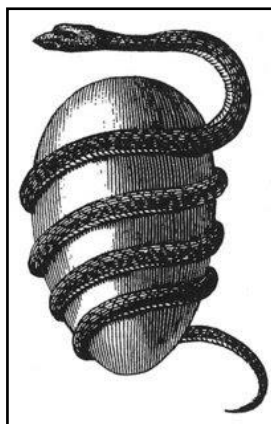
Como a palavra "Easter", muitos de nossos costumes nessa estação tem seus princípios entre religiões não cristãs.



Ovos de Páscoa, por exemplo, são coloridos, escondidos, caçados, e comidos - um costume feito inocentemente hoje e sempre ligado com um tempo de graça e alegria para crianças. Mas, este costume não se originou no cristianismo. O ovo era, contudo, um símbolo sagrado entre os babilônios que acreditavam em uma antiga fábula a respeito de um ovo de tamanho enorme que caiu do céu no rio Eufrates. Deste ovo maravilhoso - de acordo com o mito antigo - a deusa Astarte (Easter) foi chocada. O ovo veio a simbolizar a deusa Easter.⁸

Os antigos druídas levavam um ovo como o emblema sagrado de sua ordem idólatra.⁹ A procissão de Ceres em Roma era precedida por um ovo.¹⁰ Nos mistérios de Baco foi consagrado um ovo. A China usava ovos tintos ou coloridos nos festivais sagrados. No Japão, um antigo costume era fazer o ovo sagrado em uma cor flamejante. Na Europa do Norte, nos tempos pagãos os ovos eram coloridos e usados como símbolos da deusa da Primavera. A ilustração dada abaixo mostra duas maneiras como os pagãos representavam seus ovos sagrados. À esquerda está o Ovo de Heliópolis; à direita, o Ovo de Tifão. "Entre os egípcios o ovo estava associado com o sol - o ovo dourado."¹¹ Seus ovos tingidos eram usados como ofertas sagradas na estação da Páscoa (Easter).¹²

Diz a *Enciclopédia Britânica*, "O ovo como um símbolo da fertilidade e da vida renovada vai até o antigo egito e os persas, que tinham o costume também de colorir e comer ovos durante seu festival da Primavera."¹³



Como, então, este costume veio a ser associado com o cristianismo? Aparentemente alguém procurou cristianizar o ovo, sugerindo que como o pinto sai do ovo, assim também Cristo saiu do túmulo. O papa Paulo V (1605-1621) até mesmo indicou uma reza nesta conexão: "Abençoa, Ó Senhor, nós te imploramos, esta tua criatura de ovos, para que se torne um sustento completo para teus cervos comendo-os em rememoração de nosso Senhor Jesus Cristo."¹⁴

As seguintes citações da *The Catholic Encyclopedia* são significativas. "Desde que o uso de ovos foi proibido durante a Páscoa, eles foram trazidos para a mesa do Dia da Páscoa (Easter), colorido em vermelho para simbolizar a alegria da Páscoa... O costume pode ter sua origem no paganismo, pois muitos costumes pagãos celebrando o retorno da Primavera, gravitavam na Páscoa (Easter)"! Tal foi o caso com um costume que foi popular na Europa, "O Fogo da Páscoa é aceso no topo de montanhas de fogo novo, aceso na madeira através de fricção; este é um costume de origem pagã em voga em toda a Europa, significando a vitória da Primavera sobre o Inverno. Os bispos emitiram severos editos contra os sacrílegos fogos da Páscoa (Easter), mas não tiveram sucesso em aboli-los em toda parte?" Assim, o que aconteceu? Observe isto cuidadosamente! "A igreja adotou a observância nas cerimônias de Páscoa, referindo-se à coluna de fogo no deserto e à ressurreição de Cristo"! Os costumes pagãos eram misturados com a igreja romanista, recebendo a aparência de cristianismo? Não é necessário tomar minha palavra para isto. Em numerosos lugares a *Enciclopédia Católica* fala diretamente sobre isto. Finalmente, uma citação mais refere-se ao Coelho de Páscoa: "O coelho é um símbolo pagão e tem sempre sido um símbolo de fertilidade"¹⁵ "Como o ovo de Páscoa, o coelho de Páscoa" diz a *Enciclopédia Britânica* "veio para o cristianismo desde a antiguidade.

O coelho é associado com a lua nas lendas do antigo Egito e outros povos...Através do fato que a palavra egípcia para coelho, Um significa "aberto" e "período", o coelho veio a ser associado com a idéia de periodicidade, tanto lunar como humana, e com o princípio da nova vida tanto no jovem como na jovem, e assim sendo é um símbolo de fertilidade e de renovação da vida. Como tal o coelho ficou ligado aos ovos de Páscoa!" Assim, tanto o coelho da Páscoa como os ovos de Páscoa eram símbolos de significado sexual, símbolos de fertilidade.

Na estação de Páscoa não é incomum para os cristãos irem a cultos ao nascer do sol. Acredita-se que isto honra a Cristo, por que de ressuscitou dos mortos no domingo de páscoa pela manhã, bem na hora em que o sol estava surgindo. Mas, a ressurreição não ocorreu verdadeiramente ao nascer do sol, pois era ainda ESCURO quando Maria Madalena veio ao sepulcro e ele já estava vazio! Por outro lado, houve um tipo de culto do nascer do sol que era uma parte do antigo culto ao sol. Não queremos implicar, é claro, que os cristãos hoje adoram o sol em seus cultos de Páscoa ao nascer do sol, Nem dizemos que aqueles que se inclinam diante do ostensório com a imagem do sol, com sua hóstia redonda, na forma do sol, estão realmente adorando o sol, Mas tais práticas, sem exemplo escriturístico, indicam verdadeiramente que tem havido misturas.

No tempo de Ezequiel, até mesmo pessoas que haviam conhecido o verdadeiro Deus, caíram na adoração do sol e fizeram dela uma parte de seu culto. "E levou-me para o átrio interior da casa do Senhor, e eis que estavam á entrada do templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens, de costas para o templo do Senhor, e com os rostos para o ORIENTE; e eles odoravam o sol virados para o ORIENTE" (Ezequiel 8:16.) O fato que adoravam o sol voltados para o oriente mostra que era um culto de nascer do sol. O versículo seguinte diz: "...e ei-los a chegar o ramo ao seu nariz" Fausset diz que isto "refere-se ao uso idólatra de segurar um galho de tamarisco diante do nariz no nascer do sol, enquanto cantavam hinos para o sol que nascia."¹⁶

Era também na direção do Oriente que os profetas de Baal olhavam nos dias de Elias. Baal era o deus-sol, e assim deus do fogo. Quando Elias desafiou os profetas de Baal com as palavras, "O Deus que responder com FOGO, este é Deus", estava indo ao encontro do culto de Baal em seu próprio terreno. Que hora do dia foi quando esses profetas de Baal começaram a chamar por ele? Foi quando Baal o sol fez seu primeiro aparecimento sobre o horizonte no Oriente. Foi "de manhã" (I Reis 18:26), ou seja na aurora.¹⁷

Rituais conectados com o sol nascente — de uma forma ou de outra — tem sido conhecidos entre muitas nações antigas, A Esfinge no Egito estava localizada de modo a olhar para o Oriente.

Do monte Fujiama, no Japão, as rezas são feitas para o sol nascente. "Os peregrinos rezam para o sol nascente enquanto sobem os lados da montanha...algumas vezes podem ser vistas várias centenas de peregrinos shintoístas em suas roupas brancas saindo de seus claustros e unindo seus cantos para o sol nascente,"¹⁸ Os mitraístas pagãos de Roma se reuniam ao nascer do sol em honra ao deus-sol.

A deusa da Primavera, de cujo nome vem nossa palavra "Easter" (em Inglês-NT.) era associada com o nascer do sol no Oriente - até mesmo a própria palavra "Easter" parece implicar "do Oriente". Assim sendo o nascer do sol no Oriente, o nome Easter, e a estação primaveril estão todos ligados.

De acordo com as antigas lendas, após Tamuz ser morto, desceu para o mundo interior. Mas pelo choro de sua "mãe" Ishtar (Easter), ele foi misticamente revivido na Primavera." A ressurreição de Tamuz através da lamentação de Ishtar era dramaticamente representada anualmente a fim de assegurar o sucesso das colheitas e a fertilidade do povo. Cada ano homens e mulheres tinham que lamentar com Ishtar pela morte de Tamuz e celebrar o retomo do deus a afim de ganhar novamente seu favor e seus benefícios!"¹⁹ Quando a nova vegetação começava a sair, aqueles povos antigos acreditavam que seu "salvador" tinha vindo do mundo inferior, tinha terminado o Inverno, e tinha feito a Primavera começar.²⁰ Até mesmo os israelitas adotaram as doutrinas e rituais do festival anual pagão da Primavera, pois Ezequiel fala de "mulheres chorando por Tamuz" (Ezequiel 8:14).

Como cristãos acreditamos que Jesus Cristo ressurgiu dos mortos em realidade - não meramente na natureza ou na nova vegetação da Primavera. Porque sua ressurreição foi na Primavera do ano, não foi muito difícil para a igreja do quarto século (tendo já se desviado da fé original de muitas maneiras) fundir o festival pagão da Primavera com o cristianismo. Falando dessa fusão, a *Enciclopédia Britânica* diz, "O Cristianismo... incorporou em sua celebração do grande dia de festa cristão muitos dos rituais pagãos e costumes do festival da Primavera."²¹

A lenda diz Que Tamuz foi morto por um urso bravo quando estava com quarenta anos de Idade. "Hislop aponta que quarenta dias - um dia para cada ano que Tamuz viveu na terra - eram separados para chorar por Tamuz." Nos tempos antigos estes quarenta dias eram observados com lamentação, jejum e auto-flagelação - para ganhar novamente seu favor - de modo que ele viesse do mundo inferior e fizesse a Primavera começar. Esta observância não somente foi conhecida na Babilônia, mas também o foi entre os fenícios, egípcios, mexicanos e, durante algum tempo, até mesmo entre os israelitas.

"Entre os pagãos", diz Hislop, "esta Quaresma parece ter sido uma preliminar indispensável para o grande festival anual em comemoração à morte e ressurreição de Tamuz."²²

Tendo adotado outras crenças a respeito do festival da Primavera na igreja, foi apenas outro passo no desenvolvimento para também adotar o velho "jejum" que precedia o festival. A *The Catholic Encyclopedia* muito honestamente indica que "escritores no quarto século tiveram a tendência de descrever muitas práticas (ou seja, o jejum da Quaresma de quarenta dias) como da instituição Apostólica que certamente não tinha qualquer razão de ser vista assim,"²³ Não foi até o sexto século que o papa oficialmente ordenou a observância da Quaresma, chamando-a de "sagrado jejum" durante a qual as pessoas tinham que abster-se de carne e de algumas outras comidas.

Eruditos católicos sabem e reconhecem que existem costumes dentro de sua igreja que foram tomados emprestados do paganismo.²⁴ Mas eles racionalizam, dizendo que muitas coisas, embora originalmente pagãs, podem ser cristianizadas. Se alguma tribo pagã observava quarenta dias em honra de um deus pagão, por que não deveríamos fazer o mesmo em honra a Cristo? Embora os pagãos adorassem o sol voltados para o Oriente, não podemos fazer cultos ao nascer do sol para honrar a ressurreição de Cristo, muito embora esta não fosse a hora do dia em que ele ressuscitou? Muito embora o ovo fosse usado pelos pagãos, não podemos continuar seu uso e fingir que ele simboliza a grande pedra que estava diante do sepulcro? Em outras palavras, por que não adotar todos os tipos de costumes populares, somente em lugar de usá-los para honrar deuses pagãos, como os pagãos o faziam, usá-los para honrar a Cristo? Tudo isto soa muito lógico, embora uma linha mestra seja encontrada na própria Bíblia: "Cuidado,..não sigais após seus deuses (deuses pagãos), dizendo: Como serviam estas nações a seus deuses? assim também faremos. Não farás assim para com o Senhor Nosso Vosso Deus,..Tudo o que vos ordenar, observai-o; nada acrescentei a isto."

O Festival De Inverno

NATAL - 25 DE DEZEMBRO é o dia designado em nossos calendários como o dia do nascimento de Cristo, Mas, é este realmente o dia no qual ele nasceu? Os costumes que existem hoje relacionados com este período é de origem cristã? Ou o Natal é outro exemplo de mistura entre o paganismo e o cristianismo?

Uma análise da palavra "Christmas" {Natal em Inglês.-NT) indica que ela é uma mistura. Embora ela inclua o nome de Cristo, também menciona a "Missa". Quando consideramos todas as elaboradas cerimônias, orações pelos mortos, rituais de transubstanciação, e complicados rituais da Missa Católica Romana, pode alguém realmente ligar isto com o Jesus histórico dos Evangelhos? Sua vida e ministério foram descomplicados de tal ritualismo. Como Paulo, tememos que alguns tenham sido corrompidos "da simplicidade que está em Cristo" (II Cor. 11:3) por causa da influência pagã sobre tais coisas como a Missa. Olhando desta maneira, a palavra "Christ-mass" (Missa de Natal) se contradiz a si mesma.

Quanto à verdadeira data do nascimento de Cristo, é de se duvidar de 25 de dezembro. Quando Jesus nasceu, "havia naquela mesma região pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho" (Lucas 2:8). Os pastores na Palestina não ficavam nos campos durante a metade do inverno! Adam Clarke tem escrito, "Como esses pastores ainda não haviam trazido seus rebanhos para casa, é um argumento presumível que outubro ainda não havia começado, e que, consequentemente, nosso Senhor não nasceu em 25 de dezembro, quando não havia qualquer rebanho nos campos...Neste mesmo sentido a natividade em dezembro deveria ser descartada."¹

Enquanto a Bíblia não fala expressamente da data do nascimento de Jesus, existem indicações que foi provavelmente no Outono que isto aconteceu.



Pastores na Judéia

Sabemos que Jesus foi crucificado na Primavera, no tempo da Páscoa (João 18:39). Figurando seu ministério como tendo durado três anos e meio, isto coloca o início do seu ministério no Outono. Naquele tempo, ele estava com quase 30 anos de idade (Lucas 3:23), a idade reconhecida para um homem tornar-se um ministro oficial sob o Velho Testamento (conforme Números 4:3). Se ele completasse trinta anos no Outono, então seu dia natalício era no Outono, trinta anos antes.

Ao tempo do nascimento, José e Maria tinham ido a Belém para serem recenseados (Lucas 2:1-5). Não existem registros para indicar que a metade do Inverno era o tempo de recenseamento. Um tempo mais lógico do ano teria sido no Outono, no fim da colheita. Se fosse este o caso, teria sido o período para a Festa do Tabernáculos em Jerusalém o que poderia explicar porque Maria foi com José (cf. Lucas 2:41). Isto também explicaria porque até mesmo em Belém "não havia lugar na hospedaria" (Lucas 2:7). De acordo com Josefo, Jerusalém era normalmente uma cidade de 120.000 habitantes, mas durante as festas, algumas vezes chegava a ter 2.000.000 de judeus reunidos. Tais vastas multidões não somente enchiam Jerusalém, mas as cidades circunvizinhas também, incluindo Belém, que ficava somente a cinco milhas ao Sul. Se a viagem de Maria e José fosse na realidade para estar na festa, como também para serem recenseados, isto colocaria o nascimento de Jesus no Outono do ano.

Não é essencial que saibamos a data exata na qual Cristo nasceu – sendo a coisa principal, é claro, que ele nasceu! Os cristãos primitivos comemoravam a morte de Cristo (ICor. 11:26), não seu nascimento. A *Enciclopédia Católica* diz, “O Natal não estava entre os mais primitivos festivais da Igreja. Irineu e Tertuliano omitem isto de suas listas de festas.”² Mais tarde, quando as igrejas em vários lugares começaram a celebrar o nascimento de Cristo, havia muita diferença de opinião quanto à data correta. Não foi até a última parte do quarto século, que a Igreja Romana começou a observar o 25 de dezembro.³ Ainda assim, em torno do quinto século, estava sendo ordenado que o nascimento de Cristo fosse para sempre observado nesta data, muito embora este fosse o dia da antiga festa pagã romana do nascimento do Sol, um dos nomes do deus!⁴

Diz Frazer, “Ó maior culto pagão religioso que colocava a celebração em 25 de dezembro como um feriado tanto no mundo romano como grego, era a adoração do sol, que era pagã – o Mitraísmo...Este festival de Inverno era chamado “a Natividade” – a “Natividade do SOL.”⁵ Este festival pagão foi responsável pelo dia 25 de dezembro ter sido escolhido pela Igreja Romana? Deixemos a *Enciclopédia Católica* responder. “A bem conhecida festa solar do Natalis Invicti” – a Natividade do Sol Inconquistado – “celebrada no dia 25 de dezembro, tem uma forte indicação sobre a responsabilidade em relação a nossa data de dezembro!”⁶

Como os costumes pagãos solares estavam sendo “cristianizados” em Roma, compreende-se que confusão resultaria. Alguns pensaram que Jesus era o Sol, o deus solar! “Tertuliano teve que assegurar que o Sol não era o Deus dos cristãos; Agostinho denunciou a identificação herética de Cristo com o Sol. O papa Leão I amargamente reprovou os ressurgimentos solares – cristãos, nas próprias escadarias da basílica dos apóstolos, virando-se para adorar o sol nascente.”⁷

O festival de inverno era muito popular nos tempos antigos. “Na Roma e Grécia pagãs, nos dias dos bárbaros teutônicos, nos remotos tempos da antiga civilização egípcia, na infância da raça, a Leste, Oeste, Norte e Sul, o período do solstício de inverno era sempre um período de júbilo e de festas.”⁸ Desde que esta estação era tão popular, ela foi adotada como o tempo do nascimento de Cristo pela igreja romana.

Alguns dos costumes de Natal dos nossos dias foram influenciados pela Saturnália Romana. “É de conhecimento comum diz um escritor, “que a maioria de nossa associação com o período natalino – os feriados, a troca de presentes e a sensação geral de genialidade – não é senão a herança do festival romano de Inverno, a Saturnalia...remanescentes do paganismo.”⁹

Tertuliano menciona que a prática de trocar presentes era parte da Saturnalia. Não existe nada de errado em dar presentes, é claro. Os Israelitas davam presentes uns aos outros em tempos de celebração – até mesmo celebrações que eram observadas por causa de mero costume (Ester 9:22). Mas alguns tem procurado ligar os presentes de Natal com aqueles presentes dados a Jesus pelos magos. Isto não pode ser correto, Pelo tempo que os magos chegaram, Jesus não estava mais “deitado em uma mangedoura” (como quando vieram os pastores), mas estava em uma casa (Marcos 2:9-11). Isto podia ser muito tempo depois de seu nascimento. Eles também deram seus presentes a Jesus, não um ao outro!

A árvore de natal, como a conhecemos, só data de alguns poucos séculos, embora as idéias a respeito de árvores sagradas vejam muito antigas. Uma antiga fábula babilônica falava de um pinheiro que nasceu de um velho tronco morto. O velho tronco simbolizava o Nimrode morto, o novo pinheiro simbolizava que Nimrode tinha vindo a viver novamente em Tamuz! Entre os Druidas, o carvalho era sagrado, entre os Egípcios era a palmeira, e em Roma era o abeto, que era decorado com cerejas negras durante a Saturnalia! O deus escandinavo Odin era crido como um que dava presentes especiais na época de Natal aqueles que se aproximassem de seu abeto sagrado.¹¹ Em pelo menos dez referências bíblicas, a árvore verde é associada com a idolatria e a adoração falsa (I Reis 14:23, etc.) Desde que todas as árvores são verdes, pelo menos parte do ano, a menção especial de “verde” provavelmente se refere às árvores que são sempre verdes. “A árvore de Natal...recapitula a idéia da adoração de árvore...castanhas e bolas simbolizam o sol...todas as festividades do solstício de Inverno tem sido absorvidas ao dia de Natal... o uso de azevinho e visco, das cerimônias drúidicas; a árvore de Natal das honras pagãs ao abeto sagrado de Odin.”¹²

Tomando tudo isto em consideração, é interessante comparar uma afirmação de Jeremias com o costume de hoje de decorar uma árvore na época de Natal “Porque os costumes dos povos são vaidade: pois cortam do bosque um madeiro, obra das mãos de artífice, com machado. Com prata e com ouro o enfeitam, com pregos e com martelos o firmam, para que não se movam. São como a palmeira, obra torneada, mas não podem falar” (Jer. 10:3,4).

As pessoas nos dias de Jeremias, como o mostra o contexto, estavam realmente fazendo um ídolo de uma árvore, a palavra “artífice” não definindo meramente um artesão, mas alguém que forma ídolos (cf. Isaías 40:19,20; Oséias 8;4-6). E a palavra “machado” refere-se aqui especificamente a uma ferramenta de talhar.



Família em torno da árvore decorada

Citando esta porção de Jeremias, não Queremos inferir que as pessoas que hoje colocam árvores de Natal em suas casas ou igrejas estão adorando essas árvores. Tais costumes, contudo, fornecem vívidos exemplos de como as misturas tem sido feitas.

No século sexto, missionários Foram enviados pela parte Norte da Europa para juntar pagãos ao grupo romano. Eles descobriram que o 24 de junho era um dia muito popular entre esses povos. Eles procuraram "cristianizar" este dia, mas como? Por esse tempo o 25 de dezembro havia sido adotado pela igreja romanista como o natalício de Cristo. Desde que 24 de junho era aproximadamente seis meses antes de 25 de dezembro, por que não chamar este o natalício de João o Batista? João nasceu, devemos lembrar-nos, seis meses antes de Jesus (Lucas 1:26,36). Assim sendo o 24 de junho é conhecido no calendário papal agora como o Dia de São João!

Na Bretanha, antes da entrada do cristianismo lá, o 24 de junho era celebrado pelos druidas com fogos de artifício em honra a Baal Heródoto, Wilkinson, Layard, e outros historiadores contam destes fogos cerimoniais em diferentes países. Quando o 24 de junho tornou-se o dia de São João, os fogos sagrados foram adotados também e tornaram-se "As fogueiras de São João"! Estas são mencionadas como na Enciclopédia Católica.¹³

"Tenho visto pessoas correndo e saltando através das fogueiras de São João na Irlanda", diz um escritor do século passado, "...orgulhosos de passarem sem queimaduras...sentindo-se alguém especial, abençoando pela cerimônia..."¹⁴ Parecia que estes rituais honravam mais a Moloque do que a João Batista!

O 24 de Junho foi visto como sendo sagrado para o antigo deus-peixe Oannes, um nome pelo qual Nimrode era conhecido.¹⁵ Em um artigo a respeito de Nimrode, Fausset diz: "Oannes, o deus-peixe, civilizador da Babilônia, levantou-se do mar vermelho..."¹⁶ No Latim, o idioma da Igreja romana, João era chamado JOANNES. Veja quão semelhante é isto a OANNES! tais semelhanças ajudaram a promover mais facilmente a mistura do paganismo com o Cristianismo.

Um dia que nos tempos pagãos tinha sido considerado sagrado para Ísis ou Diana, 15 de agosto, foi simplesmente renomeado como o dia da "Assunção da Virgem Maria" e até nosso tempo presente ainda é altamente honrado.¹⁷ Outro dia adotado do paganismo, supostamente para honrar Maria, é chamado "Missa das Velas" ou "A Purificação da Virgem Maria" e é celebrado em 2 de fevereiro. Na lei mosaica, após dar nascimento a um filho homem, uma mãe era considerada imunda durante quarenta dias (Lev.12). "E quando os dias de sua purificação, de acordo com a lei de Moisés, foram cumpridos." José e Maria apresentaram o bebê Jesus no templo e ofereceram o sacrifício prescrito (Lucas 2:22-24). Tendo adotado o 25 de dezembro como a natividade de Cristo, o 2 de fevereiro parecia servir bem para ser o tempo da purificação de Maria. Mas, o que isto tinha a ver com o uso de velas naquele dia? Na Roma pagã, este festival era observado com o povo carregando tochas e velas em honra a Februa, de quem nosso mês Fevereiro derivou seu nome! Os gregos faziam a festa em honra a deusa Ceres, a mãe de Prosérpina, a quem os celebrantes carregando velas buscavam no mando inferior.¹⁸ Assim sendo, podemos ver como a adoção de 2 de fevereiro para honrar a purificação de Maria foi influenciada por costumes pagãos envolvendo velas, chamando-o até de dia da "Missa das velas". Nesse dia todas as velas a serem usadas durante o ano nos rituais católicos são benzidas. Um velho desenho mostra o papa distribuindo velas bentas aos sacerdotes. Diz a *Enciclopédia Católica*, "Não precisamos esconder o fato que velas, incenso e água benta, eram comumente empregados em cultos pagãos e em rituais prestados aos mortos."¹⁹



***O Papa distribuindo velas
no Dia da Missa das velas***

Se o apóstolo Paulo fosse levantado para pregar para esta geração, imaginamos se ele não diria á igreja professa, o que disse aos Gálatas há muito tempo atrás, "Guardais dias e meses, e tempos, e anos. Receio de vós, que não haja trabalhado em vão para convosco" (Gál. 4:9-11). O contexto mostra que os gálatas tinham sido convertidos do culto pagão de "deuses" (versículo 8). Quando alguns haviam voltado "novamente" para seu culto anterior (versículo 9), os dias e tempos que eles observavam eram evidentemente aqueles que tinham sido separados para honrar os deuses pagãos! Mais tarde, muito estranhamente, alguns desses mesmos dias foram absorvidos pelo culto da Igreja professa e foram "cristianizados"!

O Mistério da Mistura

TEMOS VISTO através de multidão de exemplos – que uma mistura do paganismo e do cristianismo produziu a Igreja Católica Romana. Os pagãos adoravam e rezavam para uma deusa mãe. assim a igreja caída adotou a maternidade sob o nome de Maria. Os pagãos tinham deuses e deusas associados com vários dias, ocupações, e acontecimentos da vida. Este sistema foi adotado e os “deuses” foram chamados de “santos”. Os pagãos usavam estátuas de ídolos de suas divindades pagãs em seus cultos, assim também a igreja caída o fez, simplesmente chamando-se por nomes diferentes. Desde tempos antigos, cruzes de vários formatos eram olhadas de maneira supersticiosa. Algumas dessas idéias foram adotadas e associadas com a cruz de Cristo. A cruz, como uma imagem era muito honrada em toda parte, mas o verdadeiro sacrifício “consumado” da cruz tornou-se obscurecido pelos rituais da Missa com sua transubstanciação, drama-mistério, e rezas pelos mortos!

Orações repetidas, rosários, e relíquias foram todos adotados do paganismo e dados uma aparência superficial de cristianismo. O ofício pagão e título de Pontífice Máximo foi aplicado ao bispo de Roma. Ele se tornou conhecido como o papa, o Pai dos pais, muito embora Jesus tivesse dito que a nenhum homem se chamasse pai! Em literalmente centenas de maneiras, os rituais pagãos foram absorvidos pelo cristianismo em Roma.

Eruditos católicos reconhecem que sua igreja surgiu de uma mistura de paganismo com cristianismo. Mas, do seu ponto de vista, estas coisas foram triunfos do cristianismo, porque a igreja teve a capacidade de cristianizar práticas pagãs. A *Enciclopédia Católica* faz estas afirmações: “Não precisamos esconder que velas, incenso e água benta, eram comumente empregados na adoração pagã e nos rituais prestados aos mortos.

Mas a Igreja desde um período muito antigo tomou-os a seu serviço, assim como adotou muitas outras coisas...como música, luzes, perfumes, abluções, decorações florais, canópias, abanos, telas, sinos, paramentos, etc, que não eram identificados com qualquer culto idólatra em particular; eles eram comuns a quase todos os cultos.¹ "Água, óleo, luz, incenso, cânticos, procissões, prostração, decoração de altares, paramentos de sacerdotes, estão naturalmente a serviço do universal instinto religioso...Até mesmo festas pagãs podem ser "batizadas": certamente nossas procissões de 25 de abril são a Robigalia; os dias de Rogos podem substituir a Ambarualia; a data do Dia de Natal pode ser devida ao mesmo instinto que colocou em 25 de dezembro o Natalis Invicti do culto solar."²

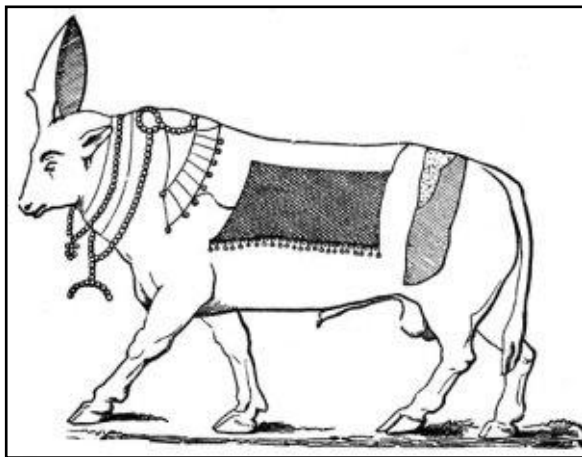
O uso de estátuas, e costumes tais como inclinar-se diante de uma imagem, são explicados na teologia católica como tendo se desenvolvido partindo do antigo culto do imperador! "A etiqueta da corte bizantina gradualmente evoluiu para elaboradas formas de respeito, não somente pela pessoa do César, mas até mesmo por suas estátuas e símbolos. Filostórgio... diz que no quarto século os cidadãos cristãos romanos no Oriente ofereciam incenso e até mesmo rezas(!) às estátuas do imperador- (Hist.Eccl. II, 17). Seria natural que pessoas que se inclinassem diante, beijassem e incenssassem as águias imperiais e as imagens de César (com nenhuma suspeita de algo a não ser idolatria)...prestassem os mesmos sinais à cruz, às imagens de Cristo, e ao altar...Os primeiros cristãos estavam acostumados a ver estátuas de imperadores, de deuses pagãos e heróis, como também pinturas de paredes pagãs. Então fizeram pinturas de sua religião, e, assim que puderam conseguí-las, estátuas do seu Senhor e seus heróis."³ Deveria observar-se que nenhuma afirmativa de ordenança cscriturística é pelo menos sugerida para tais coisas. Está muito claro que estes costumes desenvolveram-se do paganismo.

Algumas vezes várias pinturas de paredes dos primeiros séculos, tais como aquelas nas catacumbas romanas, são referidas como que representativas dos cristãos originais. Não cremos que isto seja verdade, pois existe clara evidência de uma mistura. Enquanto estas pinturas incluíam cenas de Cristo alimentando as multidões com os pães e os peixes, Jonas e a baleia, ou o sacrifício de Ishaque, outras pinturas eram sem qualquer dúvida retratos pagãos. Alguns acham que esta "mistura" foi um artifício usado para evitar a perseguição, mas, não obstante, não se pode negar que as raízes da mistura estavam presentes.

Diz a *Enciclopédia Católica*: "O Bom Pastor carregando a ovelha em seus ombros ocorre frequentemente, e esta preferência pode muito bem ser devida à sua semelhança com as figuras pagãs de Hermes Krióforo ou Aristeu, que neste período estavam muito em voga...Até mesmo a fábula de Orfeu foi tomada emprestada pictorialmente e atribuída a Cristo.

Semelhantemente a história de Eros e Psique foi revivida e cristianizada, servindo para relembrar ao crente a ressurreição do corpo...O grupo dos Doze Apóstolos provavelmente atraía menos atenção por causa dos doze Dii Majores (Deuses Maiores) que eram frequentemente agrupados. Outra vez a figura dos Orans (q.v.), a mulher com os braços levantados em oração, era muito familiar para a antiguidade clássica...semelhantemente o símbolo do peixe, representando Cristo, a âncora da esperança, a palma da vitória, eram todos suficientemente familiares, como símbolos entre os pagãos para despertar qualquer atenção em particular."⁴

No Velho Testamento, a apostasia na qual os israelitas repetidamente caíam era a da mistura, Usualmente eles não rejeitavam totalmente a adoração do verdadeiro Deus, mas misturavam os rituais com ela!



Foi este o caso mesmo quando eles adoraram o bezerro de ouro (Êxodo 32), Todos entendemos que tal culto era falso, gentílico, e uma abominação aos olhos de Deus. Ainda assim – e este é o ponto que desejamos enfatizar – foi reclamado que era uma "festa para o Senhor (versículo 5) – uma festa para Jeová (ou mais corretamente) Iavé, o verdadeiro Deus! Eles se sentaram para comer e beber e se levantaram para folgar. Eles praticaram rituais nos quais se despiram (versículo 25).

talvez semelhantes aos que eram realizados por sacerdotes babilônicos despidos.⁵ Durante os quarenta anos no deserto, os israelitas levaram o tabernáculo de Deus. Contudo, alguns deles não estavam contentes com isto, assim sendo, eles acrescentaram alguma coisa. Eles fizeram para si mesmos um tabernáculo babilônico que também ora carregado!

"Antes levastes a tenda de vosso Moloque, e o altar das vossas imagens" (Amós 5:26; Atos 7:42,43). Estes não eram senão outros nomes para o deus-sol Baal e a deusa-mãe Astarte. Por causa desta mistura, suas canções de adoração, sacrifícios, e oferendas foram rejeitados por Deus.

Em outro período, os Israelitas realizaram rituais secretos, edificaram altos, usaram adivinhação, fizeram seus filhos passar pelo fogo, e adoraram o sol, a luz, e as estrelas (II Reis 17:9-17). como resultado, eles foram levados de sua terra. O rei da Assíria trouxe homens de várias nações, incluindo a Babilônia, para habitar na terra de onde os israelitas foram tirados. Estes também praticaram rituais pagãos e Deus enviou leões entre eles. Reconhecendo isto como julgamento de Deus, eles mandaram buscar um homem de Deus para ensiná-los como temer ao Senhor. "Cada nação fez deuses seus próprios" (versículos 29-31), tentando adorar esses deuses e ao Senhor também, e fizeram para si mesmas dos mais baixos deles, sacerdotes...eles temiam ao Senhor e serviam seus próprios deuses" (versículo 32).

A mistura também estava aparente nos dias dos juízes quando um sacerdote levita que reclamava falar a palavra do Senhor serviu em uma "casa de deuses" e foi chamado pelo título de "pai" (Juízes 17:3,13; 18:6). No tempo de Ezequiel um ídolo tinha sido colocado bem à entrada do templo de Jerusalém. Os sacerdotes ofereciam incenso a falsos deuses que eram pintados nas paredes, Mulheres choravam por Tamuz e homens adoravam o sol ao alvorecer na área do templo (Ezequiel 8). Alguns até mesmo sacrificavam seus filhos e "havendo sacrificado seus filhos aos seus ídolos, vinham ao meu santuário no mesmo dia, disse Deus. (Ezequiel 23:38,39). A mensagem de Jeremias foi dirigida às pessoas que diziam "adorar ao Senhor" (Jer. 7:2), mas que haviam misturado isto com os ritos paganísticos. "Eis que, disse Deus, "confiais em palavras falsas que para nada são proveitosas. Queimareis incenso a Baal, e andareis após outros deuses...para fazerem bolos à rainha dos céus... e então vireis, e vos poreis diante de mim nesta casa" (versículos 8-18).

Considerando estes numerosos exemplos bíblicos, está claro que Deus não está contente com uma adoração que é uma mistura.



Como Samuel pregou: "Se com todo o vosso coração vos converterdes ao Senhor, tirai dentre vós, os deuses estranhos e os astarotes e preparei o vosso coração ao Senhor, e servi a ele só, e vos livrará" (I Samuel 7:3).

Deveríamos lembrar-nos que Satanás não aparece como um monstro com chifres, um longo rabo, e um garfo. Em vez disto, ele aparece como um anjo de luz (II Cor. 11:14). Como Jesus advertiu a respeito de "lobos com peles de ovelhas" (Mateus 7:15).

Assim em numerosas ocasiões o paganismo foi camuflado pelas roupagens externas do cristianismo e tornou-se uma mistura que tem enganado a milhões. Foi como remover o sinal de alerta de uma garrafa de veneno e colocar em seu lugar uma etiqueta de uma guloseima. O conteúdo continua tão mortífero como antes. Não importa quanto o vistamos ao exterior, o paganismo é mortífero. A verdadeira adoração deve ser "em espírito e em verdade" (João 4:24) – não em erro pagão.

Por causa das maneiras habilidosas como o paganismo foi misturado com o cristianismo, foi escondida a influência babilônica – um mistério – "mistério Babilônia." Mas, como um detetive guarda pistas e fatos a fim de resolver um mistério, assim também neste livro temos apresentado muitas pistas bíblicas e históricas como evidências. Algumas destas pistas poderão ter parecido insignificantes à primeira vista ou quando tomadas isoladamente. Mas, quando o quadro completo é visto, elas se juntam e de maneira conclusiva resolvem o mistério da Babilônia – a antiga e a moderna!

Através dos séculos Deus tem chamado seu povo para fora do cativeiro da Babilônia. Ainda hoje sua voz está dizendo "Sai dela, povo meu, para não serdes participantes dos seus pecados" (Apoc, 18:4).

É uma tarefa delicada escrever a respeito de assuntos religiosos a respeito dos quais pessoas excelentes e sinceras tem fortes diferenças. A pessoa, para provar algo, tem que falar bastante francamente e também para manter um equilíbrio apropriado, de modo que ao discordar não seja desnecessariamente desagradável. Como com qualquer livro – certamente não excluindo a Bíblia – é inevitável que alguns mal entendidos ou diferenças de opiniões venham a resultar.

Alguns poderão achar que coisas demasiadas foram ditas, outros que não foi o bastante. Não obstante, nas palavras de Pilatos, "o que escrevi, escrevi." Se a Igreja Católica Romana que reclama que jamais muda, está gradualmente deixando de lado práticas que alguns de nós consideramos pagãs, podemos nos alegrar por qualquer progresso ao longo do caminho da verdade. Se este livro tiver qualquer parte a ver com esta tendência, podemos alegrar-nos.

Acreditamos que o verdadeiro alvo do cristão não é ter uma religião baseada em mistura, mas retornar à fé original, simples, poderosa e espiritual que uma vez foi entregue aos santos. Não mais nos enredando em uma parafernália de rituais ou tradições sem poder, podemos encontrar "a simplicidade que está em Cristo", regozijando-nos na "liberdade com que Cristo nos libertou" da "escravidão" (II cor. 11:3; Gál. 5:1).

A salvação não depende de um sacerdote humano, de Maria, dos santos ou do papa. Jesus disse, "Eu sou o caminho, e a verdade, é a vida: ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14:6). "E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12). Olhemos para JESUS que é o autor e consumador de nossa fé, o Apóstolo e Sumo-Sacerdote de nossa confissão, o Cordeiro de Deus, o Capitão de nossa Salvação, o Pão do Céu, a Água da Vida, o Bom Pastor, o Príncipe da Paz, o Rei dos reis e Senhor dos senhores!

NOTAS

CAPÍTULO UM

1. Clarke, *Clarke's Commentary*: vol. 1, p. 86.
2. *The Jewish Encyclopedia*, vol. 9, p. 309.
3. Josephus» *Antiquities of the Jews*, Bk. 1, 4:2, 3.
4. Hislop, *The Two Babyhns*.
5. Ibid., P. 12.
6. Bailey, *The Legacy of Rome*, p, 245.

CAPÍTULO DOIS

1. *Encyclopedia of Religions*, vol. 2, p. 398.
2. Gross, *The Heathen Religion*, p. 60.
3. Hislop, *The Two Babylons*, p, 20.
4. Ibid.
5. *Bach, Strange Sects and curios Cults*, p. 12.
6. Frazer, *The Golden Bough*, vol. 1, p. 356.
- 7 *Encyclopedia Britannica*, vol. 14, p. 309.
8. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 15, p. 459, art. "Virgin Mary."
9. Ibid. p. 460.
10. *Fausset's Bible Encyclopedia*, p. 484.
11. Hislop, *The Two Babylons*, p. 20.
12. *Harper's Bible Dictionary*, p, 47.
13. Smith, *Man and His Gods*, p. 216.
14. Kenrick, *Egypt*, vol. 1, p. 425. Blavatsky, *Isis Unveiled*, p. 49.
15. Weigall, *The Paganism in Our Christianity*, p. 129

CAPÍTULO TRÊS

1. Boettner, *Roman Catholicism*, p. 147.
2. Hislop, *The Two Babylons*, p. 158.
3. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 7, p. 674 art. "Imaculate conception."
- 4 Ibid., p. 675.
5. *Official Baltimore Catechism*, no. 2 (Lesson 11).
6. Doane, *Bible Myths*. p, 357.
7. *Encyclopedia Britannica*, Vol. 14, p. 999, art. "Mary."

8. Ibid., vol. 2, p. 632, act. "Assumption, Feast of."
9. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 13, p. 185, art. "Rosary."
10. Seymour, *The Cross in Tradition, History, and Art*, p. 21.
11. *Encyclopedia of Religions*, vol. 3, pp. 203-205.
12. Hislop, *The Two Babylons*, pp. 187-188.
13. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 7, p. 111, art. "Hail Mary."

CAPÍTULO CUATRO

1. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 4, p. 653, 655, art. "Prayers for the dead."
2. Ibid., vol. 0, p. 70* art. "Intercession."
3. Ibid.
4. Hays, *in the Beginnings*, p. 65.
5. *Encyclopedia of Religions*, vol. 2, p. 78.
6. Williams. *The Historians' History of the World*, Vol.1, p. 518.
7. Dobbins, *Story of the World's Worship*, p. 621.
8. Durant, *The Story of Civilization; Caesar and Christ*, pp. 61-63.
9. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 4, p. 173, art. "Communion of Saints,"
10. Ibid., vol. 9, pp. 130,131, art. "Legends"
11. Urlin, *Festivals, Holy Days, and Saints' Days*, p.26.
12. *The catholic Encyclopedia*, vol. 2, p. 44, art. "Athens".
13. *Hasting's Encyclopedia of Religion and Ethics*, art. "Images and Idols."
14. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 7, p. 636, art. "Idolatry."
15. Ibid., p. 620, art. "Iconoclasm."
16. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism*, p. 35.

CAPÍTULO CINCO

1. *Encyclopedia of Religions*, vol. 3, p. 264.
2. Ibid., vol. 3, p. 33; Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism*, p. 99,
3. *Scofield Reference Bible*, p. 847.
4. *Encyclopedia of Religions*, vol. 3, p. 33.

5. *Harper's Bible Dictionary*, p. 500.
6. Pignatorre, *Ancient Monuments of Rome*, p. 175,
7. *Ibid.*, p. 177.
8. *Hastings Encyclopedia of Religion and Ethics*, art, "Phallicism."
9. Champdor, *Ancient Cities and Temples*, p. 22.
10. Hislop, *The Two Babylons*, p, 307.
11. Cirlot, *A Dictionary of Symbols*, p. 326.
12. Bury, *The Cambridge Ancient History-Egypt and Babylonia*, vol. 1, p. 533.
13. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 2, p. 185, art. "Babylonia."
14. Dobbins, *The Story of the World's Worship*, p. 14.
15. Brown, *Sex Worship and Symbolism of Primitive Races*. p. 38.
16. Eichler, *The Customs of Mankind*, p. 55.

CAPÍTULO SEIS

1. *Harper's Book of Facts*.
2. *Fausset's Bible Encyclopedia*, p. 145.
3. Seymour, *The Cross in Tradition. History, and Art*, p. 157.
4. Vine, *An expository Dictionary of New Testament Words*, p. 256.
5. Seymour, *The Cross in Tradition, History, and Art*, pp. 22, 26.
6. *Ibid.*, p.13.
7. *Ibid.*, pp. 10,12,
8. *Ibid.*, p. 9.
9. Prescott's *Conquest of Mexico*, vol. 1, p. 242 (quoted by Hislop, p. 199)
10. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 10, p. 253, art. "Mexico,"
11. Seymour, *The Cross in Tradition. History, and Art*, pp. 22, 26.
12. Hislop, *The Two Babylons*, p. 198.
13. *Encyclopedia of Religions*, vol. 1, pp, 38G, 494.
14. Hislop, *The two Babylons*, p. 198.
15. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 4, p. 517, art. "Cross."
16. Seymour, *The Cross in Tradition, History, and Art*, p. 64.
17. *The Pentateuch Examined*, vol, 6, p. 113.

- 18 *The Catholic Encyclopedia*, vol 4, p. 518, art. "Cross,"
19. *Encyclopedia of Religions*, vol 1, p, 494.
20. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words*, p. 256.

CAPÍTULO SETE

1. Smith, *Man and Mis Gods*, p.220.
2. Durant, *The Story of Civilization; Caesar and Christ*, p. 66,
3. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 4, p, 300, art. "Constantine."
4. Ibid.
5. Durant, *The Story of Civilization: Caesar and Christ* pp. 655, 656
6. Ibid., p. 654.
7. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 4, pp. 299, 300, art. "Constantine", etc.
- 8 Ibid., vol. 4, p. 523, art, "Cross".
9. *Encyclopedia of Religions*, vol. 1, p. 494.
10. *Fausset's Bible Encyclopedia*, p, 145.

CAPÍTULO OITO

1. *The Catholic Encyclopedia*, Vol 4, p. 524, art. "Cross".
2. *Calvin's Tracts*, vol. 1, pp. 296-304,
3. Wilder, *The Other Side of Rome*, p. 54.
4. Ibid., p. 53.
5. *The Catholic Encyclopedia* Vol. 13, p. 454, art, "Santa Casa di Loreto".
6. Ibid., vol. 12, p. 734, art. "Relics."
7. Cotterill, *Medieval Italy*, p. 71.
8. Ibid., p. 391.
9. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 2, p. 661, art. "Boniface IV."
10. Ibid., vol.12, p. 737, art. "Relics".
11. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation*, p. 339.
12. Hislop, *The Two Babylons*, p. 179.
13. *The Catholic Encyclopedia*, vol, 12, p. 734, art. "Relics".
14. Boettner, *Roma Catholicism*, p. 290.
15. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 12, p. 737. art. "Relics".
16. Ibid., p. 738.

CAPÍTULO NOVE

1. Durant, *The Story of Civilization; The Age of Faith*, p. 753.
2. Ibid., p. 766.
3. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 7, p. 783, art. "Indulgence."
4. Ibid., p. 784.
5. Ibid., pp. 786, 787.
0. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation*, p. 23.
7. Ibid., p.735.
8. *Encyclopedia of Religions*, vol. 2, p. 159.
9. Smith, *Man and His Gods*, p. 127.
10. *Encyclopedia Britannica*, vol. 22, p. 660.
11. Hislop, *The Two Babybns*, p. 167.
12. *Fausset's Bible Encyclopedia*, p. 481.
13. *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*. No. 8612.

CAPÍTULO ONZE

1. *Parkhurst's Hebrew Lexicon*, p. 602 (quoted by Hislop, p. 208).
2. Hislop, *The Two Babylons*, p. 210.
3. Ibid.,
4. *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*, no. 6363.
5. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 7. p. 699, art. "Impostors,"
6. Hislop, *The Two Babylons*, p. 207.
7. Smith, *Man and His Gods*, p. 129.
8. *Encyclopedia of Religions*, vol. 2, p. 311, art. "Janus."
9. Ibid., p. 645.
10. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 10, p. 403, art. "Mithraism,"
11. Durant, *The Story of Civilization: The Age of Faith*, p. 745.
12. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism*, pp. 63, 64.
13. *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*, no. 1709 and 1712.
14. *Encyclopedia of Religions*, vol. 1, p.502, art, "Dagon".
15. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism*, p. 21.

16. Layard, *Babylon and Nineveh*, p, 343.
17. Hislop, *The Two Babylons*, P. 216.
18. *The Catholic Encyclopedia*, Vol, 3, p. 554, art.
"Chair of Peter."
19. Ibid., vol, 2, p. 185, art. "Babylonia."
20. *Waiting's Encyclopedia of Religion and
Ethics*, art, "Images and Idols."
21. Hislop, *The Two Babylons*, P, 214.
22. *Encyclopedia Britannica*, vol. 22, p. 81, art. "Pope."
23. Aradi, *The Popes-The History of How They are
Chosen, Elected, and Crowned*, p. 108.

CAPÍTULO DOZE

1. Chiniquy, *The Priest, the Woman, and the
Confessional*, P. 138.
2. Cotterill, *Medieval Italy*, P. 331.
3. Hailey, *Hailey 's Bible Handbook*. p. 774.
4. *The Catholic Encyclopedia*, Vol. 8, pp, 425, art,
"John X, Pope."
5. Chiniquy, *The Priest, the Woman, and the
Confessional*, p. 138.
6. *The Catholic Encyclopedia*, vol, 8, p. 426, art,
"John XI"
7. Ibid., p. 427, art, "John XII."
8. *Liber Pontificalis*, vol, 2, p. 245.
9. *The Catholic Encyclopedia*, Vol, 2, p. 661, 662,
art. "Boniface VII,"
10. Hailey, *Hailey 's Bible Handbook*, P. 775.
11. Ibid.
12. *The Catholic Encyclopedia*, vol, 2, pp. 668, 668,
ait. "Boniface VIII."
13. Ibid,, p, 670.
14. *History of the Church Councils*, Bk. 40, art, 697.
15. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 4, p. 435,
art. "Councils."
16. Hailey, *Hailey'r Bible Handbook*, p. 778.
17. Chiniquy, *The Priest, the Woman, and the
Confessional*, p. 139.
18. Durant, *The Story of Civilization: The
Reformation*, p. 10.
19. *Sacrorum Conciliorum*, vol. 27, p. 663.
20. Durant, *The Story of Civiliiation: The Reformation*, p, 10.

21. Bailey, *Hailey's Bible Handbook*, p. 779,
22. Durant, *The Story of Civilization. The Reformation*. p. 13.
23. Hailey, *Hailey's Bible Handbook*, p. 779.
24. Ibid.
25. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 8, p. 19, art. "Inocent VIII"
26. D'Aubigne, *History of the Reformation*, p. 11.
27. Chiniquy, *The Priest, the Woman, and the Confessional*, p. 139.
28. *Diarium*, vol. 5, p. 167.
29. *Life* July 5, 1963.
30. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 9, pp. 162, 163, art. "Leo X "
31. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation*, p. 344.
32. D'Aubigne, *History of the Reformation*, p. 59.
33. *The Catholic Encyclopedia*. vol. 3, p. 407, art. "Joan, Popess,"
34. Ibid., p. 408.

CAPÍTULO TREZE

1. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 7, p. 796, art. "Infallibility."
2. Ibid., vol. 14, p. 316, art. "Strossmayer."
3. Ibid., vol. 6, p. 141, art. "Formosus."
4. Ibid.

CAPÍTULO QUATORZE

1. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 8, p. 34.
2. Smith, *Man and His Gods*, p. 236.
3. Ridpath's *History of the World*, vol. 5, p. 304.
4. Fox's *Book of Martyrs*, p. 103.
5. Ridpath's *History of the World*, vol. 5, p. 297.

CAPÍTULO QUINZE

1. Ritter, *This is the Catholic Church*, booklet 50, p. 38.
2. Hislop, *The Two Babylons*, p. 210.
3. Ibid., p. 206.
4. *Harper's Dictionary of Classical Literature and Antiquities*, p. 675.

5. Luther, *To the German Nobility*, p. 317.
6. Scofield, *Scofield Reference Bible*, p. 1332.
7. Cumont, *The Mysteries of Mithra*, p. 167,
8. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 10, p. 403, art.
"Mithraism."
9. *Ibid.*, p, 510, art, "Monsignor."

CAPÍTULO DEZESSEIS

1. *Clarke's Commentary*, vol. 6,p, 601.
2. Hislop, *The Two Baby Ions*, p. 219,
3. *Ibid.*, p. 220.
4. *Ibid.*
5. Durant, *The Story of Civilization: The Reformation*, p. 21.
6. D'Aubigne, *History of the Reformation*, p. 11,
7. Flick, *The Decline of the Medieval Church*, p. 295,
8. D'Aubigne, *History of the Reformation*, p. 11.
9. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 3, p. 483, art,
"Celibacy."
10. *Ibid.*, pp. 483, 485,
11. *Ibid.*, p. 481.
12. *Ibid.*, p, 484.
13. *Ibid.*, vol, 11, p. 625, art. "Pcnance."
14. *Ibid.*
15. Snggs, *The Greatness that was Babylon*, p. 268.
16. Hislop, *The Two Babylons*, pp. 9,10.
17. *Fausset's Bible Encyclopedia*, p. 201, art.¹¹"High places."
18. *Clarke's Commentary*, vol. 2, p. 562.
19. *The Catholic Encyclopedia*, vol, 14, p. 779, art. "Tonsure,"
20. *Ibid.*
21. Hislop, *The Babylons*. p. 222.

CAPÍTULO DEZESETE

1. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 4, p. 277, art.
"Consecration."
2. Durant, *The Story of Civilization: The
Reformation*. p. 749.
3. *Encyclopedia of Religions*, vol. 2, p. 77.
4. *The Catholic Encyclopedia*, vol 14, p. 586, art.
"Theology."
5. *Ibid.*, vol 10, p. 6, ait. "Mass, Sacrifice of."

6. Ibid., p. 13.
7. Ibid., vol. 7, p. 346, art. "High Altar."
8. *The New Baltimore Catechism*, no. 3, question 931.
9. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 5, p. 581, art. "Eucharist."
10. Ibid., vol. 4, p. 176, art. "Communion under both kinds."
11. Ibid.
12. Durant, *The Story of Civilisation: The Reformation*. p. 741.
13. *The Catholic Encyclopedia*, vol, 10, p. 404, art. "Mithraism,"
14. *Encyclopedia of Religions*, vol. 2, p. 76.
15. Prescott's *Conquest of Mexico*, vol. 3,
16. Hislop t *The Two Babylons*, p. 232,
17. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 7, p. 439, art,. "Host."
18. Ibid., p. 492,
19. Ibid., p. 49T.
20. Hislop, *The Two Babylons*, p. 163.
21. Wilkinson, *Egyptians*, vol. 5, p. 353 (quoted by Hislop, p. 160).
22. Blavatsky, *Isis Unveiled*, p. 351.
23. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism*. p. 34.
24. Dobbins, *Story of the World's Worship*, p. 383.
25. Hislop, *The Two Babylons*. p. 162.
26. Lethaby, *Architecture, Nature, and Magic*, p. 29.
27. Ibid.
28. Nichols, *The Growth of the Christian Church*, p. 23.
29. Hislop, *The Two Babylons*, p. 164.
30. Scott, *Romanism and the Gospel*, p. 93.
31. Boettner, *Homan Catholicism*, p. 170.

CAPÍTULO DEZOITO

1. *The Jewish Encyclopedia*, vol. 4, p. 475, art. "Day"
2. *Eternity*, June, 1958.
3. *The Catholic Encyclopedia*, Vol. 8, p. 378, art. "Jesus Christ."
4. Pet tin gill, *Bible Questions Answered*, p. 182.
5. *Dake's Annotated Reference Bible*, p. 13.
6. Torrey, *Difficulties and Alleged Errors and Contradictions in the Bitie*, pp. 104-109.

CAPÍTULO DEZENOVE

1. Cirlot, *A Dictionary of Symbols*, p. 29.
2. *Fausset's Bible Encyclopedia*, p. 232.
3. *Encyclopedia of Religions*, vol. 2, p. 120, art, "Friday."
4. *Ibid.*, vol. 2, p. 105, art. "Fish."
5. Inman, *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism*, p. 55.
6. *Encyclopedia of Religions*, vol. 2, p. 105.
7. Hislop, *The Two Babylons*, p. 103.
8. *Ibid.*, p. 109.
9. *Ibid.*, p. 108.
10. *Encyclopedia of Religions*, vol. 2, p. 13,
11. *Ibid.*, p. 12.
12. Bonwiek, *Egyptian Belief*, p. 24.
13. *Encyclopedia Britannica*, art, "Easter."
14. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 5, p. 227, art, "Easter,"
15. *Encyclopedia Britannica*, art, "Easter."
16. *Fausset's Bible Encyclopedia*, p. 304.
17. *Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*, no. 1242,
13. Dobbins, *The Story of the World's Worship*, p. 330.
19. Smith, *Man and His Gods*, p. 86,
20. Urlin, *Festivals, Holy Days, and Saints' Days*, p. 89.
21. *Encyclopedia Britannica*, vol. 7. p. 859, art, "Easter,"
22. Hislop, *The Two Babylons*, pp. 104,105,
23. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 3, p, 484.
art, "Celibacy,"
24. *Ibid.*, vol. 11, p. 390, art. "Paganism."

CAPÍTULO VINTE

1. *Clark's Commentary*, vol. 5, p. 370, "Luke."
2. *The Catholic Encyclopedia*, vol 3, p, 724,
art. "Christmas."^{1*}
3. *Ibid.*, p, 725.
4. *The Encyclopedia Americana*, vol. 6, p, 623.
5. Frazer, *The Golden Bough*, p, 471.
6. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 3, p. 727,
art. "Christmas,"
7. *Ibid.*
8. Walsh, *Curiosities of Popular Customs*, p. 242.
9. Bailey, *The Legacy of Rome*, p. 242.
10. Walsh» *Curiosities of Popular Customs*, p. 242.
11. Urlin, *Festivals, Holy Days, and Saints' Days*, p. 222,
12. *Ibid.*, p. 238.

13. *The Catholic Encyclopedia*, vol. S, p. 491, art.
"John the Baptist."
14. Toland's *Druids*. p. 107 (quoted by Hislop, p. 116).
15. Hislop, *The Two Baby tons*, p. 114,
16. *Fausset's Bible Encyclopedia*, p. 510.
17. Durant, *The Story of Civilization: The Age of
Faith*, p. 746.
18. Urlin, *Festivals, Holy Days, and Saints' Days*, pp. 27, 28.
19. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 3, p. 24G, art. "Candles."

CAPÍTULO VINTE E UM

1. *The Catholic Encyclopedia*, vol. 3, p. 246, art. "Candles".
2. *Ibid.*, vol. 11, p. 90, art, "Paganism."
3. *Ibid.*, vol. 7, pp. 666-668, art. "Images."
4. *Ibid.*, vol. 14, p. 374, art. "Symbolism."
5. Sfiggs, *The Greatness that was Babylon*, pp. 182, 354.

BIBLIOGRAFIA

- Araki, Zsolt.** *The Popes-The History of How They are Chosen, Elected, and Crowned.* London: Macmillan, 1956.
- Artz, Frederick B.** *The Mind of the Middle Ages.* New York: Knopf, 1959.
- Babylon the Great Has Fallen.*** Watchtower Bible and Tract Society. New York, 1963.
- Bach, Marcus.** *Strange Sects and Curious Cults.* New York: Dodd, Mead, 1961,
- Bailey, Cyril (editor).** *The Legacy of Rome.* Oxford: The Clarendon Press, 1923,
- Benson, George Willard.** *The Cross-Its History and Symbolism.* Hacker, 1934.
- Blavatsky, H. P.** *Isis Unveiled,* London: Theosophical Publishing Co., 1923.
- Boettner, Loraine.** *Roman Catholicism.* Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1962.
- Bon wick, James. *Egyptian Belief and Modern Thought,*
- Bower, Archibald.** *History of the Popes,* Philadelphia: Griffith and Simon, 1845.
- Broderick, Robert C.** *Concise Catholic Dictionary.* Milwaukee: The Bruce Publishing Co., 1944.
- Brown, Lewis.** *This Believing World.* New York: The Macmillan Co., 1930.
- Brown, Sanger.** *Sex Worship and Symbolism of Primitive Races.* 1916.
- Bullinger, Ethelbert William.** *Number in Scripture.* Grand Rapids: Kregel, 1967.
- Bury, J. B. (editor).** *The Cambridge Ancient History-Egypt and Babylonia.* New York: The Macmillan Co. 1924.
- Busenbark, Ernest.** *Symbols, Sex, and the Stars in Popular Beliefs.* New York: The Truth Seeker Co., 1949.
- Calvin, John.** *Calvin's Tracts.*
Catholic Encyclopedia, The. New York, Robert Appleton Co., 1911.
- Chamdor, Albert.** *Ancient Cities and Temples-Babylon.* New York: Putnam. 1958.
- Chiniquy, Charles.** *Fifty Years in the Church of Rome.* New York: Christ's Mission, 1953 (first printed in 1885).
-The Priest, the Woman, and the Confessional. Sea Cliff, New Jersey: Christ's Mission n.d.

- Cirlot, J. E.** *A Dictionary of Symbols*, New York: Philosophical Library, 1962.
- Clarke, Adam.** *Clarke's Commentary*. New York, Nashville: Abingdon Press, n.d.
- Contenau, George.** *Everyday Life in Babylon and Assyria*. London: E. Arnold, 1954.
- Cotterill, H. B.** *Medieval Italy*. New York: Frederick A. Stokes Co., 1915.
- Cummings, Charles A.** *History of Architecture In Italy*. Boston and New York: Houghton, Mifflin and Co., 1901.
- Cumont, Frans.** *The Mysteries of Mithra*, New York: Dover Publications, 1956,
- Dake, Finis Jennings.** *Dake's Annotated Reference Bible*. Atlanta: Dake Bible Sales, 1963.
- D'Aubigne, J. H. Merle.** *History of the Reformation*. New York: Putnam, 1872.
- Doane, T. W.** *Bible Myths*. J. W. Bouton, 1928.
- Dobbins, F. S.** *Story of the worl Worship*.
- Doeswyck, Peter J.** *Ecumenicalism and Romanism*. Long Beach: Knights of Christ, 1961.
- Durant, Will.** *The Story of Civilization. Caesar end Christ* (vol. 3), *The Age of Faith* (vol. 4), *The Renaissance* (vol.5), *The Reformation* (vol. 6). New York; Simon and Schuster, 1944-1977.
- Eichler, Lillian.** *The Customs of Mankind*. Garden City 1924. *Encyclopedia Americana*. Danbury, Connecticut: Grolier Inc. *Encyclopedia Britannica*, New York; Henry G. Allen Co.
- Fausset, A. R.** *Fausset's Bible Encyclopedia*. Grand Rapids: Zondervan. n. d.
- Flick, Alexander C.** *The Decline of the Medieval Church*. New York: Knopf. 1930.
- Forlong, J. G. R.** *Encyclopedia of Religions*. New Hyde Park, New York: University Books, 1964.
- Foxe, John.** *Foxes Book of Martyrs (sixteenth century)*.
- Frazer, James George.** *The Gulden Bough*. New York: Macmillan Co., 1935.
- Gaster, Theodor H.** *Myth, Legend, and Custom in the Old Testament*. New York: Harper and Row. 1969.
- Goldberg, B. Z.** *The Sacred Fire*. New York: Liveright. 1930.
- Goldsmith, Elizabeth.** *An ansient Pagan Symbols*. Gale, 1929.
- Gross, J. B.** *The Heather Religion*.

- Hailey, Henry H.** *Hailey's Bible Handbook*, 24th edition, copyright 1965 by Hailey's Bible Handbook, Inc. and used by permission of Zondervan Publishing House.
- Hastings, James.** *Hasting's Encyclopedia of Religion and Ethics*. New York: Chas. Scribner's Sons, 1928.
- Hays, H. R.** *In the Beginnings, Early Man and His Gods*. New York; Putnam, 1963.
- Hefele, Karl Joseph.** *A History of the Councils of the Church*. Edinburgh: T. T. Clark, 1883-96.
- Hirn, Yrjo.** *The Sacred Shrine*, London: Macmillan and Co., 1912.
- Hislop, Alexander.** *The Two Babylons*. New York: Loizeaux Brothers. 1959 (first published 1853).
- Horan, Ellamay.** *Official Revised Baltimore Catechism* (Number 2).
- Inman, Thomas.** *Ancient Pagan and Modern Christian Symbolism*, Bristol; 1874,
- Ironside, H. A.** *Revelation*. New York: Loizeaux, 1953.
- Jewish Encyclopedia*. New York: Founk an Wagnalis Co.
- John, Eric (editor),** *The Popes-A Concisc Biographical History*. New York: Hawthorn Books, 1964.
- Josephus, Flavius.** *Antiquities of the Jews*, Philadelphia: John C. Winston Co., 1957 edition.
- Layard, Austen Henry.** *Nineveh and Its Remains*, New York: Putnam, 1849.
- Nineveh and Babylon*. New York; Harper and Brothers, 1853.
- Lea, Henry Charles.** *History of Sacerdotal Celibacy*. New York. The Macmillan Co., 1907.
- Lethaby, W. R.** *Architecture, Natue, and Magic*. London: Duckworth, 1956.
- Luther, Martin.** *To the German Nobility*.
- Masson, Georgina.** *The Companion Guide to Rome*. New York; Harper and Row. 1965.
- McLoughlin, Emmett.** *Crime and immorality in the Catholic Church*. New York: Lyle Stuart, 1962.
- Miller, Madeleine S.** *Harper's Bible Dictionary*. New York: Harper and Row, 1961.
- Nichols, Robert Hastings.** *The Growth of the Christian Church*. Philadelphia: The Westminster Press, 1941.

- Peck, Harry Thursdon (editor).** *Harper's Dictionary of Classkai Literature and Antiquities.* New York: Harper and Brothers. 1896.
- Pettingill, W. L.** *Bible Questions Answered.* Grand Rapids: Zondervan. n. d.
- Pfeiffer, Harold A.** *A Catholic Picture Dictionary.* Garden City, Now York: Garden City Books, 1948.
- Ridpsth, John Clarke.** *Ridpath's History of the World.* Cincinnati: Jones Publishing Co., 1912.
- Pignatorre, Theodore.** *Ancient Monuments of Rome.* London: Trefoil, 1932.
- Prescott, William H.** *History of the Conquest of Mexico.* London, 1843.
- Robinson, James Harvey.** *Earlier Ages,*
- Saggs, H. W, F.** *The Greatness that was Babylon.* Mentor Books, 1968 edition.
- Sansom, William.** *A Book of Christmas.* New York: McGrawHill. 1968.
- Schaff, Philip.** *History of the Christian Church.* Grand Rapids Eerdmmsis. 1960-62.
- Scofield, C. I.** *Scofield Reference Bible,* New York: Oxford University press, 1917.
- Scott, C. Anderson.** *Romanism and the Gospel* Philadelphia: Westminster, 1946.
- Seldes, George.** *The Vatican: Yesterday, Today, Tomorrow.* London: Harper and Brothers. 1934.
- Seymour, William Wood.** *The Cross in Tradition. History, and Art.* New York; G. V. Putnam's Sons, 1897.
- Smith, Homer W.** *Man and His Gods.* Boston: Little, Brown, and Co., 1953.
- Strong, James.** *Strong's Exhaustive Concordance of the Bibie.* New York, Nashville; Abingdon-Cokesbury Press, 1890.
- Torrey, R. A.** *Difficulties and Alleged Errors and Contradictions in the Bible.* 1909.
- Tucker, Thomas G.** *Life in the Roman World.* New York: Macmillan Co., 1911.
- Urlin, Ethel L.** *Festivals, Holy Days, and Saints' Days.* London, 1915.
- Vine, William Edwyn.** *An Expository Dictionary of New Testament Words.* Westwood, New Jersey: Revell, 1940.
- Walsh, Mary E.** *The Wine of Roman Babylon.* Nashville: Southern Publishing Association, 1945.

- Walsh, William S.** *Curiosities of Popular Customs.* Philadelphia: Lippincott Co., 1897.
- Weigali, Arthur.** *The Paganism in our Christianity.* New York: Putnam's Soa, 1928.
- Wells, H. G.** *The Outline of History.* Garden City, New York: Garden City Publishing Co., 1920.
- Wilder, John P.** *The Other Side of Rome.* Grand Rapids: Zondervan, 1959.
- Williams, Henry Smith (editor).** *The Historians' History of the World.* New York: The History Association, 1907.

ACERCA DO AUTOR



Solicitamos de Ralph Woodrow alguns dados para fazer dele uma pequena biografia para este livro e de nos enviou uma carta que foi enviada como uma circular para muitas pessoas na America. Achamos que esta carta, saída do intimo seria a melhor biografia. Assim sendo, transcrevemos-la a seguir:

Queridos Amigos,

Desejo abrir o coração para vocês nesta carta e compartilhar algumas coisas a respeito de minha vida e meu ministério. Parece algo impossível que este último agosto (1987) completa 32 anos desde Que fiz minha primeira tentativa em pregar. Tinha 15 anos de idade. Cada oportunidade que se seguiu, para servir ao Senhor, atendi com entusiasmo — ou para tocar piano, ou para falar, cantar, ou trabalhar ao redor do edifício da igreja. Lia a Bíblia — algumas vezes várias horas por dia. Escutava os pregadores pelo rádio e escrevia pedindo seu material sempre buscando as Escrituras "para ver se as coisas eram realmente assim." Memorizava versículos - várias centenas deles. Orava. Jejuava. Buscava a Deus. Quando estaca com 18 anos já recebia numerosas chamadas para "avivamento jovens."

Embora fosse um pregador muito jovem, as pessoas me apoiavam. Interessantemente ainda hoje muitas daquelas mesmas pessoas têm estado em contato comigo e me tem apoiado e sustentado meu ministério até agora.

Meu pai, Otto Elijah Woodrow, nasceu em Carl Junction, Missouri, e mudou-se para a Califórnia quando estava com 17 anos de idade. O pessoal da minha mãe também veio do Oeste de Missouri — minha mãe, Florence, nasceu, contudo, em Rockyford, Colorado — eventualmente estabelecendo-se em Riverside, Califórnia, onde meus pais mais tarde se conheceram e se casaram em 1936.

Um aqueduto para trazer água do Rio Colorado para a Califórnia do Sul estava sendo construído, que exigiu um longo túnel ao lado do Monte São Jacinto. Isto forneceu, direta e indiretamente, muitos empregos, o que era algo muito necessário naquele tempo. Meu pai conseguiu um emprego em um armazém de secos e molhados na cidadezinha de São Jacinto, onde eu nasci em 1939. A pequenina casa na qual eu nasci ainda está lá.

Logo-depois disto, meus pais se mudaram novamente para Riverside e compraram a casa na qual vivi todos os anos do meu crescimento, não tive irmãos ou irmãs, mas um cachorro vira lata perdido foi meu companheiro de infância por 12 anos. Riverside foi um ótimo lugar para crescer — céus sem poluição, pouco tráfego, e população pequena. Riverside está localizada numa posição que fica a uma hora de carro do mar, uma hora do deserto no sentido oposto, ou a uma hora das montanhas. Através dos anos conservei; Riverside como um endereço permanente para correspondência, para nosso ministério, embora eu tenha vivido em outros lugares, incluindo Visalia e Palm Springs, Califórnia.

Por causa da influência de minha mãe, cresci com a Bíblia e a igreja como uma parte básica de minha vida. Minha mãe sempre me encorajou, acreditou em mim, e apoiou meu ministério. Até hoje, ela está ativamente envolvida. Se você telefonar para o escritório, escutará a voz entusiasmada de minha mãe do outro lado da linha. Literalmente centenas de livrarias têm telefonado, fazendo pedidos de livros e existe um fluxo contínuo de cartas, testemunhos, pedidos de literatura, etc.

Outra pessoa especial em minha vida naqueles primeiros anos de desenvolvimento cristão foi meu tio, Sr. Eden Bloch Direta e indiretamente ele fez com que eu ficasse interessado no trabalho do Senhor, através de seu ensino, testemunho, e me emprestando livros. Tanto minha mãe como meu tio são administradores da Associação Evangélica Ralph Woodrow e isto desde 1961.

Sempre me perguntam em cartas a que denominação pertenço ou represento. Estando no trabalho do Evangelho desde a idade de 18 anos, tenho trabalhado, por falta de uma melhor palavra. Como um independente. Dizendo isto simplesmente quero dizer que não tenho uma mente sectarista. Aceito todos os que verdadeiramente crêem em Cristo como seu Salvador — independente da etiqueta. Tenho procurado aceitar cada verdade que vejo nas Escrituras - a despeito de que grupo ou denominação possa ou não possa ensinar essa verdade.

Tenho tido a oportunidade de viajar e falar em umas 300 igrejas através dos anos, com reuniões de uma noite a quatro semanas ou mais tenho também realizado reuniões no Canadá e no México tenho estado no Havaí e nas partes mais distantes dos Estados Unidos. “Agradeço a Deus por abrir portas e abrir corações aonde quer que eu vá.”